

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O SÍFIFO: CONVERSAÇÃO E ESCRITA

Andréa dos Santos Processy

2010

O SÍSIFO: CONVERSAÇÃO E ESCRITA

Andréa dos Santos Processy

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Professor Doutor Auto Lyra Teixeira.

Rio de Janeiro

Agosto/2010

Processy, Andréa dos Santos.

O Sísifo: conversação e escrita/ Andréa dos Santos

Processy. – Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2010.

viii, 120 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Professor Doutor Auto Lyra Teixeira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ / Programa de

Pós-graduação em Letras Clássicas, 2010.

Referências Bibliográficas: f. 106-108.

1. Análise da Conversação. 2. Língua grega. 3. Sísifo. I.
Teixeira, Auto Lyra. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas.
III. Título.

O SÍSIFO: CONVERSAÇÃO E ESCRITA

Andréa dos Santos Processy
Orientador: Professor Doutor Auto Lyra Teixeira.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Examinada por:

Presidente, Professor Doutor Auto Lyra Teixeira, UFRJ

Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta, UFRJ

Professora Doutora Tania Martins Santos, UFRJ

Professora Doutora Shirley Fátima G. de Almeida Peçanha, UFRJ, Suplente

Professor Doutor Antônio José Jardim e Castro, UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Agosto de 2010

AGRADECIMENTOS

Ao Nosso Deus, Jesus Cristo, que, por amor e bondade, permitiu a realização deste trabalho.

Ao meu esposo, Wendel Processy, pela confiança, incentivo e amável cooperação.

Ao professor Doutor Auto Lyra Teixeira, orientador deste trabalho, pelo conhecimento, amizade e atenção.

Ao professor Doutor Mário Eduardo Martelotta pela paciência e gentil colaboração.

Aos professores e colegas da graduação e pós-graduação, que tanto acreditaram no meu trabalho e me incentivaram.

À minha mãe, Maria Helena, que, ao dizer “sim” à vida, possibilitou que eu chegasse aonde cheguei, com muita dignidade.

Ao meu lindo filho João, um príncipe de 7 meses de idade, que, por ser um bebê tão bom, permitiu a concretização dessa dissertação.

SUMÁRIO

Lista de tabelas.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1. METODOLOGIA.....	11
2.ASPECTOS DO SÍSIFO.....	13
2.1 OCORPUS PLATONICUM.....	13
2.2 O DIÁLOGO NO <i>SÍSIFO</i>	15
3.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
3.1ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E ESCRITURA DO DIÁLOGO.....	19
4.TRADUÇÃO DO <i>SÍSIFO</i>.....	24
5.O <i>SÍSIFO</i>: A ESCRITURA DO DIÁLOGO	34
5.1 <i>SÍSIFO</i> E CONVERSAÇÃO	34
5.2 A REALIZAÇÃO DOS ELEMENTOS CONVERSACIONAIS.....	38
5.2.1 Partículas ἦ, ἀλλά, ἄρα, ἄρα, οὖν e οὐκοῦν.....	38
5.2.2 Combinações ἀρ' οὖν e ἦ γάρ	70
5.2.3 Advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις.....	76
5.2.4 Pronome interrogativo τί, seguido da partícula δέ.....	78
5.2.5 Forma pronominal ἔγωγε e respostas πάνυ γε e πάνυ μὲν οὖν.....	80
5.2.6 Expressões recorrentes: ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός·, νῆ Δία·.....	91
5.2.7 Vocativos.....	95
6. CONCLUSÃO.....	101

Referências Bibliográficas.....	106
Resumo.....	109
<i>Abstract</i>.....	110
Anexo A – <i>corpus</i> selecionado.....	111

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Realização da partícula ἦ	41
TABELA 2 – Realização da partícula ἄλλά.....	46
TABELA 3 – Realização da partícula ἄρα.....	52
TABELA 4 – Realização da partícula ἄρα	53
TABELA 5 – Realização da partícula οὖν.....	61
TABELA 6 – Realização da partícula οὐκοῦν.....	69
TABELA 7 – Realização da combinação ἄρ' οὖν.....	72
TABELA 8 – Realização da combinação ἦ γάρ	76
TABELA 9 – Realização do advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις.....	78
TABELA 10 – Realização do pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ.....	80
TABELA 11 – Realização da forma pronominal ἔγωγε	86
TABELA 12 – Realização da resposta πάνυ γε.....	89
TABELA 13 – Realização da resposta πάνυ μὲν οὖν	90
TABELA 14 – Realização das expressões ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός· e νὴ Δία· ...	94
TABELA 15 – Realização dos vocativos ὦ Σίσυφε.....	100

INTRODUÇÃO

O nosso interesse em estudar os marcadores conversacionais no *corpus platonicum* surgiu quando, ao trabalharmos no projeto de Iniciação Científica¹, tivemos, eu e meu orientador, a oportunidade de investigar alguns marcadores conversacionais gregos, na tentativa de aplicar uma teoria linguística moderna, nesse caso a Análise da Conversação, com ótica funcionalista, num texto de língua não mais falada – o dialeto ático dos séculos V/IV a.C.

Assim sendo, optamos por investigar o percurso da argumentação no *Sísifo*, considerado um diálogo apócrifo, destacando marcadores iniciais, tais como pronome interrogativo e partículas interrogativas, e marcadores finais, como o advérbio interrogativo πῶς e a combinação ἦ γάρ, por exemplo. Posteriormente, surgiu a oportunidade de estudar com o Projeto Discurso e Gramática, do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que enriqueceu nossa pesquisa com outras teorias da Linguística Funcional.

Estudos acadêmicos anteriores apontaram a possibilidade da aplicação de conceitos da Análise da Conversação em textos de língua grega antiga²; no entanto, ainda não encontramos trabalhos sobre marcadores conversacionais, com base no funcionalismo, abordando algum texto incluído no *corpus platonicum*.

Desse modo, com esta dissertação, propomos a aplicação de conceitos da Análise da Conversação num texto em grego antigo, o *Sísifo*, associada à perspectiva teórica do funcionalismo, tomado em sentido amplo, segundo a qual “tudo se explica em referência como a língua é usada, isto é, em como se obtém a comunicação com essa língua” (Neves, 2002: 163).

Ao associar aspectos teóricos de vertentes conhecidas da linguística contemporânea no estudo de uma língua clássica da antiguidade, a nossa dissertação ressalta dados importantes no estudo do percurso da argumentação numa comunicação filosófica como o *Sísifo*, chamando a atenção para marcas de oralidade presentes na escritura do diálogo.

¹ Nossa pesquisa de Iniciação Científica ocorreu no ano de 2007, tendo como orientador o professor doutor Auto Lyra Teixeira, do departamento de Letras Clássicas. Tal pesquisa resultou em apresentação na XXIX Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural, sob o título “Uma análise conversacional do diálogo pseudoplatônico *Sísifo*”, e posterior projeto de dissertação de Mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas.

² TEIXEIRA, Auto Lyra. **O Hípias Maior de Platão: uma abordagem conversacional**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

O Eutífron de Platão: alguns recursos de linguagem. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas), UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

Numa perspectiva funcionalista, vale o postulado básico de que entender como uma língua é usada e como ela se estrutura depende da consideração de como ela é inserida nos mais diversos contextos, sejam eles culturais (significados de mundo compartilhados pelos interlocutores), sociais (determinantes das identidades de cada interlocutor) ou cognitivos (experiências e conhecimentos); além disso, não podemos esquecer que a conversação é fundamental nas interações entre homens e mulheres dos mais diversos tempos e lugares. O nosso paradigma teórico inclui assim o papel desempenhado pelos interlocutores em seus contextos, tornando mais uma vez relevante o estudo dos marcadores conversacionais, os quais não se restringem à estrutura da língua, mas sugerem também elementos paralinguísticos, como o tom de voz e a pausa, e extralinguísticos, como gestos e expressões faciais.

Para melhor compreensão deste trabalho, organizou-se esta dissertação em seis capítulos. No capítulo 1, apresenta-se a metodologia utilizada para determinar os fatores que norteiam a nossa pesquisa; assim sendo, inserimos a nossa pesquisa na pragmática, associando a vertente funcionalista ao enfoque conversacional.

No capítulo 2, após breves considerações sobre o *corpus platonicum*, segue-se uma apresentação da conversa encenada nesse diálogo, com vistas a realçar a possibilidade de uma abordagem conversacional.

No capítulo 3, são explicitados os pressupostos teóricos da nossa abordagem, chamando-se a atenção para o funcionalismo como um estudo alicerçado no uso da língua, e relacionando Análise da Conversação e escritura do diálogo.

No capítulo 4, é apresentada a tradução integral do *Sísifo*.

No capítulo 5, são destacados alguns aspectos conversacionais importantes para a compreensão da sua estrutura dialógica refletida na escritura da obra e a apresentação de como se realizam diversos marcadores, tanto os iniciais como os finais.

Por fim, segue-se o capítulo 6, com a conclusão de nossa pesquisa.

A abordagem de um texto clássico sob a ótica conversacional nada mais faz que continuar o constante diálogo com os antigos, buscando chamar a atenção para características marcantes do texto, para quem quer que se interesse pela escritura de um diálogo platônico. Ademais, o espaço da universidade pública não deixa de sugerir e descortinar possíveis novos horizontes pedagógicos, estimulando o diálogo como os vários níveis de ensino, ao associar pesquisa, extensão e formação do magistério.

1. METODOLOGIA

Apresentamos a seguir a metodologia utilizada neste trabalho, alguns aspectos linguísticos importantes para a nossa pesquisa e o texto estabelecido adotado como *corpus*.

A pesquisa adota uma perspectiva teórica do funcionalismo, tomado em sentido lato, com base nos autores Cunha, Oliveira e Martelotta (2003) e Givón (1995), pelo fato de o funcionalismo analisar a língua não como um objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais, mas por considerá-la um instrumento de comunicação, cuja estrutura é maleável e sujeita a pressões provenientes das diferentes situações comunicativas. Para o funcionalismo, a língua é um instrumento de interação social, utilizado com a intenção de estabelecer relações comunicativas. Essa interação social que se dá pela língua é uma atividade estruturada também por regras de conversação.

Quanto aos conceitos da Análise Conversacional aplicados no estudo do *Sísifo*, são utilizados, basicamente, os seguintes autores H. Sacks, E. Schegloff e G. Jefferson (1974), Marcuschi (2006) e Kerbrat-Orecchioni (2006); quanto ao estudo das partículas gregas, Deniston (1954), Labèy (1950) e Places (1929); para a aplicação dos conceitos da Análise da Conversação, no texto grego do *Sísifo*, seguimos os passos pioneiros de Teixeira (1993), (2001) e (2008).

O nosso enfoque conversacional ressalta, assim, o uso de supostos marcadores, sugestivos no percurso da argumentação traçado pela escritura do diálogo no texto estabelecido do *Sísifo*. Por conseguinte, destaca-se o emprego (1) das partículas: ἦ, ἀλλά, ἄρα, ἄρα, οὖν e οὐκοῦν; (2) das combinações: ἄρ' οὖν e ἦ γάρ; (3) do advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις; (4) do pronome interrogativo τί, seguido da partícula δέ; (5) da forma pronominal ἔγωγε e das respostas πάνυ γε e πάνυ μὲν οὖν; (6) das expressões recorrentes: ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός·, νῆ Δία·, (7) dos vocativos.

O estudo desses marcadores conversacionais aponta a sua posição, que por vezes não é fixa, podendo aparecer no início, meio ou fim do turno, a sua combinação com outros elementos do texto, e a sua importância para a constatação de marcas da oralidade presentes no diálogo escrito, como, por exemplo, a expectativa de uma confirmação da parte do falante e as elipses próprias da conversação.

Para a presente abordagem do *Sísifo*, selecionou-se como *corpus* o texto estabelecido por Joseph Souillé para a Les Belles Lettres, com base nos seguintes manuscritos: *Parisinus* 1807=A, *Vaticanus graecus* 1=O, *Vindobonensis* 21=Y, *Laurentianus* 80,17=L, *Vaticanus graecus* 1029B=V, *Parisinus* 3009=Z.

A escolha de um diálogo apócrifo foi norteadada pela oportunidade de não somente abordar um texto menos conhecido do *corpus platonicum*, mas também de estudar os marcadores conversacionais num texto grego, com vistas a constatar talvez um ou outro emprego diferente do apresentado nos conhecidos manuais das partículas gregas.

2. ASPECTOS DO *SÍSIFO*

Continuando a nossa jornada, façamos agora uma breve incursão pelo *corpus platonicum*, para localizarmos o *Sísifo* entre os diálogos supostamente apócrifos, ou pseudoplatônicos, e, em seguida, apresentarmos a interação encenada no texto estudado, com as duas personagens, Sócrates e Sísifo, tratando da questão da deliberação³.

2.1 O *CORPUS PLATONICUM*

Dentre os escritores da Antiguidade, Platão é aquele cuja obra nos chegou praticamente completa. O filósofo optou por apresentar suas comunicações filosóficas em forma de diálogos. A escritura do diálogo platônico põe em cena Sócrates e um ou mais interlocutores conversando sobre determinadas teses na democrática Atenas do V século a.C. Platão não aparece diretamente nesses diálogos, deixando para o leitor tirar suas próprias conclusões ao final da leitura. Por isso, é muito difícil interpretar os seus diálogos.

Com vistas a estabelecer a cronologia dos diálogos atribuídos a Platão, os estudiosos combinam duas metodologias: a análise estilística e a forma literária. Partindo das *Leis*, reconhecidamente a última obra de Platão, esses especialistas apontam a recorrência de certas expressões e a semelhança do estilo, passando a ordenar os diálogos dos últimos para os primeiros. A análise estilística permite estabelecer, com alguma precisão, o grupo dos últimos diálogos. Quanto mais se volta no tempo, no entanto, a ordenação vai ficando mais difícil. À análise estilística vem, então, associar-se o estudo da forma literária; a elegante prosa platônica ostenta uma riqueza e uma variedade sem precedentes, sobretudo nos chamados diálogos dramáticos do primeiro e do segundo períodos, mostrando-se mais austera e didática no terceiro período, dos últimos anos de Platão; essas características possibilitam uma ordenação, senão totalmente precisa, pelo menos bastante satisfatória, em relação à maioria dos diálogos.

Desse modo, embora reconheçamos não ser fácil estabelecer uma cronologia dos diálogos atribuídos a Platão, a divisão usual da sua filosofia em três períodos não deixa de sugerir um bom esquema para entendermos a evolução do seu pensamento.

Os primeiros diálogos, chamados “socráticos”, caracterizam-se pela aporia, não chegando os interlocutores, aparentemente, a uma conclusão. A intenção de Platão ao escrevê-

³ Não foi nosso objetivo realizar um estudo interpretativo da pseudepigrafia do *Sísifo*, um diálogo apócrifo, ou seja, não escrito por Platão, associando-o a outras obras incluídas no *corpus platonicum*. A proposta desta dissertação se atém ao enfoque conversacional da estrutura do diálogo no texto em questão.

los pode ter sido despertar o questionamento no leitor a respeito de determinadas questões sobre as quais este julgava ter absoluta certeza. Seguindo as pegadas de Sócrates, Platão pensa ser melhor descobrirmos a nossa ignorância, e procurarmos conhecer a verdade, que nos acomodarmos no erro. Nesses primeiros diálogos, após um encontro aparentemente casual, Sócrates pede ao interlocutor uma definição, como a virtude (*areté*), no diálogo *Mênon*, por exemplo. Sócrates, porém, não quer um “enxame” de virtudes, mas a definição da própria virtude, ou seja, a forma que todas as chamadas virtudes têm em comum, e que faz delas virtudes. O interlocutor, então, dá uma definição da virtude, procurando apreender a sua forma. A definição sugerida, porém, não resiste ao exame (*élenkhos*), e o interlocutor de Sócrates se contradiz. Os entendidos costumam incluir nesse período os diálogos *Apologia de Sócrates*, *Protágoras*, *Críton*, *Laquês*, *Íon*, *Lísis*, *Cármides*, *Eutífron*, *Hípias Menor* e *Hípias Maior*. Este último diálogo, porém, não é considerado autêntico por vários estudiosos.

O segundo período, o dos escritos intermediários, incluiria os diálogos *Mênon*, *Górgias*, *Eutidemo*, *Banquete*, *Fédon*, *Menexeno* e o começo de *República*. Platão teria desenvolvido a teoria das formas. O mestre da Academia pensa por hipóteses. As questões suscitadas por Sócrates, sobre as definições, levariam Platão a postular a existência de formas distintas das coisas às quais normalmente se referem as palavras. A forma da justiça, por exemplo, seria o modelo pelo qual todas as outras coisas são consideradas justas ou não. O verdadeiro conhecimento seria o conhecimento das formas, subordinadas à forma do Bem.

No terceiro período, a teoria das formas passaria por uma revisão crítica. O último grupo de livros compreenderia, além da conclusão de *República*, os diálogos *Teeteto*, *Parmênides*, *Crátilo*, *Fedro*, *Sofista*, *Filebo*, *Político* e os últimos escritos, *Timeu*, *Crítias* e *Leis*.

Já o *Epínomis* é uma obra cuja autoria é contestada, sendo considerada como um complemento das *Leis*, atribuído, por muitos eruditos, a Filipo de Opunte.

Seis diálogos incluídos no *corpus platonicum* são considerados suspeitos (de autoria duvidosa): *Segundo Alcibíades*, *Hiparco*, *Minos*, *Rivais*, *Teages* e *Clitofonte*.

Os diálogos restantes são, geralmente, considerados, apócrifos (não escritos por Platão); são os seguintes: *Da justiça*, *Da virtude*, *Demódoco*, *Sísifo*⁴, *Eríxias* e *Axíochos*.

As treze *Cartas*, por sua vez, mesmo se forem consideradas apócrifas, estão muito próximas dos anos de Platão, podendo ser utilizadas como testemunho de sua época.

⁴ Objeto de análise do nosso enfoque conversacional, o diálogo *Sísifo* teria sido escrito em meados do século IV a.C.

2.2 O DIÁLOGO NO *SÍSIFO*

O autor do nosso diálogo põe em cena duas personagens: Sócrates e Sísifo, um notável farsálio da época. Sócrates se dirige ao interlocutor, dizendo que, no dia anterior, ficou esperando por ele em vão, para que eles pudessem assistir juntos à apresentação de Estratônico, um citarista famoso. Sísifo justifica a sua ausência alegando que aconteceu de os magistrados da sua comunidade deliberarem justamente nesse dia, e ele teve de deliberar com eles, pois entre os farsálios, é lei obedecer aos magistrados, quando eles ordenam que se delibere com eles.

Após dizer ser bom que se obedeça à lei e ter a reputação de bom conselheiro entre os concidadãos, assim como Sísifo é considerado, Sócrates diz que eles precisariam de muito tempo e conversa para tratar da boa deliberação, e, sendo assim, pergunta se Sísifo poderia lhe dizer o que é deliberação.

Diante do espanto de Sísifo com a possibilidade da ignorância de Sócrates a respeito dessa prática tão costumeira entre os gregos, o ateniense acrescenta que realmente não sabe o que é a deliberação se ela não passa de mera conjectura, assemelhando-se a uma espécie de adivinhação a respeito de determinado assunto do qual nada sabemos, e onde acontece de acertarmos, quando dizemos a verdade.

Sísifo recusa essa sugestão e propõe a seguinte definição: deliberação é a abordagem de um assunto sobre o qual se tem um conhecimento imperfeito, ou seja, do qual já se sabe alguma coisa; por conseguinte, a deliberação seria a busca do que é conveniente fazer.

Sócrates quer então saber se a deliberação é como buscar alguém encontrar o melhor a respeito de um assunto, para que ele mesmo possa agir, sem ainda ter uma ideia clara desse assunto, mas já tendo em mente alguma coisa. Sísifo concorda.

Interrogado por Sócrates sobre se os homens buscam tanto o que sabem quanto o que não sabem, Sísifo responde que buscamos as duas coisas. Sócrates quer saber então se, com isso, Sísifo quer dizer que os homens buscam ambas as coisas, as que sabem e as que não sabem, assim como se alguém que conhecesse Kalístrato, mas não soubesse onde ele está, pudesse descobrir seu paradeiro, e não quem seria Kalístrato. Sísifo responde que sim. Então, prossegue Sócrates, essa pessoa não buscaria conhecer Kalístrato, pois isso ela já conhece, mas ela o buscaria onde quer que ele estivesse. Assim sendo, ela não buscaria apenas encontrá-lo, se fosse necessário, mas encontrá-lo imediatamente. Desse modo, Sócrates leva Sísifo a aceitar a hipótese de que o que buscamos é o que ainda não conhecemos, e não o que nós já conhecemos. Portanto, os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não

conhecem. Sócrates propõe um exemplo tirado da geometria: quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, através da medida, eles buscam saber qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria. Os geômetras buscam, assim, saber o que não conhecem. É o que acontece também no que diz respeito ao problema da duplicação do cubo, aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo; eles não procuram saber se é cubo ou não, pois isso eles já sabem. O mesmo nós podemos dizer dos fisiólogos: Anaxágoras, Empédocles e os outros, quando discutem sobre o ar, querem saber se ele é ilimitado ou se tem um limite, mas não o que é o ar, pois isso eles já sabem.

Em tudo o mais também é assim: ninguém procura as coisas que sabe, mas de preferência as coisas que não sabe. Por consequência, quando deliberamos sobre um assunto, nós buscamos o que ainda não sabemos a respeito da questão, e o que nos impede de descobrir o que estamos procurando é a ignorância. No entanto, é impossível para um homem deliberar sobre música, se ele nada sabe de música, nem como deva tocar a cítara nem qualquer outra coisa das que devem ser feitas de acordo com a música. O mesmo podemos dizer sobre a estratégia e a arte da navegação. Aquele que não conhecer nenhuma dessas duas artes não pode deliberar sobre uma ou outra dessas coisas, quando ele tiver de fazê-lo. Como ele poderia comandar um exército ou pilotar um navio, se ele próprio nunca soube comandar nem pilotar? E isso vale para todas as outras coisas, isto é, não podemos saber nem deliberar sobre coisas que não conhecemos. Mas se poderia buscar aquilo que não se conhece. A busca, portanto, não poderia mais ser a mesma coisa que a deliberação, porque a busca se relaciona certamente com coisas que não se sabe, e não parece ser possível para um homem deliberar sobre coisas que ele não conhece. Por isso, é impossível deliberarmos a respeito de uma arte da qual nada sabemos a respeito de como devemos proceder.

Podemos buscar, por conseguinte, aquilo que ignoramos. Só que nós não devemos identificar essa busca com a deliberação, pois a busca é direcionada para o que não conhecemos, enquanto a deliberação seria voltada para as coisas que já conhecemos. Se não sabemos nada a respeito de uma questão, em vez de buscarmos isso que não sabemos, agiremos com mais discernimento se procuramos aprender com quem entende do assunto. Desse modo, acrescenta Sócrates, Sísifo e seus concidadãos perderam tempo, discutindo a respeito de algo que ignoravam, ao invés de se informarem com alguém que pudesse lhes esclarecer sobre o assunto.

Se admitimos, porém, ser a deliberação alguma coisa, e não que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, então uns são superiores aos outros em relação ao bem

deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que são diferentes uns dos outros. E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, na deliberação, uns seriam superiores aos outros. Entretanto, todos, tanto aqueles que deliberam bem quanto aqueles que deliberam mal deliberam sobre coisas que ainda estão por vir. E as coisas que estão por vir ainda não são. Pois, se fossem, elas não mais estariam para vir, mas já seriam. Então, se ainda não são, elas assim nem sequer surgiram ainda. Então, se ainda não nasceram, ainda não possuem nenhuma natureza própria.

Então, os que deliberam bem e os que deliberam mal, todos eles outra coisa não fazem, quando deliberam sobre coisas que ainda estão para vir, senão deliberar sobre coisas que não são, ainda não nasceram, e não possuem nenhuma natureza. Então, não parece ser possível para alguém encontrar o que não é, seja bem ou mal. Como, dentre muitos arqueiros, poderíamos reconhecer quem seria bom e quem seria ruim? Teríamos de lhes ordenar que atirassem num alvo. Aquele que acertasse o alvo o maior número de vezes seria proclamado vencedor. Mas, se nenhum alvo lhes fosse estabelecido para atirar, mas cada um pudesse atirar ao bel-prazer, não poderíamos reconhecer o que atira bem com o arco e o que atira mal. Da mesma forma, ficaríamos embaraçados ao tentarmos reconhecer os que deliberam bem ou mal, se eles não conhecessem o assunto sobre o qual estariam deliberando. Não se pode encontrar o que não é. Logo, como não é possível encontrar o que não é, ninguém mais aconteceria de deliberar sobre as coisas que não são. Pois, as coisas que estão por vir estão entre as coisas que não são. Então, não se encontrando as coisas que estão por vir, ninguém mais dentre os homens poderia ser bom ou mal conselheiro. Um não poderia ser melhor ou pior conselheiro do que o outro, se também não pudesse ser mais ou menos capaz de encontrar o que não é. Se a deliberação é mais do que uma conjectura ou adivinhação, e nós somos detentores de um conhecimento efetivo a respeito do assunto do qual estamos tratando, nós podemos, nesse caso, distinguir o bom do mau conselheiro, assim como, nas demais artes, distinguimos os competentes dos incompetentes. Entretanto, bons ou maus conselheiros, quando nós deliberamos, nós estamos deliberando sobre o quê? Evidentemente, estamos deliberando sobre uma ação a ser realizada; o objeto da deliberação, portanto, situa-se no futuro; ele ainda não é, mas virá a ser. Ora, o futuro ainda não aconteceu, não é ainda. E não podemos buscar o que não é. Sendo assim, a distinção entre bons e maus conselheiros é artificial, posto que não somos capazes de apreender o objeto da deliberação.

Diante da impossibilidade de não podermos ainda afirmar que sabemos o que é a deliberação ou mesmo aquilo sobre o qual se delibera, Sócrates sugere que o tema necessitaria de novas abordagens, encerrando-se abruptamente o diálogo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E ESCRITURA DO DIÁLOGO

É na situação de interação que acontece o uso da linguagem. Por esse motivo, ou seja, por privilegiar o estudo da língua em seus contextos efetivos de uso, que o presente trabalho fundamenta-se nos princípios funcionalistas que entendem a linguagem como instrumento de interação social, em que a conversação se faz presente, e conforme nos aponta Marcuschi (2006), uma das formas de linguagem a que estamos sujeitos é a conversação. O funcionalismo linguístico, visto em sentido amplo, difere das abordagens formalistas, não só por conceber a linguagem como instrumento de interação social, mas também porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, procurando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. Para o funcionalismo, as regularidades da língua ocorrem também por causa das condições discursivas, isto é, a estrutura linguística seria motivada pela situação comunicativa e os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática estariam relacionados e interdependentes.

Cunha, Costa e Cezario (2003:29), ao discorrerem sobre os pressupostos teóricos fundamentais do funcionalismo, afirmam:

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. A necessidade de investigar a sintaxe nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais.

A conversação é uma atividade imprescindível nas sociedades dos homens.⁵ Como afirma Bakhtin, “o diálogo – a troca de palavras – é a forma mais natural da linguagem”⁶. Praticamente desde o nascimento, nós ficamos expostos a práticas conversacionais (lembremos a mãe conversando com o filho recém-nascido, e interagindo com ele, como se

⁵ A palavra conversação está associada ao verbo latino *conversare* (“dar voltas com”, “ir e vir”), assim como a palavra diálogo está associada ao verbo grego *dialégein* (“tratar com”); notemos que ambas as palavras se inserem no âmbito das interações, particularmente a interação verbal.

⁶ Apud Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006). **Análise da conversação: princípios e métodos.**

ele a entendesse plenamente), e dessas práticas nos valem por toda a vida. Como destaca VALLS (1997):

A conversação é uma das atividades mais caracteristicamente humanas. É a forma primeira e primária em que existe a linguagem, e temos de entendê-la também como uma prática social através da qual se expressam e se fazem possíveis outras práticas. Por meio das conversações, nós nos comportamos como seres sociais: mantemos relações com outras pessoas conversando, buscamos conseguir nossos objetivos conversando, cortamos relações conversando ou deixando de conversar. Mesmo ao pensar, quando estamos sozinhos, nós o fazemos, quase sempre, em forma de diálogo.⁷

No amplo universo das interações humanas, é fundamental a distinção entre interações verbais, das quais as mais centrais são as conversações, e as interações não-verbais, sendo as mais comuns as idas e vindas dos homens em seu dia-a-dia. As conversações podem ser bastante variadas, desde um lero-lero a uma conferência *on-line*, passando pela conversa formal em qualquer ambiente familiar. As conversações em geral podem ainda ser consideradas o modelo das interações verbais.

A linguagem verbal é essencialmente comunicativa, demandando uma *alocução*, ou seja, a existência de um destinatário fisicamente distinto do falante, uma *interlocução*, isto é, uma troca de falas – o diálogo, onde os interlocutores permutam os papéis do emissor e receptor, numa comunicação oral face a face, e uma *interação*, com os interlocutores exercendo um sobre o outro uma influência recíproca. Para que esse intercâmbio comunicativo se efetue, é preciso que os interlocutores cooperem, engajando-se na troca e sinalizando um para o outro que estão participando efetivamente da conversa. Nesse sentido, destacam-se os *sinais do emissor*, os chamados recursos fáticos, dos quais se vale o falante para se assegurar da escuta do interlocutor, os *sinais do receptor*, os chamados reguladores ou sinais de escuta, e a *sincronização interacional*, na qual é fundamental a alternância dos turnos de fala.

O estudo da conversação se insere na pragmática. A conversação, com efeito, se dá em determinado contexto, ou seja, em situações de comunicação concreta. O contexto inclui (1) o lugar (quadro espacial), como espaço meramente físico onde se desenvolve a interação ou como sede de características institucionais ou sociais importantes para o acontecimento da conversa, e (2) o momento da interação verbal (quadro temporal), visto que toda conversação

⁷ A tradução é nossa.

se realiza durante certo tempo; o discurso, por consequência, deve não apenas ser adequado ao lugar, mas também ao momento do diálogo. No contexto conversacional, também não podemos deixar de levar em consideração o objetivo da conversação, dividindo-se as interações verbais em interações com finalidade externa (como uma consulta médica, por exemplo) e interações de cunho mais gratuito (como quando “jogamos conversa fora”).

Para que haja conversação, evidentemente, temos de ter, no mínimo, dois interlocutores numa interação face a face; quando três interlocutores se empenham numa interação verbal, temos, segundo Orecchioni (2006), um triálogo; mais de três interlocutores, por sua vez, estabelecem um poliálogo. Nesses grupos conversacionais, as características individuais dos interlocutores não deixam de ser fundamentais, assim como as suas relações mútuas. Quanto à participação efetiva desses interlocutores (quadro participativo), os papéis interlocutivos são igualmente decisivos, pois toda troca comunicativa implica a existência de um emissor, ou falante, em princípio único (a não ser quando há sobreposição de fala), e de um ou vários receptores ou ouvintes (“reconhecidos” ou simples espectadores). Os participantes “reconhecidos” integram o grupo conversacional como destinatários diretos ou alocutórios e destinatários indiretos ou “laterais”; os espectadores, por sua vez, podem ser receptores ocasionais ou espíões. O destinatário direto pode ser identificado a partir de certo número de índices de alocação produzidos pelo falante, índices esses que podem ser de natureza verbal ou não-verbal.

Na abordagem das interações verbais, a Análise da Conversação busca explicitar as regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas de todos os gêneros, com vistas a compreender como os interlocutores cooperam ao conversar, como percebem que estão se entendendo, como estabelecem sequências no desenvolvimento da argumentação, como solucionam problemas ao interagir e como se valem das aptidões linguísticas, para facilitar o entendimento mútuo. Podemos conceber a Análise da conversação de duas maneiras: (1) de um modo mais amplo, a análise conversacional engloba as atividades realizadas pelos estudiosos dos mais variados matizes, ou seja, as conversas de todo tipo, desde as conversações espontâneas até as interações verbais as mais formais, como uma conferência numa universidade, uma consulta médica, um interrogatório policial etc.; (2) de um modo mais específico, a análise conversacional restringe-se às interações verbais do cotidiano, como um simples bate-papo, por exemplo, adotando um enfoque basicamente etnometodológico ou conversacionalista.

Em nossa dissertação, realçamos a conversação como uma interação verbal oral organizada por turnos, reproduzida na escritura do diálogo. Podemos definir o turno como

tudo o que um interlocutor faz ou fala enquanto está com a palavra. A troca de turnos é uma característica essencial de uma atividade conversacional, destacando-se a tomada de turno como uma operação fundamental para a coerência da conversação. Quando as pessoas participam de uma interação, reconhecem a necessidade de seguir algumas normas: enquanto um interlocutor fala, o(s) outro(s) precisa(m) cooperar ouvindo e esperando sua vez, pois se não houver o reconhecimento da parte de cada um dos interlocutores da necessidade de falar um de cada vez, a conversação se torna inviável. Partindo da organização por turnos, constatamos assim as cinco características básicas de uma interação verbal (Marcuschi, 2006): (1) interação entre pelo menos dois falantes; (2) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; (3) presença de uma sequência de ações coordenadas; (4) realização em uma identidade temporal; (5) envolvimento numa “interação centrada”. Podemos ainda, com H. Sacks, E. Schegloff e G. Jefferson (1974), estabelecer um esquema simples para as conversações, destacando quatorze itens: (1) troca de falantes; (2) fala um de cada vez; (3) é comum os falantes fazerem uso da palavra simultaneamente, ainda que por pouco tempo; (4) as transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição de vozes são comuns, ao contrário das longas pausas e sobreposições externas; (5) a ordem dos turnos não é fixa, mas variável; (6) o tamanho do turno não é fixo, mas variável; (7) a duração da conversa não é fixa, nem previamente fixada; (8) o que cada falante dirá não é fixo, nem previamente fixado; (9) a distribuição dos turnos não é fixa; (10) o número de participantes é variável; (11) a fala pode ser contínua ou descontínua; (12) são usadas técnicas de atribuição de turnos; (13) podem ser usadas várias unidades na construção dos turnos: lexema, sintagma, sentença, entre outros; (14) alguns recursos de reparação resolvem falhas ou violações nas tomadas de turnos.

Com relação à tomada de turno, os autores apresentam duas técnicas básicas, (1) quem está com a palavra seleciona o próximo falante, e este toma a palavra dando início ao turno seguinte; (2) quem está com a palavra para, e o próximo falante, pela auto-escolha, toma a palavra dando início ao turno seguinte.

Quando estudamos uma conversação, deparamos logo de início com a constatação da relação entre oralidade e escrita. Durante a maior parte da caminhada dos homens, a oralidade se perdeu ou foi conservada pela memória. Com o surgimento da tecnologia da escrita, esta passou a registrar a oralidade. Inicialmente considerada uma auxiliar da memória, a escrita foi com o tempo adquirindo um prestígio negado à oralidade. Ademais, só recentemente a tecnologia de gravação possibilitou o resgate de uma oralidade sem o uso da escrita. Mesmo assim, a escrita ainda conserva prestígio em tempos de internet, não obstante a oralidade venha conquistando espaço em todos os setores da sociedade. Somos basicamente orais! Por

consequente, a análise conversacional chama a atenção para o primado da oralidade, em detrimento da escrita⁸. Os estudiosos da conversação, em princípio, não julgam adequadas as reproduções por escrito de diálogos, por mais que os escritores tentem captar o “tom de conversa” próprio das interações verbais. A escritura do diálogo, no entanto, não deixa de refletir a estrutura da conversação, reproduzindo a alternância das falas (turnos) na ordem esperada, formando elas uma sequência e traçando o percurso de uma argumentação, entre outras características conversacionais.

Evidentemente, a escrita só apreende basicamente o material verbal (a língua oral), mas deixa de captar o material paraverbal e o não-verbal, apenas sugerindo-o. A perspectiva funcionalista do estudo da linguagem reconhece o caráter fundamental do material paraverbal e do material não-verbal para a coerência do diálogo como uma “construção coletiva”. Além do conteúdo do diálogo, o estado afetivo dos participantes e a facilitação cognitiva são essenciais: falamos com todo o corpo, e, por isso, a comunicação oral é multicanal e plurissemiótica. Enquanto a função referencial da linguagem é assegurada pelo material verbal, bem como pela sua função comunicativa, as funções expressiva e fática de uma conversação se baseiam nos recursos paraverbais e nos recursos não-verbais.

Não obstante as constatações acima, a reprodução por escrito de um diálogo, mesmo expondo uma língua não mais falada (o grego antigo, em sua modalidade ática do V e do IV séculos a.C.), utilizando um material de apoio bem específico e diverso do nosso (o rolo de papiro) em diversas situações de recepção e leitura, não deixa de apontar para uma interação onde as falas se alternam, seguindo-se umas às outras na sequência própria de uma conversação.

⁸ Na Grécia Antiga, coincidentemente, a oralidade tinha um prestígio nem de longe desfrutado pela escrita. Essa característica vem ao encontro do enfoque conversacional com o seu primado da oralidade.

4. TRADUÇÃO DO *SÍSIFO*⁹

SÍSIFO (ou sobre a deliberação¹⁰)

Sócrates

Sísifo

T1 - SÓ. *Nós ontem te esperamos muito tempo, Sísifo, por causa da apresentação de Estratônico, para que pudesses ouvir conosco um homem sábio apresentando muitas e belas coisas, tanto por palavras quanto por atos, e quando percebemos que tu não virias mais, nós mesmos escutamos o homem.*

T2 - SÍ. *Sim, por Zeus! Aconteceu-me um assunto urgente que não pude deixar para depois. Os nossos magistrados deliberaram ontem; então, eles me obrigaram a deliberar com eles. Entre nós, os farsálios, é lei obedecer aos magistrados, quando eles mandam que um de nós delibere com eles.*

T3 - SÓ. *Mas é bom obedecer à lei, além de ser considerado um bom conselheiro pelos cidadãos, assim como também tu és considerado tal conselheiro entre os farsálios. No entanto, Sísifo, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo. Poderias então me dizer o que é a deliberação? Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?*

T4 - SÍ. *Tu desconheces o que é a deliberação¹¹?*

⁹ Optamos por apresentar a tradução já incluindo a numeração por turnos.

¹⁰ O verbo βουλευέσθαι (deliberar), aqui empregado na voz média, indica que o sujeito participa da ação, ou seja, *interage* com seu interlocutor.

¹¹ A fala de Sísifo, diante do pedido de Sócrates, sugere espanto. A resposta do interlocutor de Sócrates equivale a “Você não sabe o que é a deliberação?”

T5 - SÓ. *Eu desconheço, ó Sísifo, se é algo diferente de, não sabendo alguém o que seria preciso fazer, adivinhando e improvisando, acontecer de dizer o que é, conjecturando de acordo com as mesmas coisas por si mesmo, assim como também os jogadores de par ou ímpar, nada sabendo com certeza dos pares e dos ímpares que eles têm nas mãos, acontecem de dizer a verdade sobre as mesmas coisas. Muitas vezes, desse modo, a deliberação é algo semelhante, como, por exemplo, nada sabendo sobre o que se está deliberando, alguém, por acaso, acontece de dizer a verdade. Se realmente é assim, eu sei o que é a deliberação; mas se não é assim, eu não saberia mais dizer o que ela é.*

T6 - SÍ. *Não é, certamente, como não saber absolutamente nada, mas como saber parte da questão e não saber o restante.*

T7 - SÓ. *Então, estás dizendo que a deliberação, por Zeus, – assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a boa deliberação – é como buscar alguém encontrar o melhor para que ele mesmo possa agir, sem ainda saber claramente, mas já tendo em mente alguma coisa? Não é isso que estás dizendo?*

T8 - SÍ. *Eu estou.*

T9 - SÓ *E buscam os homens o que sabem das coisas ou também o que não sabem?*

T10 - SÍ. *As duas coisas.*

T11 - SÓ. *Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?*

T12 - SÍ. *Eu quero dizer isso mesmo.*

T13 - SÓ. *Então ele não buscaria isso, conhecer Kalístrato, que já é conhecido?*

T14 - SÍ. *Não.*

T15 - SÓ. *Mas onde ele pudesse estar, ele o buscaria.*

T16 - SÍ. *Assim me parece.*

T17 - SÓ. *Então ele não buscaria isso, encontrá-lo onde ele pudesse estar, se fosse necessário, mas encontrá-lo imediatamente.*

T18 - SÍ. *Sim.*

T19 - SÓ. *Então os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem, pelo que parece. Se esse discurso te parece erístico, e não ser dito por causa do assunto, Sísifo, mas do diálogo pelo diálogo apenas, examina se te parece ser assim como está sendo dito agora. Não sabes que isso acontece na geometria? Quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, pela medida, qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria. Não é isso mesmo que se busca saber sobre o diâmetro?*

T20 - SÍ. *Assim me parece.*

T21 - SÓ. *O que justamente também é desconhecido. Não é verdade?*

T22 - SÍ. *Sem dúvida.*

T23 - SÓ. *E então? Não sabes que a duplicação do cubo é aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo? E o próprio*

cubo, eles não procuram saber se é cubo ou não, mas isso eles já sabem. Não é verdade?

T24 - SÍ. *Sim.*

T25 - SÓ. *Então, também sobre o ar, sabes se Anaxágoras, Empédocles e todos os outros faladores procuram saber se ele é ilimitado ou se tem um limite?*

T26 - SÍ. *Sim.*

T27 - SÓ. *Mas eles não procuram saber se é ar. Não é verdade?*

T28 - SÍ. *Não, com certeza.*

T29 - SÓ. *Então terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim: ninguém procura as coisas que sabe, mas de preferência as coisas que não sabe. Não é?*

T30 - SÍ. *Eu concordo.*

T31 - SÓ. *Então também a deliberação parece-nos ser isso mesmo: buscar encontrar o que é melhor em relação ao que seria preciso fazer.*

T32 - SÍ. *Sim.*

T33 - SÓ. *E essa procura seria justamente a deliberação sobre as ações. Não é verdade?*

T34 - SÍ. *Sem dúvida alguma.*

T35 - SÓ. *Então, temos de examinar agora também o que impede os que procuram de descobrir as coisas que eles procuram.*

T36 - SÍ. *Assim me parece.*

T37 - SÓ. *Então poderíamos dizer que o que os impede outra coisa não é senão a ignorância?*

T38 - SÍ. *Devemos examinar essa questão, por Zeus!*

T39 - SÓ. *Extraordinário o que está sendo dito. Nós nos soltamos e falamos à vontade. Observa comigo o seguinte: pensas que seja possível a um homem deliberar sobre música nada sabendo ele sobre música, nem como deva tocar a cítara ou qualquer outra coisa daquelas que devem ser feitas de acordo com a música¹²?*

T40 - SÍ. *Eu não.*

T41 - SÓ. *E sobre a estratégia ou a arte da navegação? Pensas que aquele que não conheça nenhuma dessas duas artes poderia deliberar sobre uma ou outra dessas coisas quando ele tivesse de fazê-lo? Como ele poderia comandar um exército ou pilotar um navio, se ele próprio nunca soube comandar nem pilotar?*

T42 - SÍ. *De maneira nenhuma!*

T43 - SÓ. *E não pensas que isso vale para todas as outras coisas, a respeito das quais não conhecemos, isto é, que não podemos saber nem deliberar sobre coisas que não conhecemos?*

T44 - SÍ. *Eu penso.*

T45 - SÓ. *Mas se poderia buscar aquilo que não se conhece. Não é verdade?*

¹² Nas obras de Platão, são recorrentes as referências às artes (τέχναι).

T46 - SÍ. *Sem dúvida alguma.*

T47 - SÓ. *A busca, portanto, não poderia mais ser a mesma coisa que a deliberação.*

T48 - SÍ. *Como assim?*

T49 - SÓ. *Porque a busca se relaciona certamente com coisas que não se sabe, e não parece ser possível para um homem deliberar sobre coisas que ele não conhece. Não foi isso que dissemos?*

T50 - SÍ. *Sem dúvida.*

T51 - SÓ. *Então, vós ontem buscáveis descobrir o que era melhor para a cidade, porém não conhecíeis essas coisas, pois, se conhecêsseis, com certeza não buscaríeis mais essas coisas, assim como não buscamos nenhuma outra coisa que conhecemos. Não é verdade?*

T52 - SÍ. *De fato, não buscamos.*

T53 - SÓ. *Então te parece ser necessário, ó Sísifo, quando não conhecemos, buscar ou aprender?*

T54 - SÍ. *Aprender, por Zeus!*

T55 - SÓ. *Respondeste bem. Mas então, por que tu pensas que é mais necessário aprender do que buscar? Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*

T56 - SÍ. *Não, é por causa disso mesmo.*

T57 - SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.*

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos ainda agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de um outro nome qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

T58 - SÍ. *Eu penso.*

T59 - SÓ. *Dize-me então: todos, tanto aqueles que deliberam bem quanto aqueles que deliberam mal, não deliberam sobre coisas que ainda estão por vir?*

T60 - SÍ. *Sem dúvida.*

T61 - SÓ. *E as coisas que estão por vir ainda não são?*

T62 - SÍ. *Claro que não!*

T63 - SÓ. *Pois, se fossem, elas não mais estariam para vir, mas já seriam. Não é verdade?*

T64 - SÍ. *Sim.*

T65 - SÓ. *Então, se ainda não são, elas assim nem sequer surgiram, não é?*

T66 - SÍ. *De fato, não.*

T67 - SÓ. *Então, se ainda não nasceram, ainda não possuem nenhuma natureza própria.*

T68 - SÍ. *De fato, não.*

T69 - SÓ. *Então, os que deliberam bem e os que deliberam mal, todos eles outra coisa não fazem senão deliberar sobre coisas que não são, nem nasceram, nem possuem nenhuma natureza, quando deliberam sobre coisas que ainda estão para vir?*

T70 - SÍ. *Assim parece.*

T71 - SÓ. *Então, te parece ser possível para alguém encontrar o que não é, seja bem ou mal?*

T72 - SÍ. *O que queres dizer com isso?*

T73 - SÓ. *Eu vou te explicar o que quero dizer. Escuta! Como, dentre muitos arqueiros, poderias reconhecer quem seria bom e quem seria ruim? Isso não é difícil de ver, não é? Talvez tu ordenasses que eles atirassem num alvo. Não é verdade?*

T74 - SÍ. *Sem dúvida alguma.*

T75 - SÓ. *E aquele que acertasse o alvo o maior número de vezes, tu o proclamarias vencedor?*

T76 - SÍ. *Eu proclamaria.*

T77 - SÓ. *E se nenhum alvo lhes fosse estabelecido para atirar, mas cada um pudesse atirar como desejasse, como poderias reconhecer o que atira bem com o arco e o que atira mal?*

T78 - SÍ. *Impossível.*

T79 - SÓ. *Então, não ficarias embaraçado ao tentar reconhecer os que deliberam bem ou mal, se eles não conhecessem o assunto sobre o qual estariam deliberando?*

T80 - SÍ. *Eu ficaria.*

T81 - SÓ. *Então, se os que deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é?*

T82 - SÍ. *Sem dúvida.*

T83 - SÓ. *Então, não se pode encontrar o que não é. Pois, como te parece que alguém possa encontrar o que não é?*

T84 - SÍ. *Impossível.*

T85 - SÓ. *Logo, como não é possível encontrar o que não é, ninguém mais aconteceria de deliberar sobre as coisas que não são? Pois, as coisas que estão por vir estão entre as coisas que não são. Não é verdade?*

T86 - SÍ. *Assim me parece.*

T87 - SÓ. *Então, não se encontrando as coisas que estão por vir, ninguém mais dentre os homens poderia ser bom ou mal conselheiro.*

T88 - SÍ. *Parece que não.*

T89 - SÓ. *Um não poderia ser melhor ou pior conselheiro do que o outro, se também não pudesse ser mais ou menos capaz de encontrar o que não é.*

T90 - SÍ. *De fato, não.*

T91 - SÓ. *Considerando então que ação, os homens afirmam que alguns homens são bons ou mal conselheiros? Vale a pena numa outra ocasião tratar desse assunto, Sísifo?*

5. O *SÍSIFO*: A ESCRITURA DO DIÁLOGO

Neste capítulo, apresentamos algumas características básicas da conversação, refletindo sobre o percurso da argumentação dialética no *Sísifo*, um texto escrito numa língua não mais falada, o antigo dialeto ático.

Com base nos estudos de H. Sacks, E. Schegloff e G. Jefferson (1974), Marcuschi (2006), Kerbrat-Orecchioni (2006) e Teixeira (1993), (2001) e (2008), passamos a aplicar, no estudo do *Sísifo*, alguns conceitos da Análise da Conversação por eles sistematizados.

5.1 *SÍSIFO* E CONVERSAÇÃO

Sabemos que os diálogos socráticos não são, propriamente, uma conversa. São comunicações filosóficas que, possivelmente, foram lidas em voz alta, diante de ouvintes os mais variados. A escrita helênica não apresentava nem intervalo entre as palavras nem acentuação gráfica. Essa escrita contínua, “como a fala”, solicitava a voz do leitor, a qual, no ato da leitura, se tornava porta-voz do escrito. A escritura do diálogo exige que o escritor/autor reproduza características básicas da conversação, mesmo que os recursos da escrita não consigam apreender os variados matizes da oralidade. A partir do momento em que o autor procura reproduzir, com a escrita, a dialética socrática, e põe em cena personagens tratando de determinadas questões filosóficas, esse autor tenta traçar a oralidade, inspirando-se na interação verbal entre interlocutores empenhados numa troca. Convém ressaltar que não se deve perder de vista que esses diálogos não são naturais, são criações de um autor, que buscam “imitar” ou “refletir” uma situação de diálogo.

Quando o autor do *Sísifo* se propôs escrever esse diálogo apócrifo, lançou mão de alguns recursos que, sem dúvida, possibilitaram a escritura da conversação. Diante dessa possibilidade, procuramos apreender os ecos de oralidade no percurso da argumentação desenvolvida nesse diálogo.

Assim sendo, podemos constatar, no *Sísifo*, a existência de uma *alocução*, ou seja, um destinatário fisicamente distinto do falante, pois Sócrates e Sísifo, as personagens em questão, desempenham, alternadamente, os papéis de falante e destinatário. Essa alternância refletida na escrita, atesta uma *interlocução*, isto é, uma troca de falas, viabilizando o diálogo, onde os interlocutores permutam os papéis do emissor e receptor, numa comunicação oral face a face. Constatamos também uma *interação*, com os interlocutores exercendo um sobre o outro uma influência recíproca. Para que esse intercâmbio comunicativo se efetue, é preciso que os

interlocutores cooperem, engajando-se na troca e sinalizando um para o outro que estão participando efetivamente da conversa. É o que Sócrates e Sísifo fazem o tempo todo. Evidentemente, devido às limitações da escrita, mormente ao representar uma língua não mais falada, não constatamos nem os *sinais do emissor*, os chamados recursos fáticos, dos quais se vale o falante para se assegurar da escuta do interlocutor, nem os *sinais do receptor*, os chamados reguladores ou sinais de escuta, assim como a *sincronização interacional*, na qual é fundamental a alternância dos turnos de fala. No entanto, essa “conversa” pode ser encenada, valendo-se os atores dos recursos do emissor e de receptor, ao representarem, alternando as falas, numa sincronização interacional entre interlocutores.

A conversação entre Sócrates e Sísifo se dá, evidentemente, em determinado contexto, mas o lugar, o quadro espacial não é especificado, assim como o momento da interação verbal, o quadro temporal, informando-se apenas que o encontro dos dois interlocutores se dá no dia seguinte à apresentação de Estratônico. O diálogo parece ainda representar uma conversa aparentemente gratuita, no começo, passando os interlocutores, logo em seguida, a conversar sobre um tema importante para os gregos da época: a deliberação.

Podemos afirmar, portanto, que no *Sísifo* temos a representação de um diálogo, com os dois interlocutores, Sócrates e Sísifo, relacionando-se numa interação face a face. Quanto às características individuais dos interlocutores, as personagens sugerem as máscaras de Sócrates, o filósofo ateniense, e Sísifo, um famoso farsário da época. Do mesmo modo, podemos reconhecer a participação efetiva dos interlocutores (quadro participativo), numa troca comunicativa com emissor e falante, “falando um de cada vez” (não podemos, evidentemente, falar aqui de sobreposição de fala). Sócrates e Sísifo integram esse mínimo grupo conversacional como destinatários diretos ou alocutórios. Além da alternância de falas, o destinatário direto pode, nesse diálogo escrito, ser identificado, basicamente, pelo vocativo, um índice de natureza verbal constante e presente na escritura do diálogo.

O diálogo do *Sísifo* pode ser considerado uma interação verbal oral organizada por turnos. Quando Sócrates e Sísifo participam dessa interação, reconhecem a necessidade de seguir algumas normas: enquanto um interlocutor fala, o outro precisa cooperar, ouvindo e aguardando a sua vez. Partindo da organização por turnos, constatamos assim, no *Sísifo*, as cinco características básicas de uma interação verbal¹³: (1) interação entre pelo menos dois falantes (Sócrates e Sísifo); (2) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes (Sócrates fala e para; Sísifo toma a palavra, fala e para; Sócrates toma a palavra, fala e para; e a conversa prossegue); (3) presença de uma sequência de ações coordenadas (Sócrates e Sísifo interagem,

¹³ Cf. Sacks, Schegloff & Jefferson (1974), Marcuschi (2006) e Teixeira (2001).

sincronizando as ações enquanto falam); (4) realização em uma identidade temporal (Sócrates e Sísifo conversam durante algum tempo, mantendo a conversa como se espera); (5) envolvimento numa “interação centrada” (a conversa gira em torno de uma questão vital para os gregos – a deliberação).

Apesar das limitações da escrita, podemos, ainda¹⁴, apontar, no *Sísifo*, os seguintes aspectos de uma interação verbal: (1) troca de falantes; (2) fala um de cada vez; (3) o tamanho do turno não é fixo, mas variável; (4) a duração da conversa não é fixa, nem previamente fixada; (5) o que cada falante diz não é fixo, nem previamente fixado; (6) são usadas técnicas de atribuição de turnos, como os lugares relevantes de transição, por exemplo; (7) podem ser usadas várias unidades na construção dos turnos: lexema, sintagma, sentença, entre outros.

Com relação à tomada de turno, constatamos aqui a seguinte técnica: quem está com a palavra seleciona o próximo falante, e este toma a palavra, dando início ao turno seguinte.

Vejamos as duas primeiras falas (turnos) do diálogo:

ΣΩ. Ἡμεῖς δὲ καὶ χθές σε πολὺν χρόνον ἀνεμείναμεν, 387b
ὣ Σίσυφε, ἐπὶ τῇ Στρατονίκου ἐπιδείξει, ὅπως ἂν
συνηκροῶ ἡμῖν ἀνδρὸς σοφοῦ πολλὰ τε καὶ καλὰ ἐπιδεικνυ-
μένου πράγματα καὶ λόγῳ καὶ ἔργῳ, καὶ ἐπεὶ σὲ οὐκέτι
ὠρόμεθα παρέσεσθαι, αὐτοὶ ἤδη ἠκροώμεθα τάνδρός.

T1. SÓ. *Nós ontem te esperamos muito tempo, Sísifo, por causa da apresentação de Estratônico, para que pudesses ouvir conosco um homem sábio apresentando muitas e belas coisas, tanto por palavras quanto por atos, e quando percebemos que tu não virias mais, nós mesmos escutamos o homem.*

ΣΙ. Ναὶ μὰ τὸν Δία· ἀσχολία γάρ μοί τις ἐγένετο
ἀναγκαιοτέρα, ὥστε μὴ παραμελῆσαι αὐτῆς. Οἱ γάρ
ἄρχοντες ἡμῶν ἐβουλευόντο χθές· συμβουλεύειν οὖν αὐτοῖς c
ἠναγκαζόν με. Ἡμῖν δὲ τοῖς Φαρσαλίοις καὶ νόμος ἐστὶ
τοῖς ἄρχουσι πείθεσθαι, ἂν κελεύωσι συμβουλεύειν τινὰ
ἡμῶν αὐτοῖς.

¹⁴ Ibidem.

T2. ΣÍ. *Sim, por Zeus! Aconteceu-me um assunto urgente que não pude deixar para depois. Os nossos magistrados deliberaram ontem; então, eles me obrigaram a deliberar com eles. Entre nós, os farsálios, é lei obedecer aos magistrados, quando eles mandam que um de nós delibere com eles.*

A interação entre as duas personagens, Sócrates e Sísifo, alternando suas falas numa troca de turnos, confirma as cinco características conversacionais apontadas acima: (1) interação entre pelo menos dois falantes; (2) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; (3) sequência de ações coordenadas pelos interlocutores; (4) realização durante certo tempo; e (5) envolvimento numa “interação centrada”, em torno de determinados tópicos.

Ao iniciar o par conversacional, no primeiro turno, Sócrates lança mão do pronome ἡμεῖς (387b1). O fato de o autor usar o pronome na 1ª pessoa do plural sugere uma experiência compartilhada; o ‘nós’ chama a atenção para a interação da personagem Sócrates com outros interlocutores, no dia anterior. Aqui, o pronome pessoal é usado enfaticamente. Segue-se o vocativo, ὦ Σίσιφε (387b2). O vocativo, num discurso direto, serve para chamar, invocar um interlocutor, apresentando-se como um recurso essencial do falante. Por isso, podemos afirmar que o emprego desse termo é marca de oralidade na escritura do diálogo.

Sísifo, respondendo ao interlocutor, diz Ναὶ μὰ τὸν Δία· essa expressão coloquial equivale a uma interjeição (*Sim, por Zeus!*), a qual confere vivacidade à conversa, e se destaca como um importante marcador inicial, sugerindo a tomada de turno pela personagem Sísifo. É importante frisar que as invocações, nas obras de Platão, não são meros floreios literários, mas são usadas como expressões correntes no diálogo, acentuando o “tom de conversa” no texto escrito.

Com base no sistema de troca de turno, podemos destacar, no excerto em questão, seis das características conversacionais apontadas acima:

(1) ocorre a troca de falantes: Sócrates fala, e Sísifo responde; (2) embora não possamos afirmar categoricamente, em cada turno fala um de cada vez, enquanto Sócrates mantém a palavra, Sísifo, de alguma maneira, devia aguardar sua vez; (3) o tamanho do turno não é fixo, mas variável: tomando como exemplo os dois turnos acima, percebemos que as falas de Sócrates e de Sísifo são mais ou menos da mesma extensão, mas, ao longo do diálogo, as falas de Sócrates, o interlocutor principal, que conduz a argumentação, são mais extensas que as de Sísifo; (4) a duração da conversa não é fixa, nem previamente fixada: verificando a extensão do diálogo, notamos que o autor buscou reproduzir a fluência e o tom de conversa que

deveriam caracterizar a oralidade; (5) o que cada falante dirá não é fixo, nem previamente fixado: Sócrates poderia ter usado outras palavras para saudar Sísifo; do mesmo modo, a resposta de Sísifo poderia ter sido diferente da apresentada no diálogo; (6) são usadas técnicas de atribuição de turnos: é possível considerar que no texto com o qual trabalhamos, os sinais de pontuação assinalam a pausa, sugerindo um lugar relevante de transição e indicando ao interlocutor que é a sua vez de falar.

5.2 A REALIZAÇÃO DOS ELEMENTOS CONVERSACIONAIS

Levando-se em consideração os elementos conversacionais, apontamos aqui alguns recursos de linguagem fundamentais, apreendidos pela escritura do diálogo:

1. Partículas : ἦ, ἀλλά, ἄρα, ἄρα, οἶν e οὐκοῦν;
2. Combinações: ἄρ' οἶν e ἦ γάρ;
3. Advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις;
4. Pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ;
5. Forma pronominal ἔγωγε e respostas πάνυ γε e πάνυ μὲν οἶν;
6. Expressões recorrentes: ναὶ μὰ τὸν Δία· , πρὸς τοῦ Διός· , νῆ Δία·;
7. Vocativos.

Com o objetivo de apreender o sentido desses recursos de linguagem, procuramos observar o uso de cada elemento acima mencionado, de acordo com a sua posição no turno e, no caso de combinações ou expressões, a que termo ou partícula um desses elementos se associa. Passemos a eles.

5.2.1. Partículas

a) ἦ

Como partícula interrogativa, ἦ é muito utilizada em interrogações que teriam uma nuance de entonação (por isso, optamos por não traduzi-la), sugerindo, na escrita, um recurso paralinguístico. Constatamos o seu uso nas seguintes passagens (turnos conversacionais) do *Sísifo*:

- T4 (387d9)

ΣΙ. **Ἡ** σοι γάρ ἀγνωστόν ἔστιν ὅτι τὸ βουλευέσθαι ἔστιν ;

ΣΪ. Tu desconheces o que é a deliberação?

Na fala imediatamente anterior, Sócrates pergunta ao interlocutor o que é a deliberação: “*Mas é bom obedecer à lei, além de ser considerado um bom conselheiro pelos cidadãos, assim como também tu és considerado tal conselheiro entre os farsάλιος. No entanto, Σίσυφο, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo. Poderias então me dizer o que é a deliberação? Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?*” (T3)

Σίσυφο, então, responde a pergunta de Sócrates com outra pergunta, introduzida pela partícula interrogativa ἦ : “*Tu desconheces o que é a deliberação?*”. A pergunta de Σίσυφο sugere uma reação de espanto, deixando, aparentemente, a questão em aberto.

- T57 (390d3)

ΣΩ. Τι οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθές ὑμεῖς τοῦ βουλευέσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρά τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ’ ἐδοκῆτέ μοι τὴν ἡμέραν ὅλην τὴν χθές αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν, οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως δ’ ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἔσπουδασμένως ἀποδεδεῖχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὦ Σίσυφε, σκόπει ἄν

σπουδῆ· εἰ δοθείη τὸ βουλευσασθαί τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ
νῦν οὐδὲν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη]
τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὀνόματι σεμνοτέρῳ μόνον
κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ' οὐδενί, ἄρ' ἂν οἶε αὐτῷ
διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευέσθαι τε
καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι
ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων
ἰατροί τε ἰατρῶν ἀύλητὰ τε ἀύλητῶν, οἳ τε ἄλλοι
δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ
καὶ οὔτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ
βουλευέσθαι οἶε ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não
conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não
aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o
melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o
dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas
que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da
cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me
divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma
demonstração séria.,*

*Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se
admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos
agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou
improvisado, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e
não de um outro qualquer, pensas que uns são superiores aos outros
em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim
como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos
outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a
flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos
outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu
pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?*

Após questionar a atitude de Sísifo e dos magistrados de ficarem perdendo tempo com coisas que não conheciam, em vez de buscarem aprender com quem já conhece essas coisas, Sócrates pergunta ao interlocutor: “*E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?*”. A partícula ἤ transmite aqui o matiz interrogativo, marcando o segundo elemento da comparação nessa interrogação direta, a qual sugere um lugar relevante de transição; se levarmos em conta o desenvolvimento da argumentação, temos aqui um requisito de apoio discursivo, com a expectativa de Sócrates de uma confirmação da parte de Sísifo.

De fato, Sísifo toma o turno e responde afirmativamente: “*Eu penso*” (T58: ἔγωγε)¹⁵.

Tabela 1 – Realização da partícula ἤ

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T4 (387d9)	Inicial	Partícula interrogativa; sugere um marcador inicial numa interrogação direta aparentemente em aberto;
T57 (390d3)	Final	Partícula interrogativa; introduz um possível lugar relevante de transição.
Total de ocorrências: 02		

Constatamos, assim, no *Sísifo*, que a partícula ἤ é usada como uma partícula interrogativa, sugerindo um matiz de entonação; como elemento conversacional, essa partícula pode aparecer tanto no início quanto no final do turno.

b) ἀλλά

A partícula ἀλλά é marcante na escritura do diálogo, pois, com frequência, sugere um marcador de valor pragmático-discursivo, seja no início da fala, assinalando a tomada de turno, seja no meio. Foi constatada a presença desse marcador nos seguintes turnos conversacionais:

- T3 (387b5)

ΣΩ. Ἀλλὰ καλὸν τό τε τῷ νόμῳ πείθεσθαι, τό τε ὑπὸ τῶν πολιτῶν δεδοξάσθαι εὐβουλον εἶναι, ὥσπερ καί σὺ δεδόξασαι εὐβουλος εἶναι εἰς τῶν Φαρσαλίων. Ἀτάρ, ὦ

¹⁵ Cf. Realização de ἔγωγε.

Σίσυφε, ἐγὼ γὰρ οὐπω περὶ τοῦ εὖ βουλευέσθαι τούς λόγους ἄν δυνάιμην ποιήσασθαι πρὸς σέ, ἡγούμενος καὶ σχολῆς εἶναι πολλῆς καὶ λόγου μακροῦ, ἀλλὰ περὶ αὐτοῦ τοῦ βουλευέσθαι πρῶτον, ὅτι ἔστιν, ἐγχειρήσαιμ' ἄν διαλεχθῆναί σοι. Ἄρ' οὖν ἔχοις ἄν μοι εἰπεῖν αὐτό τὸ βουλευέσθαι ὅτι ποτ' ἔστι; μή μοι ἢ τὸ εὖ ἢ κακῶς ἢ τὸ καλῶς πως, ἀλλ' αὐτὸ μόνον τὸ βουλευέσθαι, ὁποῖόν τί ἔστιν. Ἡ καὶ πάνυ ῥαδίως, αὐτός γε οὕτως εὐβουλος ὢν; ἀλλὰ μὴ ἐμή περιεργία ἦ καὶ τὸ ἐρωτήσαί σε περὶ τούτου;

SÓ. *Mas é bom obedecer à lei, além de ser considerado um bom conselheiro pelos cidadãos, assim como também tu és considerado tal conselheiro entre os farsálios. No entanto, Sísifo, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo. Poderias então me dizer o que é a deliberação? Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?*

Sísifo justifica a sua ausência no dia anterior, quando Sócrates ficou esperando, para que eles pudessem assistir à apresentação de Estratônico: “*Sim, por Zeus! Aconteceu-me um assunto urgente que não pude deixar para depois. Os nossos magistrados deliberaram ontem; então, eles me obrigaram a deliberar com eles. Entre nós, os farsálios, é lei obedecer aos magistrados, quando eles mandam que um de nós delibere com eles*”. (T2)

Sócrates, então, toma a palavra e reforça a justificativa do interlocutor: “*Mas é bom obedecer à lei, ...*” Nessa fala de Sócrates, a partícula ἀλλά aparece como um marcador inicial, sugerindo um meio de o falante dar a entender ao interlocutor que não precisa mais ficar se justificando por ter faltado ao compromisso do dia anterior, por ter sido obrigado a deliberar com os magistrados da sua cidade. Obedecer à lei e ser considerado um bom conselheiro nas deliberações da comunidade é, obviamente, uma coisa muito importante.

- T27 (389a6)

ΣΩ. **Αλλ** οὐκ ἐκείνο, εἰ ἄῤῥ ἐστιν. Ἡ γάρ;

SÓ. *Mas eles não procuram saber se é ar. Não é verdade?*

Sócrates, prosseguindo a argumentação, pergunta a Sísifo: “Então, também sobre o ar, sabes se Anaxágoras, Empédocles e todos os outros faladores procuram saber se ele é ilimitado ou se tem um limite?” Sísifo confirma a sugestão de Sócrates com um “Sim” pontual. O ateniense, então adianta: “*Mas eles não procuram saber se é ar. Não é verdade?*”. A partícula ἄλλὰ assinala a tomada de turno, sugerindo um marcador inicial, a introduzir a negação contraposta à sugestão confirmada por Sísifo na fala imediatamente anterior. Levando-se em conta a sequência na argumentação, Sócrates espera, mais uma vez, uma confirmação, reforçando o final da fala com um requisito de apoio discursivo: “*Não é verdade?*”. Com efeito, a resposta de Sísifo confirma a sugestão negativa: “*Não, com certeza*”. (T28).

- T55 (390a1)

ΣΩ. Ὅρθως γέ σοι δοκεῖ. **Αλλ** ἄρᾳ γε καὶ διὰ τοῦτό σοι δοκεῖ χρῆναι μανθάνειν μᾶλλον ἢ ζητεῖν, διότι θᾶπτον ἄν καὶ ῥᾶον ἐξεύροι τις, εἰ παρὰ τῶν ἐπισταμένων μανθάνοι, ἢ εἰ αὐτὸς ὁ μὴ εἰδὼς ζητοίη; ἢ δι’ ἄλλο τι;

SÓ. *Respondeste bem. Mas então, por que tu pensas que é mais necessário aprender do que buscar? Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*

Após Sísifo confirmar com veemência a sugestão de Sócrates de que é necessário, quando não conhecemos, aprender, e não buscar, Sócrates toma o turno e reforça: “*Respondeste bem*”. E prossegue: “*Mas então, por que tu pensas que é mais necessário*

aprender do que buscar?”. Aqui, a partícula ἄλλά associada às partículas ἄρα (matiz interrogativo) e γε (matiz restritivo) dá seguimento à argumentação, introduzindo toda uma repetição da fala anterior do próprio Sócrates. E o ateniense conclui a sua fala com duas interrogações diretas que equivalem a uma interrogação direta disjuntiva: “*Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*”. Notemos que o percurso da argumentação desenvolvida leva à confirmação, por Sísifo, do primeiro termo da disjunção; ele responde: “*Não, é por causa disso mesmo*” (T56).

- T57 (390c1)

ΣΩ. Τι οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθὲς ὑμεῖς τοῦ βου-
 λεύεσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ
 βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρά
 τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα
 διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ’ ἐδοκεῖτέ μοι τὴν ἡμέραν
 ὅλην τὴν χθὲς αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι
 καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν,
 οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως
 δ’ ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ
 διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀπο-
 δεδεῖχθαι.

Ἄλλα τοῦτό γε πρὸς Διός, ὧ Σίσυφε, σκόπει νῦν
 σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευσασθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ
 νῦν οὐδεν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη]
 τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὄνόματι σεμνοτέρῳ μόνον
 κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ’ οὐδενί, ἄρ’ ἂν οἶει αὐτῷ
 διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευεσθαι τε
 καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι
 ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων
 ἰατροί τε ἰατρῶν αὐληταὶ τε αὐλητῶν, οἳ τε ἄλλοι
 δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ
 καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ
 βουλευεσθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.*

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de um outro qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

Após Sócrates ter censurado Sísifo e os magistrados de sua cidade, o filósofo acrescenta: “Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: ...”. Antecedendo uma expressão coloquial, imediatamente seguida de um vocativo, a partícula ἄλλὰ assinala uma mudança na argumentação, introduzindo um recurso recorrente nos diálogos socráticos: a menção às atividades dos artesãos, as artes, e chamando a atenção para a superioridade de uns artesãos sobre os outros, com vistas a buscar uma saída para a questão da boa deliberação.

Tabela 2 - Realização da partícula ἄλλά

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T3 (387b5)	Inicial	Marcador inicial, reforçando a justificativa do interlocutor;
T27(389a6)	Inicial	Assinala a tomada de turno, sugerindo um marcador inicial;
T55(390a1)	Medial	Associada às partículas ἄρα (matiz interrogativo) e γε (matiz restritivo), a partícula ἄλλά dá seguimento à argumentação, introduzindo toda uma repetição da fala anterior;
T57 (390c1)	Medial	Antecedendo uma expressão coloquial, imediatamente seguida de um vocativo, a partícula ἄλλά assinala uma mudança na argumentação, introduzindo um recurso recorrente nos diálogos socráticos.
Total de ocorrências: 04		

Constatamos assim que a partícula ἄλλά pode ser empregada como um marcador conversacional, tanto inicial quanto medial, ostentando matizes diversos na argumentação do falante (Sócrates).

c) ἄρα

A partícula ἄρα é muito utilizada em interrogações que sugerem uma nuance de entonação (por isso, na maioria de sua ocorrência, optamos por não traduzi-la). De modo semelhante à partícula ἦ, a partícula ἄρα apresenta-se como um recurso de que se vale o escritor para sugerir um traço paralinguístico. Vejamos os turnos caracterizados por esse marcador:

- T7 (388b1)

ΣΩ. Ἄρα τοιόνδε τι λέγεις τὸ βουλευέσθαι πρὸς τοῦ Διός – ὥσπερ γὰρ ἂν καὶ αὐτὸς ὑπομαντεύεσθαί μοι δοκῶ τήν διάνοιάν σου περὶ τοῦ εἶ βουλευέσθαι – οἷον τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τινα ἑαυτῷ διαπράξασθαι, μηδέπω δὲ ἐπιστασθαι σαφῶς, ἄλλ' ὥσπερ ἐν νοήσει τινὰ εἶναι ; Τοῦτο οὐχ οὕτω πως λέγεις;

SÓ. *Então, estás dizendo que a deliberação, por Zeus, – assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a boa deliberação*

– *é como buscar alguém encontrar o melhor para que ele mesmo possa agir, sem ainda saber claramente, mas já tendo em mente alguma coisa? Não é isso que estás dizendo?*

Constatamos que a partícula ἄρα introduz, nesse turno conversacional, uma interrogação direta, sugerindo um marcador inicial. Essa pergunta é imediatamente seguida de outra, marcada pela negação οὐχ, a qual aponta para um lugar relevante de transição, com a expectativa de uma resposta afirmativa da parte do interlocutor.

Sísifo, de fato, responde afirmativamente: “*Eu estou*” (T8: ἔγωγε), confirmando a expectativa de Sócrates.

- T11 (388c7)

ΣΩ. Ἐὰρ οὖν καὶ τοῦθ' οὕτως πως λέγεις, τὸ ζητεῖν ἀμφοτέρωθεν τοὺς ἀνθρώπους, ἃ ἂν τε ἐπιστῶνται καὶ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὅμοιον ὥσπερ εἴ τις Καλλίστρατον γινώσκῃ μὲν ὅστις ὁ Καλλίστρατος, μὴ μὲντοι ἐπίστατο ὅπου εἴη ἐξευρεῖν, [οὐχ ὅστις εἴη ὁ Καλλίστρατος]. Ἐὰρ οὕτως πως λέγεις τὸ ζητεῖν εἶναι ἀμφοτέρωθεν;

SÓ. *Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?*

Sócrates finaliza sua fala com uma interrogação direta introduzida pela partícula ἄρα, a qual sugere um lugar relevante de transição, aguardando a confirmação do interlocutor. Com efeito, Sísifo responde afirmativamente: “*Eu quero dizer isso mesmo*” (T12).

- T19 (388e2) e (388e7)

ΣΩ. Οὐκ ἄρα ταῦτά γε δὴ ζητοῦσιν ἅττα ἂν ἐπιστῶνται οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὡς ἔοικεν.

Εἰ δέ σοι οὗτος ὁ λόγος ἐριστικός εἶναι δοκεῖ, ὧ Σίσυφε, καὶ μὴ τοῦ πράγματος ἕνεκα λέγεσθαι ἀλλ' αὐτοῦ τοῦ διαλέγεσθαι μόνον, σκόπει δὲ καὶ ὧδε ἔαν δοκῇ σοι οὕτως ἔχειν ὥσπερ καὶ νῦν λέγεσθαι. Ἄρα γὰρ οὐκ ἐν τῇ γεωμετρίας οἴσθα τοῦτο γιγνόμενον· ἀγνοουμένην τὴν διάμετρον τοῖς γεωμέτραις, οὐκ εἰ διάμετρος ἐστὶν ἢ μή – οὐδέ γὰρ οὐδε ζητεῖται τοῦτο ὑπ' αὐτῶν εὐρεθῆναι – ἀλλ' ὅποση τις ἐστὶ μέτρῳ πρὸς τὰς πλευρὰς τῶν χωρίων ὧν ἂν διατέμνη; Ἄρ' οὐ τοῦτό ἐστὶν αὐτὸ τὸ ζητούμενον περὶ αὐτῆς;

SÓ. *Então os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem, pelo que parece. Se esse discurso te parece erístico, e não ser dito por causa do assunto, Sísifo, mas do diálogo pelo diálogo apenas, examina se te parece ser assim como está sendo dito agora. Não sabes que isso acontece na geometria? Quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, pela medida, qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria. Não é isso mesmo que se busca saber sobre o diâmetro?*

No turno 19, a partícula ἄρα introduz duas interrogações diretas. Em posição medial, essa partícula introduz uma interrogação imediatamente seguida por uma explicação, reforçando a argumentação do falante. A mesma partícula introduz, no final da fala, mais uma interrogação direta, sugerindo um lugar relevante de transição, com a expectativa de uma confirmação.

Sísifo responde afirmativamente: “*Assim me parece*” (T20).

- T39 (389c3)

ΣΩ. Ὑπερφυῶς μὲν οὖν, τὸ λεγόμενον γε, πάντα κάλων ἐφεντες καὶ πᾶσαν φωνὴν ἀφιέντες.” Ἀθρεῖ δὲ δὴ μετ' ἐμοῦ τόδε· Ἄρα γε νομίζεις οἶόν τέ τι εἶναι ἀνθρώπῳ περὶ μουσικῆς βουλευέσθαι, μήτε ἐπισταμένῳ περὶ μουσικῆς,

μηδε ὅπως ἢ κιθαριστέον εἴη αὐτῶ ἢ ἄλλο τι τῶν κατὰ μουσικὴν ποιητέον ;

SÓ. *Extraordinário o que está sendo dito. Nós nos soltamos e falamos à vontade. Observa comigo o seguinte: pensas que seja possível a um homem deliberar sobre música nada sabendo ele sobre música, nem como deva tocar a cítara ou qualquer outra coisa daquelas que devem ser feitas de acordo com a música?*

A partícula ἄρα introduz, mais uma vez, uma interrogação direta em posição medial, apresentando um dado novo na argumentação, um exemplo tirado da música, e apontando para um lugar relevante de transição com a expectativa de uma negação.

De fato, a resposta de Sísifo é negativa: “*Eu não*” (T40).

- T55 (390a1)

ΣΩ. Ὁρθῶς γέ σοι δοκεῖ. Ἄλλ' ἄρα γε καὶ διὰ τοῦτό σοι δοκεῖ χρῆναι μανθάνειν μᾶλλον ἢ ζητεῖν, διότι θᾶπτον ἂν καὶ ῥᾶον ἐξεύροι τις, εἰ παρὰ τῶν ἐπισταμένων μανθάνοι, ἢ εἰ αὐτὸς ὁ μὴ εἰδὼς ζητοίη; ἢ δι' ἄλλο τι;

SÓ. *Respondeste bem. Mas então, por que tu pensas que é mais necessário aprender do que buscar? Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*

A partícula ἄρα associada a ἄλλά γε sugere a entonação, numa interrogação direta introduzindo toda uma repetição da fala anterior do próprio Sócrates. E o ateniense conclui a sua fala com duas interrogações diretas que equivalem a uma interrogação direta disjuntiva: “*Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*”. Notemos que o percurso da argumentação desenvolvida leva à confirmação, por Sísifo, do primeiro termo da disjunção; ele responde: “*Não, é por causa disso mesmo*” (T56).

- T57 (390c5)

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθές ὑμεῖς τοῦ βουλευέσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρὰ τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ' ἐδοκείτέ μοι τὴν ἡμέραν ὅλην τὴν χθές αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν, οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως δ' ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀποδεδεῖχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὧ Σίσυφε, σκόπει ἡν σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευέσθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ ἡν οὐδεν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη] τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὀνόματι σεμνοτέρῳ μόνον κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ' οὐδενί, ἄρ' ἂν οἶει αὐτῷ διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευέσθαι τε καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων ἰατροί τε ἰατρῶν αὐληταὶ τε αὐλητῶν, οἳ τε ἄλλοι δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ βουλευέσθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conhecíeis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me*

divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas de um nome mais importante, e não de um outro qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

Em posição medial, a partícula ἄρα sugere a entonação numa interrogação direta que chama a atenção para um dado recorrente nos diálogos socráticos: a questão da competência nas artes (Cf. partícula ἄλλῃ). Essa interrogação é imediatamente seguida por outra, que sugere um lugar relevante de transição, com a expectativa de uma confirmação, se levarmos em conta o percurso da argumentação.

Sísifo responde afirmativamente “*Eu penso*” (T58: ἔγωγε).

- T91 (391d5)

ΣΩ. Πρὸς τὶ οὖν ποτε ἀποβλέποντες ἄνθρωποι πράγμα, ἀποκαλοῦσιν ἀνθρώπους εὐβούλους τε καὶ κακοβούλους εἶναι τινας; Ἄρα γε ἄξιόν ἐστι καὶ αὐθὶς ποτε περὶ αὐτοῦ ἐνθυμηθῆναι, ὧς Σίσυφε;

SÓ. *Considerando então que ação, os homens afirmam que alguns homens são bons ou mal conselheiros? Vale a pena numa outra ocasião tratar desse assunto, Sísifo?*

A partícula ἄρα, associada a γε, introduz uma interrogação direta, assinalando um lugar relevante de transição, e apontando para o fim repentino do diálogo.

Tabela 3 – Realização da partícula ἄρα

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T7 (388b1)	Inicial	Introduz uma interrogação direta, sugerindo um marcador inicial;
T11 (388c7)	Final	Introduz uma interrogação direta, a qual sugere um lugar relevante de transição, aguardando a confirmação do interlocutor;
T19 (388e2)	Medial	Introduz uma interrogação imediatamente seguida por uma explicação, reforçando a argumentação do falante;
T19 (388e7)	Final	Introduz uma interrogação direta, sugerindo um lugar relevante de transição, com a expectativa de uma confirmação;
T39 (389c3)	Medial	Introduz uma interrogação direta, apresentando um dado novo na argumentação e apontando para um lugar relevante de transição com a expectativa de uma negação;
T55 (390a1)	Medial	Associada a ἄλλὰ γε sugere a entonação, numa interrogação direta introduzindo toda uma repetição da fala anterior;
T57 (390c5)	Medial	Sugere a entonação numa interrogação direta que chama a atenção para um dado recorrente nos diálogos socráticos: a questão da competência nas artes;
T91(391d5)	Final	Associada a γε, introduz uma interrogação direta, assinalando um lugar relevante de transição e apontando para o fim repentino do diálogo.
Total de ocorrências: 08		

Constatamos assim que a partícula ἄρα pode ocorrer em posição inicial, medial e final, no turno onde aparece. Como marcador conversacional, ela transmite um matiz interrogativo bastante variado.

d) ἄρα

A partícula ἄρα¹⁶ foi constatada no turno que segue:

- T19 (388d8)

ΣΩ. Οὐκ ἄρα ταῦτά γε δὴ ζητοῦσιν ἄττα ἂν ἐπιστῶνται οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὡς ἔοικεν. Εἰ δέ σοι οὗτος ὁ λόγος ἐριστικὸς εἶναι δοκεῖ, ὦ Σίσυφε, καὶ μὴ τοῦ πράγματος ἕνεκα λέγεσθαι ἀλλ' αὐτοῦ τοῦ

¹⁶ Cf. Teixeira (1993), pág. 100.

διαλέγεσθαι μόνον, σκόπει δὲ καὶ ὧδε ἔαν δοκῆ σοι οὕτως ἔχειν ὡσπερ καὶ νῦν λέγεσθαι. Ἄρα γὰρ οὐκ ἐν τῇ γεωμετρίᾳ οἶσθα τοῦτο γιγνόμενον· ἀγνοουμένην τὴν διάμετρον τοῖς γεωμέτραις, οὐκ εἰ διάμετρος ἐστὶν ἢ μή – οὐδέ γὰρ οὐδε ζητεῖται τοῦτο ὑπ’ αὐτῶν εὐρεθῆναι – ἀλλ’ ὀπόση τίς ἐστὶ μέτρῳ πρὸς τὰς πλευρὰς τῶν χωρίων ὧν ἂν διατέμνη; Ἄρ’ οὐ τοῦτό ἐστὶν αὐτὸ τὸ ζητούμενον περὶ αὐτῆς;

SÓ. *Então os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem, pelo que parece. Se esse discurso te parece erístico, e não ser dito por causa do assunto, Sísifo, mas do diálogo pelo diálogo apenas, examina se te parece ser assim como está sendo dito agora. Não sabes que isso acontece na geometria? Quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, pela medida, qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria. Não é isso mesmo que se busca saber sobre o diâmetro?*

A partícula ἄρα assinala nesse turno a conclusão da argumentação iniciada no T13; temos o seguinte silogismo: (1) quem conhece Kalístrato, mas não sabe onde ele está, não busca conhecê-lo (T13); (2) quem conhece Kalístrato e quer encontrá-lo, busca saber onde ele está (T15); (3) então (ἄρα), os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem. (T19).

Tabela 4 – Realização da partícula ἄρα

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T19 (388d8)	Inicial	Assinala uma relação lógica, introduzindo a conclusão de um silogismo.
Total de ocorrência: 01		

e) οὖν

Verificamos que partícula οὖν ocorre nos seguintes turnos (passagens):

- T5 (388a2) e (388a4)

ΣΩ. "Εμοιγε, ὦ Σίσυφε, εἴ γέ τι ἄλλο ἐστὶν ἢ ὅπερ τὸ μὴ ἐπιστάμενόν τινα περὶ ὧν ἂν δέη τι πράττειν, διαμαντεύομενον καὶ σχεδιάζοντα λέγειν ὅτι ἂν τύχη, εἰκάζοντα καὶ κατὰ ταῦτ' αὐτῶ, ὥσπερ καὶ οἱ ἀρτιάζοντες τῶν ἀνθρώπων, οὐδὲν ἐπιστάμενοι δήπου περὶ τῶν ἀρτίων τε καὶ περιττῶν ὧν ἂν ἐν ταῖς χερσὶ ταῖς αὐτῶν ἔχωσιν, ὅμως ἐπιτυχάνουσι λέγοντες περὶ τῶν αὐτῶν τ' ἀληθῆ. Πολλάκις μὲν οὖν τοιοῦτόν τι καὶ τὸ βουλευέσθαι ἐστίν, οἷον μηδὲν ἐπιστάμενον περὶ ὧν ἂν βουλευήταί τις, ἀπὸ τύχης εἰπόντα ἐπιτυχάνειν τ' ἀληθῆ. Εἰ μὲν οὖν τοιοῦτόν ἐστι, γινώσκω δὴ οἷον τὸ βουλευέσθαι ἐστίν· εἰ μὲντοι γε μὴ τοιοῦτόν ἐστιν, οὐκ ἂν πω ἐπισταίμην αὐτό.

SÓ. *Eu desconheço, ó Sísifo, se é algo diferente de, não sabendo alguém as coisas que seria preciso fazer, adivinhando e improvisando, acontecer de dizer o que é, conjecturando de acordo com as mesmas coisas por si mesmo, assim como também os jogadores de par ou ímpar, nada sabendo com certeza dos pares e dos ímpares que eles têm nas mãos, acontecem de dizer a verdade sobre as mesmas coisas. Muitas vezes, desse modo, a deliberação é algo semelhante, como, por exemplo, nada sabendo sobre o que se está deliberando, alguém, por acaso, acontece de dizer a verdade. Se realmente é assim, eu sei o que é a deliberação; mas se não é assim, eu não saberia mais dizer o que ela é.*

As partículas μέν (afirmativa) e οὖν formam a combinação μέν οὖν, ocorrendo duas vezes, em posição medial, no turno 5. A partícula οὖν assinala um matiz transitivo de continuação (388a2 – “desse modo”) e de consequência (388a4 – “realmente”).

- T29 (389a8)

ΣΩ. Συγχωρήσαις ἄν οὖν μοι καὶ κατὰ τῶν ἄλλων πάντων οὕτως ἔχειν ἤδη, μηδέν μηδενὶ εἶναι ζητεῖν τῶν ἀνθρώπων ὧν ἄν ἐπίστηταί τις, ἀλλὰ μάλλον ὧν ἄν μὴ ἐπίστηται ;

SÓ. *Então terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim: ninguém procura as coisas que sabe, mas de preferência as coisas que não sabe. Não é?*

A partícula οὖν sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente do conjunto de argumentação que a antecedeu: (T19) quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, pela medida, qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria; (T23) A duplicação do cubo é aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo. E o próprio cubo, eles não procuram saber se é cubo ou não, mas isso eles já sabem; (T25) Também sobre o ar, Anaxágoras, Empédocles e todos os outros faladores procuram saber se ele é ilimitado ou se tem um limite; (T27) Mas eles não procuram saber se é ar. (T29) “*Então (οὖν) terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim...*”

- T39 (389c3)

ΣΩ. Ὑπερφυῶς μὲν οὖν, τὸ λεγόμενόν γε, πάντα κάλων ἐφεντες καὶ πᾶσαν φωνὴν ἀφιέντες.” Ἀθρεῖ δε δὴ μετ’ ἐμοῦ τόδε· Ἄρά γε νομίζεις οἷόν τέ τι εἶναι ἀνθρώπῳ περὶ μουσικῆς βουλευέσθαι, μήτε ἐπισταμένῳ περὶ μουσικῆς, μηδε ὅπως ἢ κιθαριστέον εἶη αὐτῷ ἢ ἄλλο τι τῶν κατὰ μουσικὴν ποιητέον ;

SÓ. *Extraordinário o que está sendo dito. Nós nos soltamos e falamos à vontade. Observa comigo o seguinte: pensas que seja possível a um homem deliberar sobre música nada sabendo ele sobre música, nem*

como deva tocar a cítara ou qualquer outra coisa daquelas que devem ser feitas de acordo com a música?

Na combinação μὲν οὖν, a partícula οὖν mantém seu sentido adverbial, equivalendo a combinação a um advérbio de intensidade. Quando Sócrates pergunta (T37) se o que impede alguém de encontrar o que está buscando é a ignorância, Sísifo exclama: “*Devemos examinar essa questão, por Zeus!*” (T38); então, Sócrates prossegue: “*Extraordinário o que está sendo dito. Nós nos soltamos e falamos à vontade.*”, convidando, logo em seguida, o interlocutor a examinar a hipótese que o próprio Sócrates acabou de sugerir, introduzindo o exemplo da música.

- T43 (389d6)

ΣΩ. Ἡ καὶ περὶ τῶν ἄλλων οὖν ἀπάντων οὕτως ἀξιόεις ἔχειν, περὶ ᾧ ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, μὴ εἰδέναι μηδέ βουλεύεσθαι πῶς δυνατόν τῷ μὴ ἐπισταμένῳ περὶ αὐτῶν;

SÓ. *E não pensas que isso vale para todas as outras coisas, a respeito das quais não conhecemos, isto é, que não podemos saber nem deliberar sobre coisas que não conhecemos?*

A partícula οὖν assinala, no turno 43, uma consequência a partir da resposta do interlocutor (T42), que acabou de aceitar o desenvolvimento do tema em questão (para falarmos de uma coisa, precisamos conhecê-la), exemplificado pelas artes, iniciado no turno 39, com o exemplo da música, e continuado no turno 41, com os exemplos da estratégia e da pilotagem.

- T53 (389e14)

ΣΩ. Πότερον οὖν σοι δοκεῖ χρῆναι, ὦ Σίσυφε, ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, ζητεῖν ἢ μανθάνειν;

SÓ. *Então te parece ser necessário, ó Sísifo, quando não conhecemos, buscar ou aprender?*

A partícula οὖν assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor que respondeu de acordo com a pergunta anterior. No turno 51, Sócrates perguntou: “*Então, vós ontem buscáveis descobrir o que era melhor para a cidade, porém não conheciéis essas coisas, pois, se conhecêsseis, com certeza não buscaríeis mais essas coisas, assim como não buscamos nenhuma outra coisa que conhecemos. Não é verdade?*”; Sísifo confirmou: “*Sem dúvida*”; e Sócrates acrescenta: *Então* (οὖν) *te parece ser necessário, ó Sísifo, quando não conhecemos, buscar ou aprender?*”.

- T57 (390a6)

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθές ὑμεῖς τοῦ βου-
λεύεσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ
βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρὰ
τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα
διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ’ ἐδοκῆίτέ μοι τὴν ἡμέραν
ὄλην τὴν χθές αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι
καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν,
οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως
δ’ ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ
διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀπο-
δεδείχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὧ Σίσυφε, σκόπει νῦν
σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευσασθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ
νῦν οὐδέν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη]
τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὀνόματι σεμνοτέρῳ μόνον
κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ’ οὐδενί, ἄρ’ ἂν οἶει αὐτῷ
διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευεσθαι τε
καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι
ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων
ἰατροί τε ἰατρῶν ἀύληταί τε ἀύλητῶν, οἳ τε ἄλλοι
δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ
καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ
βουλευεσθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.*

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos ainda agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de um outro nome qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

A partícula οὖν assinala uma consequência tirada da resposta do interlocutor que respondeu de acordo com a pergunta anterior. Após Sócrates ter perguntado: “*Mas então, por que tu pensas que é mais necessário aprender do que buscar? Por que alguém poderia descobrir mais rápido e mais facilmente se aprendesse com os que conhecem do que se buscasse ele mesmo o que não sabe? Ou é por outro motivo?*” (T55); Sísifo responde: “*Não, é por causa disso mesmo*” (T56). Então, Sócrates continua: “*Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade...*” (T57).

- T61 (390d9)

ΣΩ. Ἄλλο τι οὖν ἢ τὰ μέλλοντα οὕτω ἐστίν;

SÓ. E as coisas que estão por vir ainda não são?

A partícula οὖν assinala uma consequência tirada da resposta do interlocutor que respondeu de acordo com a pergunta anterior. Após Sócrates ter perguntado: “*Dize-me então: todos, tanto aqueles que deliberam bem quanto aqueles que deliberam mal, não deliberam sobre coisas que ainda estão por vir?*” (T59); e Sísifo confirma: “*Sem dúvida*” (T60). Sócrates acrescenta: E as coisas que estão por vir ainda não são?

- T69 (390e9)

ΣΩ. Ἄλλο τι οὖν ἢ οἳ τε εὖ βουλευόμενοι καὶ οἳ κακῶς ἅπαντες βουλεύονται περὶ πραγμάτων οὔτε ὄντων οὔτε γεγενημένων οὔτε φύσιν οὐδεμίαν ἔχόντων, ὅταν περὶ τῶν μελλόντων βουλεύωνται ;

SÓ. Então, os que deliberam bem e os que deliberam mal, todos eles outra coisa não fazem senão deliberar sobre coisas que não são, nem nasceram, nem possuem nenhuma natureza, quando deliberam sobre coisas que ainda estão para vir?

A partícula οὖν assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que acabou de tirar uma conclusão de ordem prática, decorrente da argumentação que a antecedeu. Essa argumentação inicia-se no T59 com a hipótese de que, *tanto aqueles que deliberam bem quanto aqueles que deliberam mal, não deliberam sobre coisas que ainda estão por vir*, prossegue nos turnos 61 *E as coisas que estão por vir ainda não são*, T65, *se ainda não são, elas assim nem sequer surgiram* e T67 *se ainda não nasceram, ainda não possuem nenhuma natureza própria*. T69: “Então, os que deliberam bem e os que deliberam mal, todos eles outra coisa não fazem senão deliberar sobre coisas que não são, nem nasceram, nem possuem nenhuma natureza, quando deliberam sobre coisas que ainda estão para vir?”.

- T71 (390e14)

ΣΩ. Δοκεῖ οὖν σοι δυνατόν εἶναι τοῦ μή ὄντος τυχεῖν τινι ἢ εὖ ἢ κακῶς ;

SÓ. *Então, te parece ser possível para alguém encontrar o que não é, seja bem ou mal?*

A partícula οὖν assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor que adiantou uma conclusão a partir do que foi perguntado anteriormente. Após Sócrates ter perguntado (T69) “*Então, os que deliberam bem e os que deliberam mal, todos eles outra coisa não fazem senão deliberar sobre coisas que não são, nem nasceram, nem possuem nenhuma natureza, quando deliberam sobre coisas que ainda estão para vir?*” Sísifo responde (T70) “*Assim parece*”. Sócrates, então, acrescenta (T71): “*Então, te parece ser possível para alguém encontrar o que não é, seja bem ou mal?*”.

- T91 (391d3)

ΣΩ. Πρὸς τὸ οὖν ποτε ἀποβλέποντες ἄνθρωποι πράγμα, ἀποκαλοῦσιν ἀνθρώπους εὐβούλους τε καὶ κακοβούλους εἶναι τινας; Ἐὰν γὰρ ἄξιόν ἐστι καὶ αὐθὶς ποτε περὶ αὐτοῦ ἐνθυμηθῆναι, ὧς Σίσυφε;

SÓ. *Considerando então que ação, os homens afirmam que alguns homens são bons ou mal conselheiros? Vale a pena numa outra ocasião tratar desse assunto, Sísifo?*

A partícula οὖν assinala uma consequência tirada a partir da resposta do interlocutor, apontando para a necessidade de prosseguir com a conversa a respeito da deliberação.

Tabela 5 – Realização da partícula οὖν

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T5 (388a2)	Medial	Associada à partícula μέν, sugere um matiz transitivo de continuação;
T5 (388a4)	Medial	Associada à partícula μέν, sugere um matiz transitivo de consequência;
T29 (389a8)	Inicial	Sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente do conjunto de argumentação que a precedeu;
T39 (389c3)	Inicial	Associado à partícula μέν, mantém seu sentido adverbial, equivalendo a combinação μέν οὖν a um advérbio de intensidade;
T43 (389d6)	Medial	Assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que acabou de aceitar o desenvolvimento do tema em questão;
T53 (389e14)	Inicial	Assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor;
T57 (390a6)	Inicial	
T61 (390d9)	Inicial	
T69 (390e9)	Inicial	Assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que acabou de tirar uma conclusão de ordem prática, decorrente da argumentação que a antecedeu;
T71 (390e14)	Inicial	Assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor que adiantou uma conclusão a partir do que foi perguntado anteriormente;
T91 (391d3)	Inicial	Assinala uma consequência tirada a partir da resposta do interlocutor, apontando para a necessidade de prosseguir com a conversa a respeito da deliberação.
Total de ocorrências: 11		

A partícula οὖν desempenha uma função importante no texto, sendo utilizada nas falas de Sócrates, o condutor do diálogo, em momentos fundamentais da argumentação dialógica.

f) οὐκοῦν

A partícula οὐκοῦν foi constatada nos seguintes turnos (passagens):

- T13 (388c10)

ΣΩ. Οὐκοῦν ἐκεῖνο μὲν οὐκ ἂν ζητοίη, τὸν Καλλί-
στρατον εἰδέναι, ὃ γε εἰδώς ;

SÓ. *Então* ele não buscaria isso, conhecer Kalístrato, que já é conhecido?

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, assinalando uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior de Sísifo (que confirmou a sugestão de Sócrates), e acenando para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor: “*Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?*” (T11); Sísifo responde: “*Eu quero dizer isso mesmo*” (T12). A partir dessa resposta, Sócrates pergunta: “*Então* (οὐκοῦν) ele não buscaria isso, conhecer Kalístrato, que já é conhecido?”; e, mais uma vez, Sísifo confirma: “*Não*” (T14).

- T17 (388d5)

ΣΩ. Οὐκοῦν οὐδε τοῦτο ἐζητήει, ὅπου ἦν ἐξευρεῖν αὐτόν, εἰ ἦδει· ἀλλ’ ἐξηῦρεν ἂν εὐθέως ;

SÓ. *Então* ele não buscaria isso, encontrá-lo onde ele pudesse estar, se fosse necessário, mas encontrá-lo imediatamente.¹⁷

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior de Sísifo, que acabou de confirmar a sugestão de Sócrates, no T15: *Mas onde ele pudesse estar, ele o buscaria*. Sísifo acabou de responder: “*Assim me parece*” (T16). E Sócrates prossegue: *Então* (οὐκοῦν) ele não buscaria isso, encontrá-lo onde ele pudesse estar, se fosse necessário, mas encontrá-lo imediatamente (T17). Essa combinação também acena para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor. E Sísifo confirma: “*Sim*” (T18).

¹⁷ Limitamo-nos aqui a comentar o uso da partícula οὐκοῦν como aparece no *Sísifo*, respeitando a pontuação estabelecida no texto. Nesse turno, optamos por traduzir como afirmação.

- T25 (389a1)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ περὶ τοῦ ἀέρος Ἀναξαγόραν τε καὶ Ἐμπεδοκλέα καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς μεταρσιολέσχας ἅπαντας οἴσθα ζητοῦντας πότερον ἄπειρός ἐστιν ἢ πέρασ ἔχων ;

SÓ. *Então, também sobre o ar, sabes se Anaxágoras, Empédocles e todos os outros faladores procuram saber se ele é ilimitado ou se tem um limite?*

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, que, a partir da conclusão da resposta anterior, acrescenta mais um exemplo na argumentação - o de que buscamos o que não conhecemos. A pergunta transmite a expectativa de uma confirmação da parte de Sísifo, que, efetivamente, responde: “*Sim*” (T26).

- T31 (389b1)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τὸ βουλευέσθαι τοῦτο ἔδόκει ἡμῖν εἶναι αὐτό, τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστά τινα ἐξευρεῖν περὶ ὧν ἂν δέοιτο διαπράττεσθαι αὐτῶ ;

SÓ. *Então também a deliberação parece-nos ser isso mesmo: buscar encontrar o que é melhor em relação ao que seria preciso fazer.*

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior de Sísifo, que acabou de confirmar a sugestão de Sócrates: “*Então terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim: ninguém procura as coisas que sabe, mas de preferência as coisas que não sabe. Não é?*” (T29). Sísifo acabou de responder: “*Eu concordo*” (T30). E Sócrates acrescenta: “*Então* (οὐκοῦν) *também a deliberação parece-nos ser isso mesmo: buscar encontrar o que é melhor em relação ao que seria preciso fazer.* Constatamos também, nessa passagem, a expectativa de uma confirmação. Com efeito, Sísifo confirma a sugestão de Sócrates: “*Sim*” (T32).

- T35 (389b8)

ΣΩ. **Οὐκοῦν** σκεπτέον ἡμῖν ἔστι νῦν ἤδη τί ἔστιν ἐμποδῶν τοῖς ζητοῦσι περὶ ὧν ἂν τὴν ζήτησιν ποιῶνται εἰς τὸ ἐξευρεῖν.

SÓ. *Então, temos de examinar agora também o que impede os que procuram de descobrir as coisas que eles procuram.*

Em posição inicial, a partícula οὐκοῦν sugere uma confirmação, introduzindo um novo elemento na argumentação, e apontando para a expectativa de uma confirmação. De fato, Sísifo diz: “*Assim me parece*” (T36)

- T51(389e9)

ΣΩ. **Οὐκοῦν** ὑμεῖς χθες ἐζητεῖτε τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τῇ πόλει, οὐκ ἠπίστασθε δὲ αὐτά; εἰ γάρ ἠπίστασθε, οὐκ ἂν ἔτι δήπου ἐζητεῖτε αὐτά, ὥσπερ οὐδὲ ἄλλο οὐδὲν ὧν ἂν ἐπιστώμεθα ζητοῦμεν. Ἥ γάρ;

SÓ. *Então, vós ontem buscáveis descobrir o que era melhor para a cidade, porém não conheciéis essas coisas, pois, se conhecêsseis, com certeza não buscaríeis mais essas coisas, assim como não buscamos nenhuma outra coisa que conhecemos. Não é verdade?*

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior de Sísifo, que confirmou a sugestão de Sócrates: “*Porque a busca se relaciona certamente com coisas que não se sabe, e não parece ser possível para um homem deliberar sobre coisas que ele não conhece. Não foi isso que dissemos?*” (T49). Sísifo responde: “*Sem dúvida*” (T50). E Sócrates continua: “*Então, (οὐκοῦν) vós ontem buscáveis descobrir o que era melhor para a cidade, porém não conheciéis essas coisas, pois, se conhecêsseis, com certeza não buscaríeis mais essas coisas, assim como não buscamos nenhuma outra coisa que conhecemos. Não é verdade?*” A conclusão introduzida por οὐκοῦν é seguida de um lugar relevante de transição - “*Não é*

verdade?” (ἡ γὰρ), que aponta para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor; e Sísifo, de fato, confirma: “*De fato, não buscamos*” (T52).

- T65 (390e3)

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ μήπω ἐστίν, οὕτως οὐδέ γέγονε τὰ μή ὄντα ;

ΣÓ. *Então, se ainda não são, elas assim nem sequer surgiram, não é?*

A partir da resposta anterior, a partícula οὐκοῦν introduz uma interrogação direta com expectativa de confirmação, apontando etapas de uma argumentação: as coisas que estão por vir ainda não são (T61); se fossem, elas não mais estariam para vir, mas já seriam (T63); “*Então (οὐκοῦν), se ainda não são, elas assim nem sequer surgira, não é?*” E Sísifo confirma: “*De fato, não*” (T66).

- T67 (390e6)

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ μήπω μηδε γέγονεν, οὕτω οὐδέ φύσιν ἔχει οὐδεμίαν αὐτῶν ;

ΣÓ. *Então, se ainda não nasceram, ainda não possuem nenhuma natureza própria.*

A partir da resposta anterior, a partícula οὐκοῦν introduz uma interrogação direta com expectativa de confirmação, apontando uma etapa na argumentação: se ainda não são, elas assim nem sequer surgiram (T65); “*Então (οὐκοῦν), se ainda não nasceram, ainda não possuem nenhuma natureza própria*”. E Sísifo diz: “*De fato, não*” (T68).

- T75 (391a6)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τὸν πλειστάκις βάλλοντα τοῦ σκοποῦ κατ’ ὀρθὸν κρίνοις ἄν νικᾶν ;

SÓ. *Então* aquele que acertasse o alvo o maior número de vezes, tu o proclamarias vencedor?

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior de Sísifo, que confirmou a sugestão de Sócrates: “... Como, dentre muitos arqueiros, poderias reconhecer quem seria bom e quem seria ruim? Isso não é difícil de ver, não é? Talvez tu ordenasses que eles atirassem num alvo. Não é verdade?” (T73). Sísifo acabou de confirmar: “Sem dúvida alguma” (T74). Sócrates, então, prossegue: *Então* (οὐκοῦν) *aquele que acertasse o alvo o maior número de vezes, tu o proclamarias vencedor?* O emprego da partícula também acena para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor. De fato, Sísifo confirma: “Eu proclamaria” (T76).

- T79 (391b2)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τοὺς βουλευόμενους ἢ εὖ ἢ κακῶς, εἰ μὴ ἐπίσταντο περὶ ὅτου βουλεύοιντο, ἀπορήσειας ἂν διαγνῶναι ;

SÓ. *Então*, não ficarias embaraçado ao tentar reconhecer os que deliberam bem ou mal, se eles não conhecessem o assunto sobre o qual estariam deliberando?

A partícula introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior. Após Sócrates perguntar: “E se nenhum alvo lhes fosse estabelecido para atirar, mas cada um pudesse atirar como desejasse, como poderias reconhecer o que atira bem com o arco e o que atira mal?” (T77), Sísifo responde: “Impossível” (T78). E Sócrates acrescenta: “*Então*, não ficarias embaraçado ao tentar reconhecer os que deliberam bem ou mal...”

- T81 (391b6)

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ περὶ μελλόντων πραγμάτων βουλεύονται

οί βουλευόμενοι, περὶ τῶν οὐκ ὄντων βουλεύονται;

SÓ. *Então, se os que deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é?*

A partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, assinalando uma conclusão de ordem prática, a partir da resposta imediatamente anterior, dando assim prosseguimento à argumentação e acenando com a expectativa de uma confirmação. No T79, Sócrates perguntou: “*Então, não ficarias embaraçado ao tentar reconhecer os que deliberam bem ou mal, se eles não conhecessem o assunto sobre o qual estariam deliberando?*”. No T80, Sísifo confirmou: “*Eu ficaria*”. Então, no T81, Sócrates acrescenta: “*Então, se os que deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é?*”. E no T82, Sísifo, mais uma vez, confirma: “*Sem dúvida*”.

- T83 (391b9)

ΣΩ. Οὐκοῦν τοῦ γε μὴ ὄντος οὐχ οἶόν τ' οὐδενὶ τυχεῖν ἔστι; πῶς γὰρ ἂν τίς σοι δοκεῖ τοῦ μὴ ὄντος δύνασθαι τυχεῖν;

SÓ. *Então, não se pode encontrar o que não é. Pois, como te parece que alguém possa encontrar o que não é?*

A partícula οὐκοῦν sugere, mais uma vez, um marcador inicial, assinalando uma conclusão a partir do que o interlocutor acabou de dizer, e dando seguimento a argumentação, com a expectativa de uma confirmação. No T31, Sócrates perguntou: “*Então, se os que deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é?*”. No T82, Sísifo concordou: “*Sem dúvida*”. Então, no T83, Sócrates acrescenta: “*Então, não se pode encontrar o que não é. Pois, como te parece que alguém possa encontrar o que não é?*” (notemos que, nesse turno, a interrogação repete a afirmação, reforçando-a, e sugerindo um lugar relevante de transição). E no T84, Sísifo confirma: “*De modo nenhum*”.

- T85 (391c3)

ΣΩ. Οὐκοῦν ἐπειδὴ οὐκ ἔστι τοῦ μὴ ὄντος τυγχάνειν

οἷόν τε, οὐδεὶς ἂν ἔτι περὶ τῶν μὴ ὄντων βουλευόμενος
τυγχάνοι; τὰ γὰρ μέλλοντα τῶν οὐκ ὄντων ἐστίν. Ἡ
γάρ;

SÓ. *Logo, como não é possível encontrar o que não é, ninguém mais
aconteceria de deliberar sobre as coisas que não são? Pois, as coisas
que estão por vir estão entre as coisas que não são. Não é verdade?*

Novamente, a partícula οὐκοῦν sugere um marcador inicial, introduzindo uma
interrogação direta, assinalando uma conclusão a partir do que acabou de ser dito, e acenando
com a expectativa de uma confirmação. No turno 83, Sócrates perguntou: “*Então, não se
pode encontrar o que não é. Pois, como te parece que alguém possa encontrar o que não é?*”.
No turno 84, Sísifo confirmou: “*De modo nenhum*”. Então, no T85, Sócrates acrescenta:
“*Logo, como não é possível encontrar o que não é, ninguém mais aconteceria de deliberar
sobre as coisas que não são? Pois, as coisas que estão por vir estão entre as coisas que não
são. Não é verdade?*”. (Notemos o lugar relevante de transição: “*Não é verdade*”). E no T86,
Sísifo responde: “*Assim me parece*”.

- T87 (391c8)

ΣΩ. Οὐκοῦν οὐδ' ὁ μὴ τυγχάνων τῶν μελλόντων, οὐδεὶς
ἂν οὔτ' εὐβουλος οὔτε κακόβουλος εἶη ἀνθρώπων ἔτι;

SÓ. *Então, não se encontrando as coisas que estão por vir, ninguém
mais dentre os homens poderia ser bom ou mal conselheiro.*

A partícula οὐκοῦν introduziu, nos turnos 81, 83 e 85, uma conclusão a partir do que
acabou de se dizer, dando seguimento a uma sequência na argumentação: (1) se os que
deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é; (2) não
se pode encontrar o que não é; (3) logo, ninguém mais aconteceria de deliberar sobre as coisas
que não são. No turno 87, a partícula οὐκοῦν assinala uma conclusão prática do que foi dito
anteriormente: “*Então (οὐκοῦν), não se encontrando as coisas que estão por vir, ninguém
mais dentre os homens poderia ser bom ou mal conselheiro*”.

Tabela 6 – Realização da partícula οὐκοῦν

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T13 (388c10)	Inicial	Marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior e acenando para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor;
T17 (388d5)	Inicial	
T25 (389a1)	Inicial	Sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, que a partir da conclusão da resposta anterior, acrescenta mais um exemplo na argumentação;
T31 (389b1)	Inicial	Marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior e acenando para a expectativa de uma confirmação;
T35 (389b8)	Inicial	Pela natureza da argumentação, sugere um marcador inicial, introduzindo um novo elemento na argumentação, apontando para a expectativa de uma confirmação;
T51 (389e9)	Inicial	Sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior;
T65 (390e3)	Inicial	A partir da resposta anterior, a partícula οὐκοῦν introduz uma interrogação direta com expectativa de confirmação, apontando etapas de uma argumentação;
T67 (390e6)	Inicial	
T75(391a6)	Inicial	Marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior e acenando para a expectativa de uma confirmação;
T79 (391b2)	Inicial	
T81 (391b6)	Inicial	Marcador inicial, a partícula introduz uma interrogação direta, assinalando uma conclusão de ordem prática, a partir de que foi dito pelo interlocutor, dando assim prosseguimento à argumentação, com a expectativa de uma confirmação;
T83 (391b9)	Inicial	Marcador inicial, a partícula introduz uma interrogação direta, assinalando uma conclusão a partir do que acabou de ser dito, e dando seguimento a uma sequência na argumentação.
T85 (391c3)	Inicial	
T87 (391c8)	Inicial	
Total de ocorrências: 14		

Constatamos assim que a partícula οὐκοῦν desempenha um papel importante no percurso da argumentação, em falas da personagem Sócrates, o condutor do diálogo.

5.2.2 Combinações

a) ἄρ' οὖν

Vejamos agora a combinação das partículas ἄρα e οὖν, que ocorre nos seguintes turnos (passagens):

- T3 (387d3)

ΣΩ. Ἄλλὰ καλὸν τό τε τῷ νόμῳ πείθεσθαι, τό τε ὑπὸ τῶν πολιτῶν δεδοξάσθαι εὐβουλον εἶναι, ὥσπερ καί σὺ δεδόξασαι εὐβουλος εἶναι εἰς τῶν Φαρσαλίων. Ἄτάρ, ὦ Σίσυφε, ἐγὼ γὰρ οὐπω περὶ τοῦ εὖ βουλευέσθαι τούς λόγους ἄν δυναίμην ποιήσασθαι πρὸς σέ, ἡγούμενος καὶ σχολῆς εἶναι πολλῆς καὶ λόγου μακροῦ, ἀλλὰ περὶ αὐτοῦ τοῦ βουλευέσθαι πρῶτον, ὅτι ἔστιν, ἐγχειρήσαιμ' ἄν διαλεχθῆναί σοι. Ἄρ' οὖν ἔχοις ἄν μοι εἰπεῖν αὐτό τὸ βουλευέσθαι ὅτι ποτ' ἔστι; μή μοι ἢ τὸ εὖ ἢ κακῶς ἢ τὸ καλῶς πως, ἀλλ' αὐτὸ μόνον τὸ βουλευέσθαι, ὁποῖόν τί ἔστιν. Ἡ καὶ πάνυ ῥαδίως, αὐτός γε οὕτως εὐβουλος ὢν; ἀλλὰ μὴ ἐμή περιεργία ἦ καὶ τὸ ἐρωτήσαί σε περὶ τούτου;

SÓ. *Mas é bom obedecer à lei, além de ser considerado um bom conselheiro pelos cidadãos, assim como também tu és considerado tal conselheiro entre os farsálios. No entanto, Sísifo, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo. Poderias então me dizer o que é a deliberação? Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?*

Nessa combinação, usada nesse turno em posição medial, a partícula ἄρα transmite um matiz interrogativo, enquanto a partícula οὖν assinala a consequência de que Sócrates diz imediatamente antes: “*No entanto, Sísifo, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo*”. Notemos ainda que, logo em seguida a essa interrogação decisiva, introduzida por ἄρ' οὖν (“*Poderias então (ἄρ' οὖν)*”

me dizer o que é a deliberação?”), o próprio Sócrates reforça a argumentação, antes de passar o turno: “Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?”.

- T11 (388c3)

ΣΩ. Ἐπεὶ οὖν καὶ τοῦθ' οὕτως πως λέγεις, τὸ ζητεῖν ἀμφοτέρωθεν τοὺς ἀνθρώπους, ἃ ἂν τε ἐπιστῶνται καὶ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὅμοιον ὥσπερ εἶ τις Καλλίστρατον γινώσκουσι μὲν ὅστις ὁ Καλλίστρατος, μὴ μὲντοι ἐπίστατο ὅπου εἴη ἔξευρεῖν, [οὐχ ὅστις εἴη ὁ Καλλίστρατος]. Ἐπεὶ οὖν πως λέγεις τὸ ζητεῖν εἶναι ἀμφοτέρωθεν;

SÓ. Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?

A combinação ἔρ' οὖν sugere um marcador inicial, assinalando uma consequência a partir do que foi reconhecido nas duas falas imediatamente anteriores. No T9, Sócrates perguntou: “*E buscam os homens o que sabem das coisas ou também o que não sabem?*”. No T10, Sísifo respondeu: “*As duas coisas*”. Então, no T11, Sócrates acrescenta: “*Então é isso que estás dizendo, ...*”. O marcador ἔρ' οὖν, aponta ainda para a expectativa de uma confirmação da parte do falante (Notemos o lugar relevante de transição no final da fala - “*É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?*”), conforme podemos constatar na resposta de Sísifo logo em seguida: “*Eu quero dizer isso mesmo*” (T12).

- T37 (389b12)

ΣΩ. Ἐπεὶ οὖν ἄλλο τι φαίημεν ἂν αὐτοῖς ἐμποδῶν εἶναι ἢ τὴν ἀνεπιστημοσύνην;

SÓ. *Então poderíamos dizer que o que os impede outra coisa não é senão a ignorância?*

Também neste turno, Sócrates inicia sua fala com a combinação ἄρ' οὖν, numa interrogação direta, assinalando uma consequência a partir do que foi dito nas falas anteriores. No T35, Sócrates diz: “*Então, temos de examinar agora também o que impede os que procuram de descobrir as coisas que eles procuram*”. No T36, Sísifo respondeu: “*Assim me parece*”. Aí Sócrates acrescenta: “*Então poderíamos dizer que o que os impede outra coisa não é senão a ignorância?*”

Tabela 7 – Realização da combinação ἄρ' οὖν

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T3 (387d3)	Medial	A partícula ἄρ' transmite um matiz interrogativo, enquanto a partícula οὖν assinala a consequência de que Sócrates diz imediatamente antes;
T11 (388c3)	Inicial	Sugere um marcador inicial, assinala uma consequência do que foi reconhecido nas duas falas imediatamente anteriores;
T37(389b12)	Inicial	Introduz uma interrogação direta; assinala uma consequência a partir do que foi dito na fala anterior.
Total de ocorrências: 03		

A combinação ἄρ' οὖν aparece assim tanto como marcador inicial quanto marcador final, assinalando uma consequência a partir do que o interlocutor acabou dizer, em falas do condutor do diálogo, Sócrates.

b) ἦ γάρ

A combinação ἦ γάρ, onde a partícula ἦ transmite um matiz interrogativo, e a partícula γάρ é afirmativa, pode ser considerada um elemento conversacional importante na escritura do diálogo, pois funciona como um requisito de apoio discursivo da parte do falante, com vistas a certificar-se da atenção do ouvinte, aguardando a sua concordância, por meio de uma interrogação elíptica.

A ocorrência de ἦ γάρ foi constatada nos seguintes turnos (passagens):

- T21 (388e9)

ΣΩ. “Ὅπερ καὶ ἀγνοεῖται. Ἦ γάρ;

ΣΟ. *O que justamente também é desconhecido. Não é verdade?*

Sísifo confirma a sugestão de Sócrates: *Sem dúvida* (T22: πάνυ γε)¹⁸.

- T23 (388e14)

ΣΩ. Τί δέ; Ὁ τοῦ κύβου διπλασιασμός οὐκ οἶσθ' ὅτι ζητεῖται τοῖς γεωμέτραις ὅπως τις ἐστὶν εὐρεθῆναι λόγῳ; αὐτός δὲ ὁ ἡύβος οὐ ζητεῖται αὐτοῖς εἰ κύβος ἐστὶν ἢ μή, ἀλλ' ἐπίστανται τούτῳ γε. Ἦ γάρ;

ΣΟ. *E então? Não sabes que a duplicação do cubo é aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo? E o próprio cubo, eles não procuram saber se é cubo ou não, mas isso eles já sabem. Não é verdade?*

Sísifo concorda com Sócrates: “*Sim*” (T24).

- T27 (389a6)

ΣΩ. Ἄλλ' οὐκ ἐκεῖνο, εἰ ἀήρ ἐστὶν. Ἦ γάρ;

ΣΟ. *Mas eles não procuram saber se é ar. Não é verdade?*

Sísifo concorda: “*Não, com certeza*” (T28).

¹⁸ Cf. Realização da resposta πάνυ γε.

- T33 (389b6)

ΣΩ. Τὸ δε ζητεῖν γε ὅπερ τὸ βουλευέσθαι ἦν περὶ τῶν πραγμάτων. Ἡ γάρ ;

SÓ. *E essa procura seria justamente a deliberação sobre as ações. Não é verdade?*

Sísifo confirma: “*Sem dúvida alguma*” (T34: πάνυ μὲν οὖν)¹⁹.

- T45 (389d10)

ΣΩ. Ἄλλὰ ζητεῖν περὶ ὧν ἂν τις μὴ ἐπιστήμων ἦ. Ἡ γάρ ;

SÓ. *Mas se poderia buscar aquilo que não se conhece. Não é verdade?*

Sísifo aceita a sugestão de Sócrates: “*Sem dúvida alguma*” (T46: πάνυ μὲν οὖν).

- T51 (389e12)

ΣΩ. Οὐκοῦν ὑμεῖς χθες ἐζητεῖτε τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τῇ πόλει, οὐκ ἠπίστασθε δε αὐτά; εἰ γάρ ἠπίστασθε, οὐκ ἂν ἔτι δήπου ἐζητεῖτε αὐτά, ὥσπερ οὐδε ἄλλο οὐδεν ὧν ἂν ἐπιστώμεθα ζητοῦμεν. Ἡ γάρ ;

SÓ. *Então, vós ontem buscáveis descobrir o que era melhor para a cidade, porém não conhecíeis essas coisas, pois, se conhecêsseis, com certeza não buscaríeis mais essas coisas, assim como não buscamos nenhuma outra coisa que conhecemos. Não é verdade?*

Sísifo concorda: “*De fato, não buscamos*” (T52).

¹⁹ Cf. Realização de πάνυ μὲν οὖν.

- T63 (390e1)

ΣΩ. Εἰ γὰρ εἴη, οὐκ ἂν ἔτι δήπου μέλλοι ἕσεσθαι, ἀλλ' εἴη ἂν ἤδη. Ἦ γάρ;

SÓ. *Pois, se fossem, elas não mais estariam para vir, mas já seriam. Não é verdade?*

Sísifo confirma: “*Sim*” (T64).

- T73 (391a4)

ΣΩ. Ἐγώ σοι φράσω ὃ γε βούλομαι εἰπεῖν. Σκόπει γάρ. Πῶς ἂν τοξοτῶν πολλῶν διαγνοίης τόν τε χρηστὸν καὶ τὸν πονηρὸν ὅστις εἴη αὐτῶν; ἢ τοῦτου μὲν οὐ χαλεπὸν εἰδέναι; ἴσως γὰρ ἂν κελεύοις αὐτοὺς ἐπὶ σκοποῦ τινος τοξεύειν. Ἦ γάρ;

SÓ. *Eu vou te explicar o que quero dizer. Escuta! Como, dentre muitos arqueiros, poderias reconhecer quem seria bom e quem seria ruim? Isso não é difícil de ver, não é? Talvez tu ordenasses que eles atirassem num alvo. Não é verdade?*

Sísifo concorda: “*Sem dúvida alguma*” (T74).

- T85 (391c5)

ΣΩ. Οὐκοῦν ἐπειδὴ οὐκ ἔστι τοῦ μὴ ὄντος τυγχάνειν οἷόν τε, οὐδεὶς ἂν ἔτι περὶ τῶν μὴ ὄντων βουλευόμενος τυγχάνοι; τὰ γὰρ μέλλοντα τῶν οὐκ ὄντων ἐστίν. Ἦ γάρ;

SÓ. Logo, como não é possível encontrar o que não é, ninguém mais aconteceria de deliberar sobre as coisas que não são? Pois, as coisas que estão por vir estão entre as coisas que não são. Não é verdade?

Sísifo responde: “Assim me parece” (T86).

Tabela 8 – Realização da combinação ἦ γάρ

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T21 (388e9)	Final	Sugere um marcador final, numa interrogação direta com a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor; trata-se de um importante requisito de apoio discursivo de que se vale o falante para certificar-se da atenção do ouvinte, pedindo a sua concordância.
T23 (388e14)	Final	
T27 (389a6)	Final	
T33 (389b6)	Final	
T45(389d10)	Final	
T51 (389e12)	Final	
T63 (390e1)	Final	
T73 (391a4)	Final	
T85 (391c5)	Final	
Total de ocorrências: 09		

Procuramos observar o uso recorrente da combinação ἦ γάρ como marcador conversacional, e constatamos que tal combinação ocorre sempre no final do turno, apontando para um lugar relevante de transição. Sócrates, o interlocutor principal do diálogo, encerra os turnos acima mencionados com a expressão interrogativa ἦ γάρ , e espera uma confirmação de Sísifo, ou seja, uma certificação da atenção do ouvinte. Sísifo, com efeito, confirma as sugestões de Sócrates.

5.2.3 Advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις

Na construção πῶς λέγεις podemos observar a presença de um verbo de dizer (*uerbum dicendi*), ou seja, verbo que faz referência à ação da fala, como *falar, dizer, perguntar, responder, excluir*. Esse tipo de verbo aparece tipicamente em textos com os quais se busca reproduzir uma fala ou um diálogo, transmitindo seguramente a marca da oralidade.

O emprego do advérbio interrogativo πῶς, na expressão πῶς λέγεις, foi constatado nos seguintes turnos (passagens):

- T7 (388b6)

ΣΩ. ἴΑρα τοιόνδε τι λέγεις τὸ βουλευέσθαι πρὸς τοῦ Διός – ὡσπερ γὰρ ἂν καὶ αὐτὸς ὑπομαντεύεσθαί μοι δοκῶ τήν διάνοιάν σου περὶ τοῦ εὔ βουλευέσθαι – οἷον τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τινα ἑαυτῷ διαπράξασθαι, μηδέπω δὲ ἐπιστασθαι σαφῶς, ἀλλ’ ὡσπερ ἐν νοήσει τινὰ εἶναι; Τοῦτο οὐχ οὕτω **πῶς λέγεις;**

SÓ. *Então, estás dizendo que a deliberação, por Zeus, – assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a boa deliberação – é como buscar alguém encontrar o melhor para que ele mesmo possa agir, sem ainda saber claramente, mas já tendo em mente alguma coisa? Não é isso que estás dizendo?*

A expressão πῶς λέγεις assinala um lugar relevante de transição em que Sócrates passa o turno para Sísifo; juntamente com o advérbio de negação (οὐχ), aponta para a expectativa de uma confirmação. De fato, Sísifo responde: “*Eu estou*” (T8).

- T11 (388c3) e (388c8)

ΣΩ. ἴΑρ’ οὖν καὶ τοῦθ’ οὕτως **πῶς λέγεις**, τὸ ζητεῖν ἀμφοτέρα τοὺς ἀνθρώπους, ἃ ἂν τε ἐπιστῶνται καὶ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὅμοιον ὡσπερ εἶ τις Καλλίστρατον γινώσκει μὲν ὅστις ὁ Καλλίστρατος, μὴ μέντοι ἐπίσταιτο ὅπου εἴη ἐξευρεῖν, [οὐχ ὅστις εἴη ὁ Καλλίστρατος]. ἴΑρ’ οὕτω **πῶς λέγεις** τὸ ζητεῖν εἶναι ἀμφοτέρα;

SÓ. *Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?*

A expressão πως λέγεις aparece duas vezes no turno11, uma em posição inicial, e outra em posição final, apontando para um lugar relevante de transição. Se levarmos em conta a argumentação desenvolvida no turno, Sócrates aguarda a confirmação do interlocutor. É o que acontece, quando Sísifo responde: “*Eu quero dizer isso mesmo*” (T12).

- T72 (390e16)

ΣΙ. Πώς τούτο λέγεις ;

Σί. *O que queres dizer com isso?*

A expressão πως λέγεις sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, e solicitando uma informação adicional.

Tabela 9 – Realização do advérbio interrogativo πως na construção πως λέγεις

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T7 (388b6)	Final	Assinala um lugar relevante de transição; juntamente com o advérbio de negação (ούχ), aponta para a expectativa de uma confirmação;
T11 (388c3)	Inicial	Assinala um lugar relevante de transição. Se levarmos em conta a argumentação desenvolvida no turno, o falante aguarda a confirmação do interlocutor;
T11 (388c8)	Final	
T72(390e16)	Inicial	Sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, e uma solicitando informação adicional.
Total de ocorrências: 04		

5.2.4 Pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ

O pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ ocorre nos seguintes turnos (passagens):

- T23 (388e12)

ΣΩ. Τι δέ ; Ὁ τοῦ κύβου διπλασιασμός οὐκ οἶσθ' ὅτι ζητεῖται τοῖς γεωμέτραις ὅπόσος τίς ἐστὶν εὐρεθῆναι λόγῳ ; αὐτός δὲ ὁ ἡῦρος οὐ ζητεῖται αὐτοῖς εἰ κύβος ἐστίν

ἢ μή, ἀλλ' ἐπίστανται τού τό γε. Ἡ γάρ ;

SÓ. *E então? Não sabes que a duplicação do cubo é aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo? E o próprio cubo, eles não procuram saber se é cubo ou não, mas isso eles já sabem. Não é verdade?*

Sócrates e Sísifo estão conversando sobre a questão de os homens buscarem as coisas que conhecem e as coisas que não conhecem. Após chegarem ao acordo de que os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem (T19), Sócrates faz menção aos geômetras: “E então? Não sabes que a duplicação do cubo é aquela grandeza procurada pelos geômetras através do cálculo? E o próprio cubo, eles não procuram saber se é cubo ou não, mas isso eles já sabem. Não é verdade?” (T23). E continua argumentando sobre os homens buscarem o que ainda não sabem, como é o caso de Anaxágoras, Empédocles e todos os outros faladores que procuram saber se o ar é ilimitado ou se tem um limite, e não se o ar é ar (T25 e T27).

Notemos que Sócrates inicia o turno em análise (T23) com o marcador τὶ δέ , em que a partícula δέ faz a ligação com a fala anterior e assinala uma transição entre o que acabou de ser dito e o que vai ser proposto. Nesta associação, τὶ δέ sugere um marcador inicial, assinalando a tomada de turno.

- T41 (389c10)

ΣΩ. **Τι δέ** περὶ στρατηγίας ἢ κυβερνητικῆς; τὸν μὴ ἐπιστάμενον μηδέτερα τούτων οἷει ἔχειν ἄν τι βουλευέσθαι περὶ τούτων τοῦ ἑτέρου ὅτι ποιητέον εἴη αὐτῷ; ὅπως ἢ στρατηγητέον ἢ κυβερνητέον ἐκείνῳ αὐτῷ τῷ μὴ ἐπιστάμενῳ μήτε στρατηγεῖν μήτε κυβερνᾶν ;

SÓ. *E sobre a estratégia ou a arte da navegação? Pensas que aquele que não conheça nenhuma dessas duas artes poderia deliberar sobre uma ou outra dessas coisas quando ele tivesse de fazê-lo? Como ele poderia comandar um exército ou pilotar um navio, se ele próprio nunca soube comandar nem pilotar?*

Após Sísifo e Sócrates chegarem a um acordo sobre ser impossível a um homem deliberar sobre música nada sabendo ele sobre música (T39), Sócrates prossegue (“*E sobre a estratégia e a arte da navegação...*”).

Tabela 10 – Realização do pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T23 (388e12)	Inicial	Τί δέ sugere a tomada de turno, em que a partícula δέ estabelece uma ligação com a fala anterior, marcando ainda uma transição para a pergunta seguinte.
T41 (389c10)	Inicial	
Total de ocorrências: 02		

5.2.5 Forma pronominal ἔγωγε e respostas πάνυ γε e πάνυ μὲν οὖν;

a) ἔγωγε

Para a análise da forma pronominal ἔγωγε, também se faz necessário apresentar o par conversacional, ou seja, os dois turnos adjacentes: primeiro, a fala de Sócrates; depois, a resposta de Sísifo. Trata-se do pronome pessoal ἐγώ, no nominativo, reforçado pela partícula enclítica γε, numa resposta elíptica. O marcador conversacional ἔγωγε foi constatado nos seguintes turnos (passagens):

- T8 (388b7)

ΣΩ. Ἐὰρ τοιόνδε τι λέγεις τὸ βουλευέσθαι πρὸς τοῦ Διός – ὥσπερ γὰρ ἂν καὶ αὐτὸς ὑπομαντεύεσθαί μοι δοκῶ τήν διάνοιάν σου περὶ τοῦ εἶ βουλευέσθαι – οἷον τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τινα ἑαυτῷ διαπράξασθαι, μηδέπω δὲ ἐπιστασθαι σαφῶς, ἀλλ’ ὥσπερ ἐν νοήσει τινὰ εἶναι; Τοῦτο οὐχ οὕτω πως λέγεις;

SÓ. Então, estás dizendo que a deliberação, por Zeus, – assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a boa deliberação – é como buscar alguém encontrar o melhor para que ele mesmo

possa agir, sem ainda saber claramente, mas já tendo em mente alguma coisa? Não é isso que estás dizendo? (T7)

ΣΙ. Ἐγώ γε.

ΣΙ. *Eu estou*

A forma pronominal ἔγωγε sugere o assentimento esperado por Sócrates após o lugar relevante de transição: “*Não é isso que estás dizendo?*” (T7).

Observemos que após a pergunta que Sócrates faz a Sísifo: “*Não é isso que estás dizendo?*” (T7), Sísifo responde: “*Eu estou*”, que equivale à resposta elíptica “*É isso mesmo que estou dizendo*”, confirmando o assentimento esperado por Sócrates.

- T12 (388c9)

ΣΩ. Ἐὰρ οὖν καὶ τοῦθ' οὕτως πως λέγεις, τὸ ζητεῖν ἀμφοτέρωθεν τοὺς ἀνθρώπους, ἃ ἂν τε ἐπιστῶνται καὶ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὅμοιον ὥσπερ εἴ τις Καλλίστρατον γινώσκῃ μὲν ὅστις ὁ Καλλίστρατος, μὴ μὲντοι ἐπίσταιτο ὅπου εἴη ἐξευρεῖν, [οὐχ ὅστις εἴη ὁ Καλλίστρατος]. Ἐὰρ οὕτω πως λέγεις τὸ ζητεῖν εἶναι ἀμφοτέρωθεν;

ΣΩ. *Então é isso que estás dizendo, que os homens buscam ambas as coisas, aquelas que sabem e aquelas que não sabem, assim como se alguém conhecesse Kalístrato, quem ele é, mas não pudesse descobrir onde ele poderia estar, e não quem seria Kalístrato. É isso que queres dizer com buscar ambas as coisas?* (T11)

ΣΙ. Ἐγώ γε.

ΣΙ. *Eu quero dizer isso mesmo.*

A forma pronominal ἔγωγε expressa o assentimento esperado por Sócrates. Observemos que após a pergunta feita por Sócrates: “*É isso que queres dizer com buscar*

ambas as coisas?” (T11), Sísifo toma o turno e responde afirmativamente “Eu quero dizer isso mesmo”.

- T30 (389a12)

ΣΩ. Συγχωρήσαις ἄν οὖν μοι καὶ κατὰ τῶν ἄλλων πάντων οὕτως ἔχειν ἤδη, μηδέν μηδενὶ εἶναι ζητεῖν τῶν ἀνθρώπων ὧν ἂν ἐπίστηταί τις, ἀλλὰ μάλλον ὧν ἂν μὴ ἐπίστηται ;

SÓ. *Então terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim: ninguém procura as coisas que sabe, mas de preferência as coisas que não sabe. Não é?(T29)*²⁰

ΣΙ. Ἐγὼ γέ.

SÍ. *Eu concordo.*

Também neste par conversacional (turnos 29 e 30), podemos observar que diante da pergunta de Sócrates: “*Então terias de concordar comigo que em todas as demais coisas também é assim...*” (T29), Sísifo responde com o assentimento esperado: “*Eu concordo*”, o que equivale a “*Eu concordo contigo que em todas as demais coisas também é assim*”.

- T40 (389c9)

ΣΩ. Ὑπερφυῶς μὲν οὖν, τὸ λεγόμενον γε, πάντα κάλων ἐφεντες καὶ πᾶσαν φωνὴν ἀφιέντες. Ἄθρει δὲ δὴ μετ’ ἐμοῦ τόδε· Ἐγὼ γὰρ νομίζεις οἶόν τέ τι εἶναι ἀνθρώπῳ περὶ μουσικῆς βουλευέσθαι, μήτε ἐπισταμένῳ περὶ μουσικῆς, μηδὲ ὅπως ἢ κιθαριστέον εἴη αὐτῷ ἢ ἄλλο τι τῶν κατὰ μουσικὴν ποιητέον ;

²⁰ A entonação se perdeu; o lugar relevante de transição é sugerido pelo ponto de interrogação no grego, e por isso optamos por acrescentar à tradução a expressão “*não é?*”.

ΣÓ. *Extraordinário o que está sendo dito. Nós nos soltamos e falamos à vontade. Observa comigo o seguinte: pensas que seja possível a um homem deliberar sobre música nada sabendo ele sobre música, nem como deva tocar a cítara ou qualquer outra coisa daquelas que devem ser feitas de acordo com a música?* (T39)

ΣΙ. Οὐκ ἔγωγε.

ΣÍ. *Eu não penso que seja possível.*

Pelo desenvolvimento da argumentação, a expressão ἔγωγε juntamente com o advérbio de negação οὐκ, sugere a confirmação da negação sugerida por Sócrates, que pergunta se é possível a um homem deliberar sobre música nada sabendo sobre música.

- T44 (389d9)

ΣΩ. Ἡ καὶ περὶ τῶν ἄλλων οὖν ἀπάντων οὕτως ἀξιότις ἔχειν, περὶ ὧν ἄν μὴ ἐπίστηται τις, μὴ εἰδέναι μηδέ βουλευέσθαι πῶς δυνατὸν τῷ μὴ ἐπισταμένῳ περὶ αὐτῶν;

ΣÓ. *E não pensas que isso vale para todas as outras coisas, a respeito das quais não conhecemos, isto é, que não podemos saber nem deliberar sobre coisas que não conhecemos?* (T43)

ΣΙ. ἔγωγε.

ΣÍ. *Eu penso.*

Pelo desenvolvimento da argumentação, a expressão ἔγωγε sugere a confirmação esperada por Sócrates, que pergunta: “...*não podemos saber nem deliberar sobre coisas que não conhecemos?*” (T43)

- T58 (390d5)

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθὲς ὑμεῖς τοῦ βου-

λεύεσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρὰ τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ' ἐδοκεῖτέ μοι τὴν ἡμέραν ὅλην τὴν χθες αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν, οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως δ' ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀποδεδείχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὦ Σίσυφε, σκόπει νῦν σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευσασθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ νῦν οὐδὲν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη] τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὀνόματι σεμνοτέρῳ μόνον κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ' οὐδενί, ἄρ' ἂν οἶει αὐτῷ διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευεσθαι τε καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων ἰατροί τε ἰατρῶν ἀύληταί τε ἀύλητων, οἳ τε ἄλλοι δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ βουλευεσθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. *Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.*

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos

agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de outro qualquer, pensas que uns homens são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros? (T57)

ΣΙ. Ἐγώ γε.

ΣΪ. *Eu penso.*

Após o lugar relevante de transição introduzido pela partícula ἤ, na fala imediatamente anterior (“... *pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?*” - T57), Sísifo toma o turno e responde afirmativamente: “*Eu penso*”²¹.

- T76 (391a8)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τὸν πλειστάκις βάλλοντα τοῦ σκοποῦ κατ’ ὀρθὸν κρίνοις ἂν νικᾶν;

ΣΟ. *E aquele que acertasse o alvo o maior número de vezes, tu o proclamarias vencedor? (T75)*

ΣΙ. Ἐγώ γε.

ΣΪ. *Eu proclamaria.*

Após a interrogação direta introduzida pelo marcador inicial οὐκοῦν, na fala imediatamente anterior de Sócrates, Sísifo toma o turno e responde afirmativamente: “*Eu proclamaria*”, conforme a expectativa de Sócrates²².

²¹ Cf. Realização da partícula ἤ.

²² Cf. Realização da partícula οὐκοῦν.

- T80 (39b5)

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τοὺς βουλευόμενους ἢ εὖ ἢ κακῶς, εἰ μὴ ἐπίσταντο περὶ ὅτου βουλεύοιντο, ἀπορήσειας ἂν διαγνῶναι ;

SÓ. *Então, não ficarias embaraçado ao tentares reconhecer os que deliberam bem ou mal, se eles não conhecessem o assunto sobre o qual estariam deliberando?* (T79)

ΣΙ. **Ἐγώ γε.**

SÍ. *Eu ficaria.*

Após a interrogação direta introduzida pelo marcador inicial οὐκοῦν, na fala anterior, Sísifo toma o turno e responde afirmativamente: “*Eu ficaria*”, conforme a expectativa de Sócrates no turno 79.

Tabela 11 – Forma pronominal ἔγωγε

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T8 (388b7)	O próprio turno	A forma do pronome pessoal de primeira pessoa do singular ἐγώ, no nominativo, reforçada pela partícula enclítica γε, transmite uma afirmação enfática, numa resposta elíptica.
T12 (388c9)		
T30 (389a12)		
T40 (389c9)		
T44 (389d9)		
T58 (390d5)		
T76 (391a8)		
T80 (391b5)		
Total de ocorrências: 08		

b) πάνυ γε

A expressão πάνυ γε é a associação do advérbio de intensidade πάνυ reforçado pela partícula enclítica γε; essa associação, usada isoladamente em respostas, muito comum nas obras de Platão. Observamos as 04 ocorrências de πάνυ γε como marcador conversacional e verificamos que tal expressão é usada quando o interlocutor responde

afirmativamente à pergunta que lhe foi feita. Por isso, para a análise dessa expressão, apresentamos os dois turnos adjacentes: primeiro a fala de Sócrates, e depois a resposta de Sísifo. Constatamos a ocorrência de *πάνυ γε* nos seguintes turnos (passagens):

- T22 (388e11)

ΣΩ. "Ὅπερ καὶ ἀγνοεῖται. Ἴη γάρ ;

SÓ. *O que justamente também é desconhecido. Não é verdade?* (T21)

ΣΙ. *Πάνυ γε.*

SÍ. *Sem dúvida.*

A expressão *πάνυ γε* assinala a confirmação esperada por Sócrates, após o lugar relevante de transição *Não é verdade?* (Ἴη γάρ;)

- T50 (389e8)

ΣΩ. "Ὅτι τό μὲν ζητεῖν ἐστὶ δήπου ἐπὶ τούτοις οἷς ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, τὸ δὲ βουλευέσθαι οὐχ οἷόν τ' εἶναι δοκεῖ περὶ ταῦτα ἀνθρώπων, περὶ ἃ ἂν τις μὴ ἐπιστήμων ᾖ. Ἴη οὐχ οὕτως ἐλέχθη;

SÓ. *Porque a busca se relaciona certamente com coisas que não se sabe, e não parece ser possível para um homem deliberar sobre coisas que ele não conhece. Não foi isso que dissemos?* (T49).

ΣΙ. *Πάνυ γε.*

SÍ. *Sem dúvida.*

A expressão πάνυ γε assinala a confirmação esperada por Sócrates, após o lugar relevante de transição: “*Não foi isso que dissemos?*” (Ἡ οὐχ οὕτως ἐλέχθη;).

- T60 (390d8)

ΣΩ. Εἶπε δὴ μοι· οὐχ ἄραντες οἱ τε εὖ βουλευόμενοι
καί οἱ κακῶς περὶ μελλόντων τινῶν ἔσεσθαι βουλευόνται ;

ΣÓ. *Dize-me então: todos, tanto aqueles que deliberam bem quanto aqueles que deliberam mal, não deliberam sobre coisas que ainda estão por vir?* (T59)

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣÍ. *Sem dúvida.*

A pergunta anterior (T59) é introduzida pelo advérbio de negação οὐχ, sugerindo, pela argumentação, uma expectativa de confirmação da parte de Sócrates. De fato, Sísifo responde: “*Sem dúvida*”.

- T82 (391b8)

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ περὶ μελλόντων πραγμάτων βουλεύονται
οἱ βουλευόμενοι, περὶ τῶν οὐκ ὄντων βουλεύονται;

ΣÓ. *Então, se os que deliberam deliberam sobre o que ainda está por vir, eles deliberam sobre o que não é?* (T81)

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣΙ. *Sem dúvida.*

A pergunta anterior (T81) é introduzida pela partícula οὐκοῦν, sugerindo, pela argumentação, a expectativa de uma confirmação da parte de Sócrates. De fato, Sísifo responde: “*Sem dúvida*”.

Tabela 12 – Realização da resposta πάνυ γε

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T22 (388e11)	O próprio turno	Assinala a confirmação esperada da parte do falante (Sócrates), após um lugar relevante de transição;
T50 (389e8)		
T60 (390d8)		
T82 (391b8)		
Total de ocorrências: 04		

c) πάνυ μὲν οὖν

Para a análise da expressão πάνυ μὲν οὖν, é preciso apresentar o par conversacional, ou seja, os dois turnos adjacentes: primeiro, a fala de Sócrates, que termina com o lugar relevante de transição(ἦ γάρ;); depois, a resposta de Sísifo, que dá o assentimento esperado por Sócrates. O marcador conversacional πάνυ μὲν οὖν foi constatado nos seguintes turnos (passagens):

- T34 (389b7)

ΣΩ. Τὸ δὲ ζητεῖν γε ὅπερ τὸ βουλευέσθαι ἦν περὶ τῶν πραγμάτων. ἦ γάρ;

SÓ. *E essa procura seria justamente a deliberação sobre as ações. Não é verdade?* (T33)

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

SÍ. *Sem dúvida alguma.*

- T46 (389d12)

ΣΩ. Ἄλλὰ ζητεῖν περὶ ὧν ἂν τις μὴ ἐπιστήμων ἦ. Ἦ γάρ;

SÓ. *Mas se poderia buscar aquilo que não se conhece. Não é verdade?* (T45)

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

SÍ. *Sem dúvida alguma.*

- T74 (391a5)

ΣΩ. Ἐγὼ σοι φράσω ὃ γε βούλομαι εἰπεῖν. Σκόπει γάρ. Πῶς ἂν τοξοτῶν πολλῶν διαγνοίης τόν τε χρηστὸν καὶ τὸν πονηρὸν ὅστις εἴη αὐτῶν; ἢ τοῦτου μὲν οὐ χαλεπὸν εἰδέναι; ἴσως γὰρ ἂν κελεύοις αὐτοὺς ἐπὶ σκοποῦ τινος τοξεύειν. Ἦ γάρ;

SÓ. *Eu vou te explicar o que quero dizer. Escuta! Como, dentre muitos arqueiros, poderias reconhecer quem seria bom e quem seria ruim? Isso não é difícil de ver, não é? Talvez tu ordenasses que eles atirassem num alvo. Não é verdade?* (T73)

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

SÍ. *Sem dúvida alguma.*

Tabela 13 – Realização da resposta πάνυ μὲν οὖν

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T34 (389b7)	O próprio turno	A expressão assinala a confirmação de uma interrogação, que transmite a expectativa de afirmação.
T46(389d12)		
T74 (391a5)		

Total de ocorrências: 03

Assim sendo, nas 3 ocorrências da expressão πάνυ μὲν οὖν, que equivale a um advérbio de afirmação, constatamos que se trata do assentimento dado por Sísifo, após o lugar relevante de transição usado por Sócrates: “*Não é verdade?*” (Ἦ γάρ;) ²³

5.2.6 Expressões recorrentes: ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός· e νὴ Δία·

Verificamos que as expressões ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός· e νὴ Δία· ocorrem nos seguintes turnos (passagens):

- T2 (387b6)

ΣΙ. **Ναὶ μὰ τὸν Δία·** ἀσχολία γάρ μοί τις ἐγένετο ἀναγκαιότερα, ὥστε μὴ παραμελῆσαι αὐτῆς. Οἱ γάρ ἄρχοντες ἡμῶν ἐβουλεύοντο χθές· συμβουλεύειν οὖν αὐτοῖς ἠναγκαζόν με. Ἡμῖν δὲ τοῖς Φαρσαλίοις καὶ νόμος ἐστὶ τοῖς ἄρχουσι πείθεσθαι, ἂν κελεύωσι συμβουλεύειν τινὰ ἡμῶν αὐτοῖς.

SÍ. *Sim, por Zeus! Aconteceu-me um assunto urgente que não pude deixar para depois. Os nossos magistrados deliberaram ontem; então, eles me obrigaram a deliberar com eles. Entre nós, os farsálios, é lei obedecer aos magistrados, quando eles mandam que um de nós delibere com eles.*

A expressão ναὶ μὰ τὸν Δία· acentua o tom coloquial que o autor quer dar ao texto, sugerindo um marcador inicial que assinala a tomada de turno, e reforçando a confirmação, a partir do que foi dito imediatamente antes.

- T7 (388b1)

ΣΩ. Ἦ ἄρα τοιόνδε τι λέγεις τὸ βουλεύεσθαι **πρὸς τοῦ Διός·** – ὥσπερ γὰρ ἂν καὶ αὐτὸς ὑπομαντεύεσθαι μοι δοκῶ

²³ Cf. Realização do elemento conversacional Ἦ γάρ;

τήν διάνοιάν σου περὶ τοῦ εἶναι βουλευέσθαι – οἷον τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τινα ἑαυτῷ διαπραΰνασθαι, μηδέπω δὲ ἐπιστασθαι σαφῶς, ἀλλ’ ὥσπερ ἐν νοήσει τινὰ εἶναι; Τοῦτο οὐχ οὕτω πως λέγεις;

SÓ. *Então, estás dizendo que a deliberação, por Zeus, – assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a boa deliberação – é como buscar alguém encontrar o melhor para que ele mesmo possa agir, sem ainda saber claramente, mas já tendo em mente alguma coisa? Não é isso que estás dizendo?*

A expressão πρὸς τοῦ Διός· acentua o tom de conversa, permitindo maior vivacidade ao diálogo. Notemos que ela antecede imediatamente uma observação irônica de Sócrates (“*assim como eu mesmo pareço adivinhar teu pensamento sobre a deliberação*”).

- T38 (389c2)

ΣΙ. Σκοπῶμεν νῆ Δία.

SÍ. *Devemos examinar essa questão, por Zeus!*

No turno 38, a expressão νῆ Δία· acentua o tom de conversa, imediatamente após o subjuntivo de exortação Σκοπῶμεν.

- T54 (389e16)

ΣΙ. Μανθάνειν ἔμοιγε νῆ Δία.

SÍ. *Aprender, por Zeus!*

No turno 54, a expressão νῆ Δία· acentua, mais uma vez, o tom coloquial, imediatamente após a expressão Μανθάνειν ἔμοιγε (“*aprender, na minha opinião*”), com a forma pronominal ἔμοιγε destacando o falante, e o infinitivo μανθάνειν, retomando de forma

ecoica uma das alternativas sugeridas na fala imediatamente anterior de Sócrates: “*Então te parece ser necessário, ó Sísifo, quando não conhecemos, buscar ou aprender (μανθάνειν)?*” (T53).

- T57 (390c1)

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθὲς ὑμεῖς τοῦ βουλευέσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρὰ τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ’ ἐδοκείτέ μοι τὴν ἡμέραν ὄλην τὴν χθὲς αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν, οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως δ’ ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀποδεδεῖχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε **πρὸς Διός**, ὧς Σίσυφε, σκόπει ἡνὺν σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευέσθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ ἡνὺν οὐδὲν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη] τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὀνόματι σεμνοτέρῳ μόνον κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ’ οὐδενί, ἄρ’ ἂν οἶει αὐτῷ διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευέσθαι τε καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων ἰατροί τε ἰατρῶν ἀύληταί τε ἀύλητῶν, οἳ τε ἄλλοι δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ βουλευέσθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o

dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de um outro qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

A invocação πρὸς τοῦ Διός acentua o tom de conversa, antecedendo imediatamente o vocativo *ó Sísifo*, nessa fala de Sócrates, onde ἄλλά introduz um novo rumo na argumentação.

Tabela 14 - Realização das expressões ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός· e νῆ Δία·

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T2 (387b6)	Inicial	Acentua o tom coloquial, sugerindo ainda um marcador inicial, e reforçando a confirmação a partir do que foi dito imediatamente antes;
T7 (388b1)	Medial	Acentua o tom de conversa, permitindo maior vivacidade ao diálogo;
T38 (389c2)	Final	Acentua o tom de conversa, imediatamente após um subjuntivo de exortação;
T54(386e16)	Final	Acentua o tom de conversa, transmitindo um tom coloquial ao diálogo, imediatamente após a expressão Μανθάνειν ἔμοιγε (<i>aprender, na minha opinião</i>), com a forma pronominal ἔμοιγε destacando o falante, e o infinitivo μανθάνειν, retomando de forma ecoica uma das alternativas sugeridas na fala imediatamente anterior;
T57 (390c1)	Medial	Acentua o tom de conversa, antecedendo imediatamente o vocativo <i>ó Sísifo</i> , nessa fala de Sócrates, onde ἄλλά introduz um novo rumo na argumentação.

5.2.7 Vocativo

Do latim, *vocare* (chamar), o vocativo aparece determinando a pessoa a quem é dirigida a fala. Num discurso direto, serve para invocar o destinatário. Por isso, é possível afirmar que este termo é uma das marcas características de um diálogo.

No caso da comunicação filosófica *Sísifo*, somente a personagem Sócrates, o condutor do diálogo, faz uso deste recurso, utilizando 7 vezes o vocativo ὦ Σίσιφε, chamando a atenção do interlocutor.

Vejamos os turnos (passagens) em que ocorre o vocativo:

- T1 (387b2)

ΣΩ. Ἡμεῖς δὲ καὶ χθές σε πολὺν χρόνον ἀνεμίναμεν, ὦ Σίσιφε, ἐπὶ τῇ Στρατονίου ἐπιδείξει, ὅπως ἂν συνηκροῶ ἡμῖν ἀνδρὸς σοφοῦ πολλὰ τε καὶ καλὰ ἐπιδεικνυμένου πράγματα καὶ λόγῳ καὶ ἔργῳ, καὶ ἐπεὶ σὲ οὐκέτι ὤρομεθα παρέσεσθαι, αὐτοὶ ἤδη ἠκροώμεθα τάνδρός.

SÓ. *Nós ontem te esperamos muito tempo, Sísifo, por causa da apresentação de Estratônico, para que pudesses ouvir conosco um homem sábio apresentando muitas e belas coisas, tanto por palavras quanto por atos, e quando percebemos que tu não virias mais, nós mesmos escutamos o homem.*

- T3 (387c7)

ΣΩ. Ἀλλὰ καλὸν τό τε τῷ νόμῳ πείθεσθαι, τό τε ὑπὸ τῶν πολιτῶν δεδοξάσθαι εὐβουλον εἶναι, ὥσπερ καὶ σὺ δεδόξασαι εὐβουλος εἶναι εἰς τῶν Φαρσαλίων. Ἀτάρ, ὦ Σίσιφε, ἐγὼ γὰρ οὐπω περὶ τοῦ εὐβουλεύεσθαι τοὺς λόγους ἂν δυναίμην ποιήσασθαι πρὸς σέ, ἡγούμενος καὶ σχολῆς εἶναι πολλῆς καὶ λόγου μακροῦ, ἀλλὰ περὶ αὐτοῦ τοῦ βουλεύεσθαι πρῶτον, ὅτι ἔστιν, ἐγχειρήσαιμ' ἂν διαλεχθῆναί σοι. Ἄρ' οὖν ἔχοις ἂν μοι εἰπεῖν αὐτό τὸ

βουλεύεσθαι ὅτι ποτ' ἔστι; μή μοι ἢ τὸ εὖ ἢ κακῶς ἢ τὸ καλῶς πῶς, ἀλλ' αὐτὸ μόνον τὸ βουλεύεσθαι, ὁποῖόν τι ἔστιν. Ἡ καὶ πάνυ ῥαδίως, αὐτός γε οὕτως εὐβουλος ὢν; ἀλλὰ μὴ ἐμή περιεργία ἦ καὶ τὸ ἐρωτήσαί σε περὶ τούτου;

SÓ. Mas é bom obedecer à lei, além de ser considerado um bom conselheiro pelos cidadãos, assim como também tu és considerado tal conselheiro entre os farsálios. No entanto, Sísifo, eu ainda não poderia conversar contigo sobre a boa deliberação, supondo serem necessários muito tempo e uma longa conversa, mas sobre a própria deliberação, o que ela é, eu gostaria de conversar contigo. Poderias então me dizer o que é a deliberação? Não me fales a respeito de como se delibera bem, mal ou bonito, mas apenas da deliberação, como ela é. Sendo tu mesmo assim tão bom conselheiro, isso seria muito fácil, não é? Mas não seria indiscrição da minha parte te perguntar sobre isso?

O uso desse vocativo segue-se imediatamente a partícula ἀτάρ (*no entanto*), acentuando uma mudança de tópico.

- T5 (387d11)

ΣΩ. Ἐμοιγε, **ὦ Σίσιφε**, εἰ γέ τι ἄλλο ἔστιν ἢ ὅπερ τὸ μὴ ἐπιστάμενόν τινα περὶ ὧν ἂν δέη τι πράττειν, διαμαντεύόμενον καὶ σχεδιάζοντα λέγειν ὅτι ἂν τύχη, εἰκάζοντα καὶ κατὰ ταῦτ' αὐτῶ, ὥσπερ καὶ οἱ ἀρτιάζοντες τῶν ἀνθρώπων, οὐδέν ἐπιστάμενοι δήπου περὶ τῶν ἀρτίων τε καὶ περιττῶν ὧν ἂν ἐν ταῖς χερσὶ ταῖς αὐτῶν ἔχωσιν, ὅμως ἐπιτυχάνουσι λέγοντες περὶ τῶν αὐτῶν τ' ἀληθῆ. Πολλάκις μὲν οὖν τοιοῦτόν τι καὶ τὸ βουλεύεσθαι ἔστιν, οἷον μηδέν ἐπιστάμενον περὶ ὧν ἂν βουλευήταί τις, ἀπὸ τύχης εἰπόντα ἐπιτυχάνειν τ' ἀληθῆ. Εἰ μὲν οὖν τοιοῦτόν ἔστι, γινώσκω δὴ οἷον τὸ βουλεύεσθαι ἔστιν· εἰ μὲντοι

γε μὴ τοιοῦτὸν ἔστιν, οὐκ ἂν πω ἐπισταίμην αὐτό.

SÓ. *Eu desconheço, ó Sísifo, se é algo diferente de, não sabendo alguém as coisas que seria preciso fazer, adivinhando e improvisando, acontecer de dizer o que é, conjecturando de acordo com as mesmas coisas por si mesmo, assim como também os jogadores de par ou ímpar, nada sabendo com certeza dos pares e dos ímpares que eles têm nas mãos, acontecem de dizer a verdade sobre as mesmas coisas. Muitas vezes, desse modo, a deliberação é algo semelhante, como, por exemplo, nada sabendo sobre o que se está deliberando, alguém, por acaso, acontece de dizer a verdade. Se realmente é assim, eu sei o que é a deliberação; mas se não é assim, eu não saberia mais dizer o que ela é.*

O vocativo *ó Sísifo* aparece logo após a forma pronominal ἔμοιγε, a qual destaca a opinião do falante, chamando ainda a atenção do interlocutor.

- T19 (388d10)

ΣΩ. Οὐκ ἄρα ταῦτά γε δὴ ζητοῦσιν ἅττα ἂν ἐπιστῶνται οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ ἃ ἂν μὴ ἐπιστῶνται, ὡς ἔοικεν. Εἰ δέ σοι οὗτος ὁ λόγος ἐριστικός ἐίναι δοκεῖ, **ὦ Σίσυφε**, καὶ μὴ τοῦ πράγματος ἕνεκα λέγεσθαι ἀλλ' αὐτοῦ τοῦ διαλέγεσθαι μόνον, σκόπει δὲ καὶ ὧδε ἔαν δοκῇ σοι οὕτως ἔχειν ὡσπερ καὶ νῦν λέγεσθαι. Ἐὰν γὰρ οὐκ ἐν τῇ γεωμετρίας οἴσθαι τοῦτο γιγνόμενον· ἀγνοουμένην τὴν διάμετρον τοῖς γεωμέτραις, οὐκ εἰ διάμετρος ἐστίν ἢ μή – οὐδέ γὰρ οὐδέ ζητεῖται τοῦτο ὑπ' αὐτῶν εὔρεθῆναι – ἀλλ' ὅποση τις ἐστὶ μέτρον πρὸς τὰς πλευρὰς τῶν χωρίων ὧν ἂν διατέμνηται; Ἄρ' οὐ τοῦτό ἐστὶν αὐτὸ τὸ ζητούμενον περὶ αὐτῆς;

SÓ. *Então os homens não buscam as coisas que conhecem, mas as que não conhecem, pelo que parece. Se esse discurso te parece*

erístico, e não ser dito por causa do assunto, Sísifo, mas do diálogo pelo diálogo apenas, examina se te parece ser assim como está sendo dito agora. Não sabes que isso acontece na geometria? Quando o diâmetro é desconhecido pelos geômetras, eles não procuram saber se ele é diâmetro ou não, mas, pela medida, qual é a grandeza em relação aos lados das superfícies que o diâmetro dividiria. Não é isso mesmo que se busca saber sobre o diâmetro?

- T53 (389e13)

ΣΩ. Πότερον οὖν σοι δοκεῖ χρῆναι, ὡς Σίσυφε, ἂν μὴ ἐπίστηται τις, ζητεῖν ἢ μανθάνειν;

SÓ. Então te parece ser necessário, ó Sísifo, quando não conhecemos, buscar ou aprender?

- T57 (390c1)

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθές ὑμεῖς τοῦ βουλεύεσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρά τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ' ἐδοκεῖτέ μοι τὴν ἡμέραν ὅλην τὴν χθές αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν, οἷ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως δ' ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀποδεδεῖχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὡς Σίσυφε, σκόπει νῦν σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλεύεσθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ νῦν οὐδεν ἐξευρίσκεται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη] τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὄνόματι σεμνοτέρῳ μόνον κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ' οὐδενί, ἄρ' ἂν οἶει αὐτῷ

διενεγκεῖν τι ἑτέρους ἑτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευέσθαι τε καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμαις ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἑτέρων, τέκτονες τεκτόνων ἰατροί τε ἰατρῶν ἀύλητὰι τε ἀύλητῶν, οἳ τε ἄλλοι δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ καὶ οὗτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχναίς, ἧ οὕτως καὶ ἐν τῷ βουλευέσθαι οἷε ἄν τι διενεγκεῖν ἑτέρους ἑτέρων;

SÓ. Por que então, em vez de deliberar ontem sobre o que não conheceis, e de buscar o que há de melhor a fazer na cidade, vós não aprendestes com algum dos que conhecem, para poderdes realizar o melhor para a cidade? Mas vós me pareceis terdes passado todo o dia de ontem sentados, improvisando e adivinhando sobre as coisas que vós não conheciéis, descuidando de aprender, os magistrados da cidade e tu com eles. Tu poderias dizer talvez que eu estou me divertindo contigo, que isso é somente dialética e não uma demonstração séria.

Mas por Zeus, ó Sísifo, examina isso agora com seriedade: se admitimos ser a deliberação alguma coisa, e não, como descobrimos agora mesmo, que ela não passa de ignorância e conjectura, ou improviso, valendo-nos apenas não de um nome mais importante, e não de um outro qualquer, pensas que uns são superiores aos outros em relação ao bem deliberar ou a ser um bom conselheiro, assim como também em todas as outras ciências, uns são superiores aos outros, carpinteiros a carpinteiros, médicos a médicos, flautistas a flautistas, e todos os demais artesãos, que uns são diferentes dos outros? E da mesma maneira que aqueles em suas próprias artes, tu pensas que na deliberação uns sejam superiores aos outros?

- T91 (391d6)

ΣΩ. Πρὸς τὸ οὖν ποτε ἀποβλέποντες ἄνθρωποι πράγμα, ἀποκαλοῦσιν ἀνθρώπους εὐβούλους τε καὶ κακοβούλους εἶναι τινας; Ἐὰρ γὰρ ἄξιόν ἐστι καὶ αὐθὶς ποτε περὶ αὐτοῦ

ἐνθυμηθῆναι, ὦ Σίσυφε ;

SÓ. *Considerando então que ação, os homens afirmam que alguns homens são bons ou mal conselheiros? Vale a pena numa outra ocasião tratar desse assunto, Sísifo?*

Tabela 15 – Realização dos vocativos ὦ Σίσυφε

Turno (passagem)	Posição no turno	Uso / sentido
T1 (387b2)	Medial	Serve para chamar a atenção do interlocutor, confirmando assim a interação entre os falantes;
T3 (387c7)	Medial	O uso desse vocativo segue-se imediatamente a partícula ἄλλά (no entanto), acentuando uma mudança de tópico;
T5 (387d11)	Medial	O vocativo ὦ Σίσυφε aparece logo após a forma pronominal ἐμοίγε, a qual destaca a opinião do falante, chamando ainda atenção do interlocutor;
T19 (388d10)	Medial	Serve para chamar a atenção do interlocutor, confirmando assim a interação entre os falantes.
T53 (389e13)	Medial	
T57 (390c1)	Medial	
T91 (391d6)	Final	
Total de ocorrências: 07		

6. CONCLUSÃO

Utilizando os textos selecionados por Joseph Souillé para a *Les Belles Lettres*, constatamos que a escritura do diálogo, no *Sísifo*, não deixa de refletir a interação verbal de uma suposta conversação, ao pôr em cena duas personagens, Sócrates e Sísifo, conversando sobre a deliberação. A existência de dois interlocutores caracteriza o diálogo, com *alocução* (emissor distinto do receptor), *interlocução* (troca de falas) e *interação* (os interlocutores exercem um sobre o outro uma influência recíproca).

A nossa pesquisa destacou a conversação como uma interação verbal oral organizada por turnos (a escritura do *Sísifo* sugere noventa e um turnos). Definimos o turno como tudo o que um interlocutor faz ou fala enquanto está com a palavra. No mesmo rumo, consideramos a troca de turnos uma característica essencial numa atividade conversacional, e destacamos a tomada de turno como uma operação fundamental para a coerência da conversação.

Estudamos, assim, no *Sísifo* o traçado do percurso da argumentação num texto escrito numa língua não mais falada, o dialeto ático dos séculos V e IV a.C. O enfoque conversacional, numa vertente pragmática, ressaltou ainda o uso de supostos marcadores conversacionais, destacando-se o emprego das partículas ἦ (duas ocorrências), ἀλλά (quatro ocorrências), ἄρα (oito ocorrências), ἄρα (uma ocorrência) οὖν (onze ocorrências) e οὐκοῦν (catorze ocorrências); das combinações ἄρ' οὖν (três ocorrências) e ἦ γάρ (nove ocorrências); do advérbio interrogativo πῶς, na construção πῶς λέγεις (quatro ocorrências); do pronome interrogativo τί seguido da partícula δέ (duas ocorrências); da forma pronominal ἔγωγε (oito ocorrências) e das respostas πάνυ γε (quatro ocorrências) e πάνυ μὲν οὖν (três ocorrências); das expressões recorrentes: ναὶ μὰ τὸν Δία· (uma ocorrência), πρὸς τοῦ Διός· (duas ocorrências), νῆ Δία· (duas ocorrências); dos vocativos (sete ocorrências).

Assim sendo, com relação à realização desses elementos conversacionais constatamos o seguinte:

- a partícula ἦ é usada como uma partícula interrogativa, sugerindo um matiz de entonação; como elemento conversacional, essa partícula pode aparecer tanto no início T4 (387d9) quanto no final do T57 (390d3), introduzindo um lugar relevante de transição;

- a partícula ἄλλά pode ser empregada como um marcador conversacional, tanto inicial quanto medial, ostentando matizes diversos na argumentação do falante (Sócrates). No T3 (387b3), reforça a justificativa do interlocutor; no T27 (389a6), assinala a tomada de turno, sugerindo um marcador inicial; no T55 (390a1), associada às partículas ἄρα (matiz interrogativo) e γε (matiz restritivo), dá seguimento à argumentação, introduzindo uma repetição da fala anterior; no T57, antecedendo uma expressão coloquial, imediatamente seguida de um vocativo, a partícula ἄλλα assinala uma mudança na argumentação, introduzindo um recurso recorrente nos diálogos socráticos;
- a partícula ἄρα pode ocorrer em posição inicial, medial e final no turno onde aparece. Como marcador conversacional, ela transmite um matiz interrogativo, de variado colorido. No T7 (388b1), introduz uma interrogação direta, sugerindo um marcador inicial; no T11 (388c7), introduz uma interrogação direta, a qual sugere um lugar relevante de transição, aguardando a confirmação do interlocutor; no T19 (388e2), introduz uma interrogação imediatamente seguida por uma explicação, reforçando a argumentação do falante; no T39 (389c3), introduz uma interrogação direta, apresentando um dado novo na argumentação e apontando para um lugar relevante de transição com a expectativa de uma negação; no T55 (390a1), associada a ἄλλά γε, sugere a entonação, numa interrogação direta introduzindo toda uma repetição da fala anterior; no T57 (390c5), sugere a entonação numa interrogação direta que chama a atenção para um dado recorrente nos diálogos socráticos: a questão da competência nas artes; no T91(391d5), associada a γε, introduz uma interrogação direta, assinalando um lugar relevante de transição e apontando para o fim repentino do diálogo;
- a partícula ἄρα assinala uma consequência lógica a partir da fala imediatamente anterior; no T19 (388d8), assinala uma relação lógica, introduzindo a conclusão de um silogismo;
- A partícula οὖν desempenha uma função importante no texto, sendo utilizada nas falas de Sócrates, o condutor do diálogo, em momentos fundamentais da argumentação dialógica. No T5 (388a2), associada à partícula μέν, sugere um matiz transitivo de

continuação; no T29 (389a8), sugere um marcador inicial, introduzindo uma conclusão de ordem prática, decorrente do conjunto de argumentação que a precedeu; no T43 (389d6), assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que acabou de aceitar o desenvolvimento do tema em questão; no T53 (389e14), no T57 e no T61, assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor; no T69 (390e9), assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que acabou de tirar uma conclusão de ordem prática, decorrente da argumentação que a antecedeu; no T71 (390e14), assinala uma consequência a partir da resposta do interlocutor, que adiantou uma conclusão a partir do que foi perguntado anteriormente;

- a partícula οὐκοῦν desempenha um papel importante no percurso da argumentação, como marcador inicial, em falas da personagem Sócrates, o condutor do diálogo. Nos turnos T13 (388c10) e T17 (388d5), introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior, e acena para a expectativa de uma confirmação da parte do interlocutor; no T25 (389a1), introduz uma interrogação direta, que a partir da conclusão da resposta anterior, acrescenta mais um exemplo na argumentação; T31 (389b1), introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior, e acena para a expectativa de uma confirmação; no T35 (389b8), sugere uma confirmação, introduzindo um novo elemento na argumentação, e apontando para a expectativa de uma confirmação; no T51 (389e9), introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior; no T65 (390e3), a partir da resposta anterior, introduz uma interrogação direta com expectativa de confirmação, apontando etapas de uma argumentação; no T75(391a6), introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior; e acena para a expectativa de uma confirmação; no T79 (391b2), introduz uma conclusão de ordem prática, decorrente da resposta imediatamente anterior, e acena para a expectativa de uma confirmação; no T81 (391b6), no T83 (391b9) e no T85 (391c3), introduz uma interrogação direta, assinalando uma conclusão do que o interlocutor acabou de dizer, e dando prosseguimento a argumentação; no T87 (391c8), introduz uma interrogação direta, assinalando uma conclusão de ordem prática, e dando prosseguimento a argumentação;

- a combinação ἄρ' οὖν assinala uma consequência a partir do que o interlocutor acabou de dizer, em falas do condutor do diálogo, Sócrates. No T3 (387d3), a partícula ἄρα transmite um matiz interrogativo, enquanto a partícula οὖν assinala a consequência de que Sócrates diz imediatamente antes; no T11 (388c3), assinala uma consequência do que foi dito nas duas falas imediatamente anteriores; no T37 (389b12), introduz uma interrogação direta; assinala uma consequência a partir do que foi dito na fala anterior;
- a combinação ἦ γάρ ocorre sempre no final do turno, em falas de Sócrates, o condutor do diálogo, apontando para um lugar relevante de transição. Nos Ts 21 (388e9), 23 (388e14), 27 (389a6), 33 (389b6), 45 (389d10), 51 (389e12), 63 (390e1), 73 (391a4) e 85 (391c5), essa combinação marca a expectativa de uma confirmação, podendo ser considerada um requisito de apoio discursivo de que se vale o falante para certificar-se da atenção do ouvinte, pedindo sua concordância;
- a expressão πως λέγεις sugere um marcador inicial, introduzindo uma interrogação direta, e solicitando uma informação adicional. No T7 (388b6), assinala um lugar relevante de transição; juntamente com o advérbio de negação (οὐχ), aponta para a expectativa de uma confirmação; no T11 (388c3) e (388c8), assinala um lugar relevante de transição. Se levarmos em conta a argumentação desenvolvida no turno, o falante aguarda confirmação do interlocutor; no T72 (390e16), introduz uma interrogação direta, solicitando informação adicional;
- A expressão τί δέ, nos Ts 23 (388e12) e 41 (389c10), sugere um marcador inicial, assinalando a tomada de turno;
- A forma pronominal ἔγωγε assinala uma confirmação enfática, numa resposta elíptica, nos Ts 8 (388b7), 12 (388c9), 30 (389a12), 40 (389c9), 44 (389d9), 58 (390d5), 76 (391a8) e 80 (39b5); a resposta πόνυ γε assinala, nos T22 (388e11), T50 (389e8), T60 (390d8) e T82 (391b8), a confirmação esperada pelo interlocutor, após o lugar relevante de transição, e a resposta πόνυ μὲν οὖν assinala, nos T34 (389b7), T46(389d12) e T74 (391a5), a confirmação de uma interrogação, que transmite a expectativa de uma afirmação;

- a expressão *ναὶ μὰ τὸν Δία*, no T2 (387b6), acentua o tom coloquial, sugerindo ainda um marcador inicial, e reforçando a confirmação a partir do que foi dito imediatamente antes; a expressão *πρὸς τοῦ Διός*, no T7 (388b1), acentua o tom de conversa, permitindo maior vivacidade ao diálogo, e no T57 (390c1), acentua o tom de conversa, antecedendo imediatamente o vocativo *ὁ Σίσυφο*, nessa fala de Sócrates, onde *ἀλλά* introduz um novo rumo na argumentação; a expressão *νῆ Δία*, no T38 (389c2), acentua o tom de conversa, imediatamente após um subjuntivo de exortação; e no T54 (386e16), transmite um tom coloquial ao diálogo, imediatamente após a expressão *Μανθάνειν ἔμοιγε* (*aprender, na minha opinião*), com a forma pronominal *ἔμοιγε* destacando o falante, e o infinitivo *μανθάνειν*, retomando de forma ecoica uma das alternativas sugeridas na fala imediatamente anterior;
- O vocativo *ὁ Σίσυφο* nos T1 (387b2), T19 (388d10), T53 (389e13), T57 (390c1) e T91 (391d6) serve para chamar a atenção do interlocutor, confirmando assim a interação entre os falantes, no T3 (387c7), após a partícula *ἀτάρ* (*no entanto*), acentua uma mudança de tópico e no T5 (387d11) aparece logo após a forma pronominal *ἔμοιγε*, a qual destaca a opinião do falante.

Finalmente, ressaltamos que esta dissertação encerra uma etapa da nossa pesquisa, acenando para novas abordagens conversacionais de diálogos escritos na Grécia Antiga. Em nosso entender, o estudo da escritura do diálogo nos textos antigos não deixa de sugerir mais uma promissora opção, não apenas para o estudo da Antiguidade, mas também para somar ao diálogo entre a universidade e outras instituições e setores da sociedade, nestes tempos de multimídia e resgate da oralidade.

Referências Bibliográficas

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. São Paulo: Parábola, 2006.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Trad. Ermani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CUNHA, Maria Angélica F. da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Mário E. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M.E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DENISTON, J. D. **Greek Particles**. 2ª ed. Londres, Oxford University Press, 1954.

DORION, LOUIS-ANDRÉ. **Compreender Sócrates**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HARE, R. M. **Platon**. Alianza Editorial, 1982.

HAVELOCK, Eric. A. **A musa aprende a escrever. Reflexões sobre oralidade e a literacia da Antiguidade ao presente**. Lisboa: Gradiva, 1996.

HEIDEL, Willian Arthur. **Pseudo-platonica**. Baltimore: The Friedenwald Company, 1896.

HUMBERT, J. **Syntaxe Grecque**. 2ªed. Paris: Klincksieck, 1954.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LABÈY, D. **Manual de Particules Grecques**. Paris: Klincksieck, 1950.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

MARTELOTTA, M. E. A mudança linguística. In: CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. (ORG.) (2003) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p. 57-71.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M. R. & MARTELOTTA, M. E. (ORG.) (2003) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p. 17-28.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. & CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; SILVA, Lucilene Rodrigues. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J. & CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996, p. 221-235.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (ORG.), **Manual de Linguística**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MELLING, David J. **Introducción a Platón**. Alianza, 1987.

NEVES, Maria Helena M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A vertente grega da gramática tradicional**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2005.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. **Repetição em diálogos: análise funcional da conversação**. Niterói: EDUFF, 1998.

OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. **Cultura Escrita e Oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.

PLACES, Eduardo Des, S.J. **Études sus quelques particules de liaison chez Platon**. Paris: Les Belles Lettres, 1929.

PLATÃO. **Mênon**. Trad. Maura Iglésias. Edição bilingue grego-português: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2003.

PLATON. **Sísife**. Universités de France, Paris: Les Belles Lettres, 1920.

SACKS, H, SCHEGLOFF, E e JEFFERSON, G. **A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation**. Language: Baltimore, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

TEIXEIRA, Auto Lyra. **O Eutífron de Platão: alguns recursos de linguagem**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas), UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

_____. **O Hípias Maior de Platão: uma abordagem conversacional**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas), UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Análise da conversação e textos clássicos: um diálogo possível**. IN: Calíope: presença clássica / Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 18, Rio de Janeiro, 7Letras, 2008, 167: p. 14-23.

VALLS, A. T. **Análisis de la conversación**. Barcelona. Editorial Ariel, S.A., 1997.

WILLIAMS, Bernard Arthur Owen. **Platão: a invenção da filosofia**. Tradução Irley Fernandes Franco. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA, M. E. (ORG.), **Manual de Linguística**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RESUMO

O SÍSIFO: CONVERSAÇÃO E ESCRITA

Andréa dos Santos Processy

Orientador: Professor Doutor Auto Lyra Teixeira.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Este trabalho tem como objetivo a aplicação de conceitos da Análise da Conversação num texto em grego antigo, o *Sísifo*, associada à perspectiva teórica do funcionalismo, tomado em sentido amplo. Nosso enfoque conversacional ressaltou o emprego das partículas: ἦ, ἀλλά, ἄρα, ἄρα, οὖν e οὐκοῦν; das combinações: ἄρ' οὖν e ἦ γάρ; do advérbio interrogativo πῶς na construção πῶς λέγεις; do pronome interrogativo τί, seguido da partícula δέ; da forma pronominal ἔγωγε e das respostas πάνυ γε e πάνυ μὲν οὖν; das expressões recorrentes: νὰ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός·, νῆ Δία·, dos vocativos.

Levamos em consideração para tal análise o sistema de troca de turno, uma característica essencial da atividade conversacional, observando a realização dos elementos segundo sua posição no turno e o contexto comunicativo em que eles são empregados, além de verificar outras características conversacionais, tais como a elipse, a repetição.

Também é nosso objetivo a tradução integral do *corpus* selecionado.

Palavras-chave: Análise da Conversação, Língua grega, *Sísifo*.

Rio de Janeiro

Agosto 2010

ABSTRACT

SISIPHUS: CONVERSATION AND WRITING

Andréa dos Santos Processy

Orientador: Professor Doutor Auto Lyra Teixeira.

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

This work has as objective the application of Conversational Analysis on an ancient Greek text, the *Sisiphus*, associated to theoretical perspective of functionalism. Our conversational approach highlighted the employment of the particles ἦ , ἀλλά , ἄρα , ἄρα, οὖν and οὐκοῦν; of the combinations ἄρ 'οὖν and ἦ γάρ; of the interrogative adverb πῶς in the construction πῶς λέγεις; of the interrogative pronoun τί followed by the particle δέ; of the form pronoun ἔγωγε and of the answer πάνυ γε and πάνυ μὲν οὖν; of the recurrent expressions: ναὶ μὰ τὸν Δία·, πρὸς τοῦ Διός·, νῆ Δία·, of the vocatives.

We considered for such analysis the system of turn taking, an essential characteristic of the conversational activity, observing the realization of the elements according to their position in the turn and the communicative context where they are employed, besides verifying other conversational characteristics, like the ellipsis and the repetition.

Also our objective is the integral translation of the selected *corpus*.

Key-words: Conversational Analysis; Greek Language, *Sisiphus*.

Rio de Janeiro

Agosto 2010

ANEXO A – CORPUS SELECCIONADO

ΣΙΣΥΦΟΣ
(ἢ περὶ τοῦ βουλευέσθαι.)

ΣΩΚΡΑΤΗΣ ΣΙΣΥΦΟΣ

ΣΩ. Ἡμεῖς δε καὶ χθές σε πολὺν χρόνον ἀνεμείναμεν, 387b
ὦ Σίσυφε, ἐπὶ τῇ Στρατονίκου ἐπιδείξει, ὅπως ἂν
συνηκροῶ ἡμῖν ἀνδρὸς σοφοῦ πολλὰ τε καὶ καλὰ ἐπιδεικνυ-
μένου πράγματα καὶ λόγῳ καὶ ἔργῳ, καὶ ἐπεὶ σὲ οὐκέτι
ὤόμεθα παρέσεσθαι, αὐτοὶ ἤδη ἠκροώμεθα τάνδρός.

ΣΙ. Ναὶ μὰ τὸν Δία· ἀσχολία γάρ μοί τις ἐγένετο
ἀναγκαιοτέρα, ὥστε μὴ παραμελῆσαι αὐτῆς. Οἱ γάρ
ἄρχοντες ἡμῶν ἐβουλευόντο χθές· συμβουλεύειν οὖν αὐτοῖς c
ἠναγκαζόν με. Ἡμῖν δὲ τοῖς Φαρσαλίοις καὶ νόμος ἐστὶ
τοῖς ἄρχουσι πείθεσθαι, ἂν κελεύωσι συμβουλεύειν τινὰ
ἡμῶν αὐτοῖς.

ΣΩ. Ἄλλὰ καλὸν τό τε τῷ νόμῳ πείθεσθαι, τό τε ὑπό
τῶν πολιτῶν δεδοξάσθαι εὐβουλον εἶναι, ὥσπερ καὶ σὺ
δεδόξασαι εὐβουλος εἶναι εἰς τῶν Φαρσαλίων. Ἀτάρ, ὦ
Σίσυφε, ἐγὼ γὰρ οὐπω περὶ τοῦ εὖ βουλευέσθαι τούς
λόγους ἂν δυναίμην ποιήσασθαι πρὸς σέ, ἡγούμενος καὶ
σχολῆς εἶναι πολλῆς καὶ λόγου μακροῦ, ἀλλὰ περὶ αὐτοῦ d
τοῦ βουλευέσθαι πρῶτον, ὅτι ἔστιν, ἐγχειρήσαιμ' ἂν
διαλεχθῆναί σοι. Ἄρ' οὖν ἔχοις ἂν μοι εἰπεῖν αὐτό τὸ
βουλευέσθαι ὅτι ποτ' ἔστι; μή μοι ἢ τὸ εὖ ἢ κακῶς ἢ τὸ
καλῶς πως, ἀλλ' αὐτὸ μόνον τὸ βουλευέσθαι, ὁποῖόν τί
ἔστιν. Ἡ καὶ πάνυ ῥαδίως, αὐτός γε οὕτως εὐβουλος
ὢν; ἀλλὰ μὴ ἐμὴ περιεργία ἦ καὶ τὸ ἐρωτῆσαί σε περὶ
τούτου;

ΣΙ. Ἡ σοι γὰρ ἀγνωστόν ἐστιν ὅτι τὸ βουλευέσθαι
ἔστιν;

ΣΩ. Ἐμοιγε, ὦ Σίσυφε, εἰ γέ τι ἄλλο ἐστὶν ἢ ὅπερ τὸ μὴ ἐπιστάμενόν τινα περὶ ὧν ἂν δέη τι πράττειν, διαμαν- e
τευόμενον καὶ σχεδιάζοντα λέγειν ὅτι ἂν τύχη, εἰκάζοντα
καὶ κατὰ ταῦτὰ αὐτῶ, ὥσπερ καὶ οἱ ἀρτιάζοντες τῶν
ἀνθρώπων, οὐδὲν ἐπιστάμενοι δήπου περὶ τῶν ἀρτίων τε
καὶ περιττῶν ὧν ἂν ἐν ταῖς χερσὶ ταῖς αὐτῶν ἔχωσιν, 388a
ὅμως ἐπιτυχάνουσι λέγοντες περὶ τῶν αὐτῶν τάληθῆ.
Πολλάκις μὲν οὖν τοιοῦτόν τι καὶ τὸ βουλεύεσθαι ἐστίν,
οἷον μηδὲν ἐπιστάμενον περὶ ὧν ἂν βουλεύηται τις, ἀπὸ
τύχης εἰπόντα ἐπιτυχάνειν τάληθῆ. Εἰ μὲν οὖν τοιοῦτόν
ἐστί, γιγνώσκω δὴ οἷον τὸ βουλεύεσθαι ἐστίν· εἰ μὲντοι
γε μὴ τοιοῦτόν ἐστιν, οὐκ ἂν πω ἐπισταίμην αὐτό.

ΣΙ. Οὐ τοίνυν τοιοῦτόν ἐστιν ὅπερ τὸ μὴ ἐπίστασθαι
κομιδῆ μηδέ τι, ἀλλ' οἷον τὸ μὲν εἰδέναι τι τοῦ πράγματος
ἤδη, τὸ δὲ μηδέπω ἐπίστασθαι.

ΣΩ. Ἐὰρ τοιόνδε τι λέγεις τὸ βουλεύεσθαι πρὸς τοῦ b
Διός – ὥσπερ γὰρ ἂν καὶ αὐτὸς ὑπομαντεύεσθαι μοι δοκῶ
τὴν διάνοιάν σου περὶ τοῦ εἶ βουλεύεσθαι – οἷον τὸ
ζητεῖν τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τινα ἑαυτῶ διαπράξασθαι,
μηδέπω δὲ ἐπίστασθαι σαφῶς, ἀλλ' ὥσπερ ἐν νοήσει τινὰ
εἶναι; Τοῦτο οὐχ οὕτω πως λέγεις;

ΣΙ. Ἐγωγε.

ΣΩ. Ζητοῦσι δ' οἱ ἄνθρωποι πότερον ἢ ἂν ἐπιστῶνται c
τῶν πραγμάτων, ἢ καὶ ἢ ἂν μὴ ἐπιστῶνται;

ΣΙ. Ἀμφότερα.

ΣΩ. Ἐὰρ οὖν καὶ τοῦθ' οὕτως πως λέγεις, τὸ ζητεῖν
ἀμφότερα τοὺς ἀνθρώπους, ἢ ἂν τε ἐπιστῶνται καὶ ἢ ἂν

μη̄ ἐπιστῶνται, ὅμοιον ὥσπερ εἶ τις Καλλίστρατον
γιγνώσκοι μὲν ὅστις ὁ Καλλίστρατος, μή μέντοι ἐπίσταιτο
ὅπου εἶη ἐξευρεῖν, [οὐχ ὅστις εἶη ὁ Καλλίστρατος]. Ἐὰρ
οὕτω πως λέγεις τὸ ζητεῖν εἶναι ἀμφότερα;

ΣΙ. Ἐγωγε.

ΣΩ. Οὐκοῦν ἐκείνο μὲν οὐκ ἂν ζητοίη, τὸν Καλλί-
στρατον εἰδέναι, ὅ γε εἰδώς;

d

ΣΙ. Οὐ γάρ.

ΣΩ. Ὅπου δέ γε εἶη, ζητοίη ἂν αὐτόν.

ΣΙ. Ἐμοιγε δοκεῖ.

ΣΩ. Οὐκοῦν οὐδὲ τοῦτο ἐζήτει, ὅπου ἦν ἐξευρεῖν
αὐτόν, εἰ ἦδει· ἀλλ' ἐξηῦρεν ἂν εὐθέως;

ΣΙ. Ναί.

ΣΩ. Οὐκ ἄρα ταῦτά γε δὴ ζητοῦσιν ἅττα ἂν ἐπι-
στῶνται οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ ἃ ἂν μη̄ ἐπιστῶνται, ὡς ἔοικεν.
Εἰ δέ σοι οὗτος ὁ λόγος ἐριστικός εἶναι δοκεῖ, ὡς Σίσυφε,
καὶ μὴ τοῦ πράγματος ἕνεκα λέγεσθαι ἀλλ' αὐτοῦ τοῦ
διαλέγεσθαι μόνον, σκόπει δὲ καὶ ὧδε ἔαν δοκῇ σοι οὕτως
ἔχειν ὥσπερ καὶ νῦν λέγεσθαι. Ἐὰρ γὰρ οὐκ ἐν τῇ γεωμετρίᾳ
οἶσθα τοῦτο γιγνόμενον· ἀγνοουμένην τὴν διάμετρον τοῖς
γεωμέτραις, οὐκ εἰ διάμετρος ἐστίν ἢ μή – οὐδέ γὰρ οὐδέ
ζητεῖται τοῦτο ὑπ' αὐτῶν εὐρεθῆναι – ἀλλ' ὅποση τις
ἐστί μετρώ προς τὰς πλευράς τῶν χωρίων ὧν ἂν δια-
τέμνη; Ἐὰρ οὐ τοῦτό ἐστίν αὐτὸ τὸ ζητούμενον περὶ
αὐτῆς;

e

ΣΙ. Ἐμοιγε δοκεῖ.

ΣΩ. Ὅπερ καὶ ἀγνοεῖται. Ἡ γάρ ;

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣΩ. Τί δέ ; Ὁ τοῦ κύβου διπλασιασμός οὐκ οἶσθ' ὅτι ζητεῖται τοῖς γεωμέτραις ὅπόσος τίς ἐστὶν εὐρεθῆναι λόγῳ ; αὐτός δὲ ὁ ἡύβος οὐ ζητεῖται αὐτοῖς εἰ κύβος ἐστὶν ἢ μή, ἀλλ' ἐπίστανται τούτῳ γε. Ἡ γάρ ;

ΣΙ. Ναί.

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ περὶ τοῦ ἀέρος Ἀναξαγόραν τε καὶ 389a
Ἐμπεδοκλέα καὶ τοὺς ἄλλους τοὺς μεταρσιολέσχας
ἅπαντας οἶσθα ζητοῦντας πότερον ἄπειρός ἐστιν ἢ πέρασ
ἔχων ;

ΣΙ. Ναί.

ΣΩ. Ἄλλ' οὐκ ἐκείνο, εἰ ἀήρ ἐστὶν. Ἡ γάρ ;

ΣΙ. Οὐ δῆτα.

ΣΩ. Συγχωρήσαις ἂν οὖν μοι καὶ κατὰ τῶν ἄλλων
πάντων οὕτως ἔχειν ἤδη, μηδέν μηδενὶ εἶναι ζητεῖν τῶν
ἀνθρώπων ὧν ἂν ἐπίστηταί τις, ἀλλὰ μάλλον ὧν ἂν μὴ
ἐπίστηται ;

ΣΙ. Ἐγωγε.

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τὸ βουλευέσθαι τοῦτο ἐδόκει ἡμῖν b
εἶναι αὐτό, τὸ ζητεῖν τὰ βέλτιστά τινα ἐξευρεῖν περὶ ὧν
ἂν δέοιτο διαπράττεσθαι αὐτῷ ;

ΣΙ. Ναί.

ΣΩ. Τὸ δε ζητεῖν γε ὅπερ τὸ βουλευέσθαι ἦν περὶ τῶν πραγμάτων. Ἦ γάρ ;

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

ΣΩ. Οὐκ οὖν σκεπτέον ἡμῖν ἐστὶ νῦν ἤδη τί ἐστὶν ἐμποδῶν τοῖς ζητοῦσι περὶ ὧν ἂν τὴν ζήτησιν ποιῶνται εἰς τὸ ἐξευρεῖν.

ΣΙ. Ἐμοιγε δοκεῖ.

ΣΩ. Ἄρ' οὖν ἄλλο τι φαίημεν ἂν αὐτοῖς ἐμποδῶν εἶναι ἢ τὴν ἀνεπιστημοσύνην ;

c

ΣΙ. Σκοπῶμεν νῆ Δία.

ΣΩ. Ὑπερφυῶς μὲν οὖν, τὸ λεγόμενον γε, πάντα κάλων ἐφεντες καὶ πᾶσαν φωνὴν ἀφιέντες. Ἄθρει δὲ δὴ μετ' ἐμοῦ τόδε· Ἄρά γε νομίζεις οἶόν τέ τι εἶναι ἀνθρώπῳ περὶ μουσικῆς βουλευέσθαι, μήτε ἐπισταμένῳ περὶ μουσικῆς, μηδὲ ὅπως ἢ κιθαριστέον εἴη αὐτῷ ἢ ἄλλο τι τῶν κατὰ μουσικὴν ποιητέον ;

ΣΙ. Οὐκ ἔγωγε.

ΣΩ. Τί δε περὶ στρατηγίας ἢ κυβερνητικῆς; τὸν μὴ ἐπιστάμενον μηδέτερα τούτων οἶει ἔχειν ἂν τι βουλευέσθαι περὶ τούτων τοῦ ἑτέρου ὅτι ποιητέον εἴη αὐτῷ ; ὅπως ἢ στρατηγητέον ἢ κυβερνητέον ἐκείνῳ αὐτῷ τῷ μὴ ἐπισταμένῳ μήτε στρατηγεῖν μήτε κυβερνᾶν ;

d

ΣΙ. Οὐχί.

ΣΩ. Ἡ καὶ περὶ τῶν ἄλλων οὖν ἀπάντων οὕτως ἀξιότις ἔχειν, περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, μὴ εἰδέναι μηδέ βουλεύεσθαι πῶς δυνατὸν τῷ μὴ ἐπισταμένῳ περὶ αὐτῶν;

ΣΙ. Ἐγωγε.

ΣΩ. Ἄλλὰ ζητεῖν περὶ ὧν ἂν τις μὴ ἐπιστήμων ἦ. Ἡ γάρ;

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

ΣΩ. Τὸ μὲν αὐτὸ ἄρα οὐκ ἂν ἔτι εἶη τὸ ζητεῖν τῷ βουλεύεσθαι.

ΣΙ. Πῶς δῆ;

ΣΩ. Ὅτι τό μὲν ζητεῖν ἐστὶ δήπου ἐπὶ τούτοις οἷς ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, τὸ δὲ βουλεύεσθαι οὐχ οἷόν τ' εἶναι δοκεῖ περὶ ταῦτα ἀνθρώπων, περὶ ἃ ἂν τις μὴ ἐπιστήμων ἦ. Ἡ οὐχ οὕτως ἐλέχθη;

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣΩ. Οὐκοῦν ὑμεῖς χθες ἐζητεῖτε τὰ βέλτιστα ἐξευρεῖν τῇ πόλει, οὐκ ἠπίστασθε δὲ αὐτά; εἰ γὰρ ἠπίστασθε, οὐκ ἂν ἔτι δήπου ἐζητεῖτε αὐτά, ὥσπερ οὐδὲ ἄλλο οὐδὲν ὧν ἂν ἐπιστώμεθα ζητοῦμεν. Ἡ γάρ;

ΣΙ. Οὐ γάρ οὖν.

ΣΩ. Πότερον οὖν σοι δοκεῖ χρῆναι, ὡς Σίσυφε, ἂν μὴ ἐπίστηταί τις, ζητεῖν ἢ μανθάνειν;

ΣΙ. Μανθάνειν ἔμοιγε νῆ Δία.

ΣΩ. Ὅρθως γέ σοι δοκεῖ. Ἄλλ' ἄρα γε καὶ διὰ τοῦτό σοι 390a
δοκεῖ χρῆναι μανθάνειν μᾶλλον ἢ ζητεῖν, διότι θᾶπτον ἂν
καὶ ῥᾶον ἐξεύροι τις, εἰ παρὰ τῶν ἐπισταμένων μανθάνοι,
ἢ εἰ αὐτὸς ὁ μὴ εἰδὼς ζητοίη; ἢ δι' ἄλλο τι;

ΣΙ. Οὐκ, ἀλλὰ διὰ τοῦτο.

ΣΩ. Τί οὖν οὐκ ἀμελήσαντες χθὲς ὑμεῖς τοῦ βου-
λεύεσθαι περὶ ὧν ἂν μὴ ἐπίστασθε, καὶ τοῦ ζητεῖν τὰ
βέλτιστα διαπράττεσθαι ἐν τῇ πόλει, ἐμανθάνετε παρὰ
τῶν ἐπισταμένων τινός, ὅπως ἂν ἐδύνασθε τὰ βέλτιστα b
διαπράττεσθαι τῇ πόλει; ἀλλ' ἐδοκεῖτέ μοι τὴν ἡμέραν
ὄλην τὴν χθὲς αὐτοσχεδιάζοντες καὶ διαμαντευόμενοι
καθῆσθαι περὶ ὧν οὐκ ἠπίστασθε, ἀμελήσαντες μανθάνειν,
οἳ τε ἄρχοντες τῆς πόλεως καὶ σὺ μετὰ τούτων. Ἴσως
δ' ἂν φαίης ταῦτα ἐμοί τε εἶναι πεπαιγμένα πρὸς σὲ τοῦ
διαλεχθῆναι μόνον εἵνεκα, σοί τε οὐκ ἐσπουδασμένως ἀπο-
δεδεῖχθαι.

Ἄλλὰ τοῦτό γε πρὸς Διός, ὧ Σίσυφε, σκόπει νῦν c
σπουδῇ· εἰ δοθείη τὸ βουλευσασθαι τι εἶναι, καὶ μὴ ὥσπερ
νῦν οὐδεν ἐξευρίσκειται ἄλλο ὄν ἢ ὅπερ [ἀνεπιστημοσύνη]
τε καὶ εἰκασία καὶ σχεδιασμός, ὄνόματι σεμνοτέρῳ μόνον
κεχρημένον τούτῳ, ἄλλῳ δ' οὐδενί, ἄρ' ἂν οἶει αὐτῷ
διενεγκεῖν τι ἐτέρους ἐτέρων πρὸς τὸ εὖ βουλευσασθαι τε
καὶ εὐβούλους εἶναι, ὥσπερ καὶ ἐν ταῖς ἄλλαις ἐπιστήμασι
ἀπάσαις διαφέρουσιν ἕτεροι ἐτέρων, τέκτονες τεκτόνων
ἰατροί τε ἰατρῶν αὐληταὶ τε αὐλητῶν, οἳ τε ἄλλοι d
δημιουργοὶ ἅπαντες, αὐτοὶ τε αὐτῶν διαφέρουσιν; ὥσπερ
καὶ οὔτοι οἳ ἐν ταύταις ταῖς τέχνασι, ἢ οὕτως καὶ ἐν τῷ
βουλευσασθαι οἶει ἂν τι διενεγκεῖν ἐτέρους ἐτέρων;

ΣΙ. Ἐγωγε.

ΣΩ. Εἶπε δὴ μοι· οὐχ ἄρα ντες οἱ τε εὖ βουλευόμενοι
καὶ οἱ κακῶς περὶ μελλόντων τινῶν ἔσεσθαι βουλευόνται ;

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣΩ. Ἄλλο τι οὖν ἢ τὰ μέλλοντα οὕτω ἐστίν ;

ΣΙ. Οὐ γὰρ δὴ.

ΣΩ. Εἰ γὰρ εἴη, οὐκ ἂν ἔτι δήπου μέλλοι ἔσεσθαι,
ἀλλ' εἴη ἂν ἤδη. Ἦ γάρ ;

e

ΣΙ. Ναί.

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ μήπω ἐστίν, οὕτως οὐδέ γέγονε τὰ μή
ὄντα ;

ΣΙ. Οὐ γάρ.

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ μήπω μηδε γέγονεν, οὕτω οὐδέ φύσιν
ἔχει οὐδεμίαν αὐτῶν ;

ΣΙ. Οὐ γὰρ οὖν.

ΣΩ. Ἄλλο τι οὖν ἢ οἱ τε εὖ βουλευόμενοι καὶ οἱ κακῶς
ἅπαντες βουλεύονται περὶ πραγμάτων οὔτε ὄντων οὔτε
γεγενημένων οὔτε φύσιν οὐδεμίαν ἔχόντων, ὅταν περὶ τῶν
μελλόντων βουλεύωνται ;

ΣΙ. Φαίνονταί γε.

ΣΩ. Δοκεῖ οὖν σοι δυνατόν εἶναι τοῦ μή ὄντος τυχεῖν
τινι ἢ εὖ ἢ κακῶς ;

ΣΙ. Πῶς τοῦτο λέγεις;

ΣΩ. Ἐγώ σοι φράσω ὃ γε βούλομαι εἰπεῖν. Σκόπει γάρ. Πῶς ἂν τοξοτῶν πολλῶν διαγνοίης τόν τε χρηστὸν καὶ τὸν πονηρὸν ὅστις εἴη αὐτῶν; ἢ τοῦτου μὲν οὐ χαλεπὸν εἰδέναι; ἴσως γὰρ ἂν κελεύοις αὐτοὺς ἐπὶ σκοποῦ τινος τοξεύειν. Ἦ γάρ;

391a

ΣΙ. Πάνυ μὲν οὖν.

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τὸν πλειστάκις βάλλοντα τοῦ σκοποῦ κατ' ὀρθὸν κρίνοις ἂν νικᾶν;

ΣΙ. Ἔγωγε.

ΣΩ. Εἰ δὲ σκοπὸς μηδεὶς εἴη κείμενος αὐτοῖς τοῦ τοξεύειν, ἀλλ' ἕκαστος βάλλοι ὅπως βούλοιτο, πῶς ἂν διαγνοίης τὸν εὖ ἢ κακῶς τοξεύοντα αὐτῶν;

ΣΙ. Οὐδαμῶς.

b

ΣΩ. Οὐκοῦν καὶ τοὺς βουλευόμενους ἢ εὖ ἢ κακῶς, εἰ μὴ ἐπίσταντο περὶ ὅτου βουλεύοντο, ἀπορήσειας ἂν διαγνῶναι;

ΣΙ. Ἔγωγε.

ΣΩ. Οὐκοῦν εἰ περὶ μελλόντων πραγμάτων βουλεύονται οἱ βουλευόμενοι, περὶ τῶν οὐκ ὄντων βουλεύονται;

ΣΙ. Πάνυ γε.

ΣΩ. Οὐκοῦν τοῦ γε μὴ ὄντος οὐχ οἷόν τ' οὐδενὶ τυχεῖν

ἔστι ; πῶς γὰρ ἂν τίς σοι δοκεῖ τοῦ μὴ ὄντος δύνασθαι
τυχεῖν ;

ΣΙ. Οὐδαμῶς.

c

ΣΩ. Οὐκοῦν ἐπειδὴ οὐκ ἔστι τοῦ μὴ ὄντος τυγχάνειν
οἷόν τε, οὐδεὶς ἂν ἔτι περὶ τῶν μὴ ὄντων βουλευόμενος
τυγχάνοι ; τὰ γὰρ μέλλοντα τῶν οὐκ ὄντων ἐστίν. Ἡ
γάρ ;

ΣΙ. Ἐμοιγε δοκεῖ.

ΣΩ. Οὐκοῦν οὐδ' ὁ μὴ τυγχάνων τῶν μελλόντων , οὐδεὶς
ἂν οὔτ' εὐβουλος οὔτε κακόβουλος εἴη ἀνθρώπων ἔτι ;

ΣΙ. Οὐ φαίνεται.

ΣΩ. Οὐδέ γε εὐβουλότερος οὐδὲ κακοβουλότερος ἕτερος
ἑτέρου εἶναι, εἰ καὶ μὴ ἐπιτυχεστέρος καὶ ἀποτυχεστέρος
εἴη τοῦ μὴ ὄντος.

d

ΣΙ. Οὐ γὰρ οὔν.

ΣΩ. Πρὸς τὶ οὔν ποτε ἀποβλέποντες ἄνθρωποι πράγμα,
ἀποκαλοῦσιν ἀνθρώπους εὐβούλους τε καὶ κακοβούλους εἶναι
τινας ; Ἄρα γε ἄξιόν ἐστι καὶ αὐθὶς ποτε περὶ αὐτοῦ
ἐνθυμηθῆναι, ὧς Σίσυφε ;